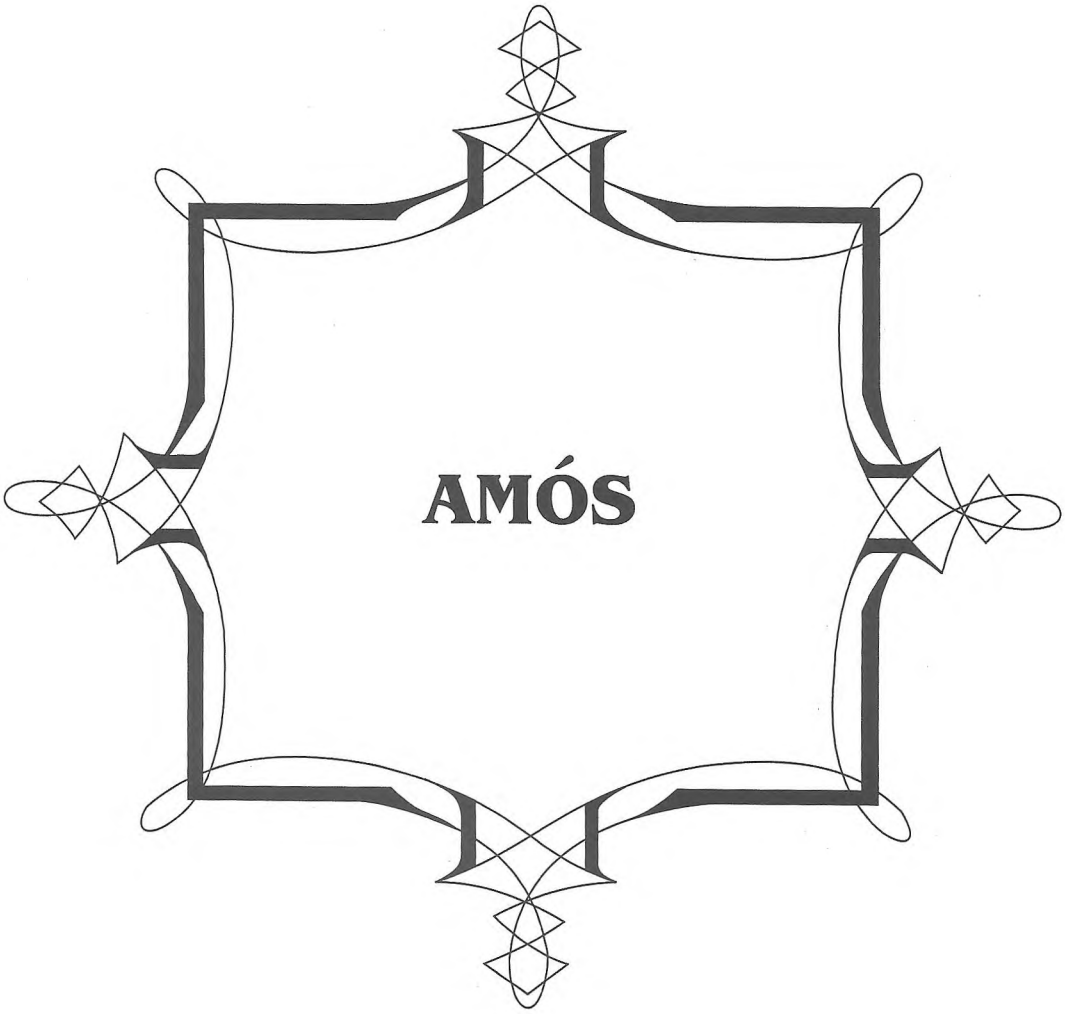
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

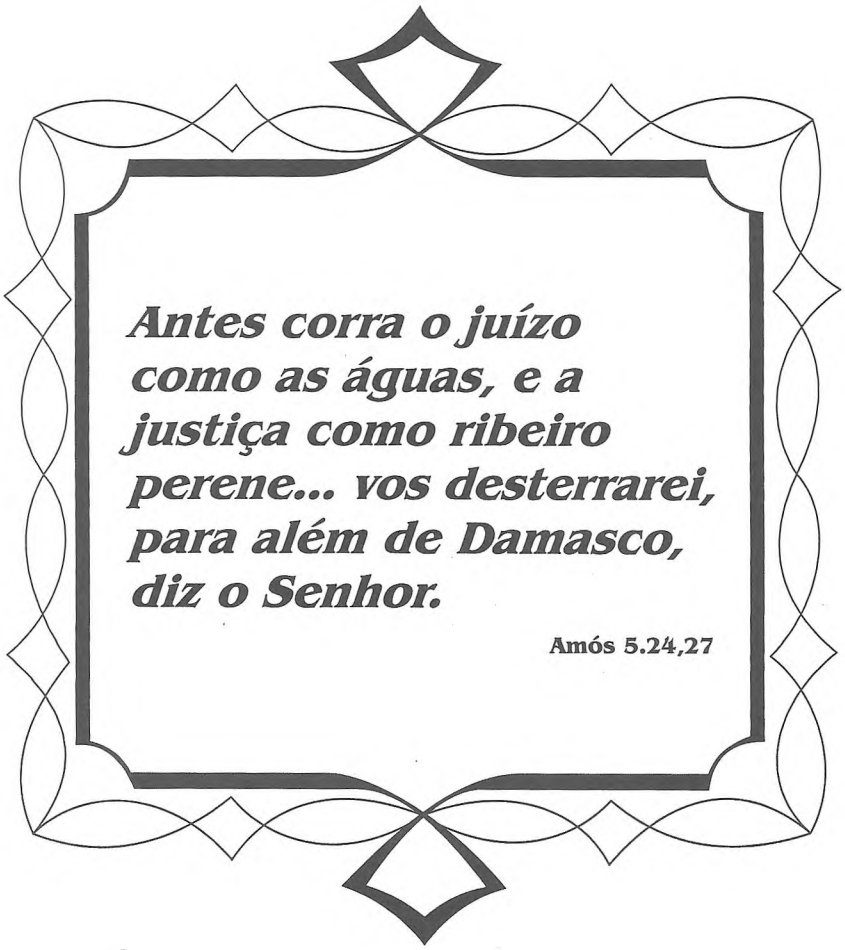
AMÓS

HAGNOS



AMÓS

O Livro que Descreve as Injustiças que Provocaram o Cativeiro Assírio


Antes corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene... vos desterrarei, para além de Damasco, diz o Senhor.
Amós 5.24,27

Amós

9 Capítulos
146 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Pano de Fundo
II. Data
III. Autoria e Unidade
IV. Lugar de Origem e Destino
V. Canonicidade e Texto
VI. Mensagem e Conteúdo
VII. Amós e o Novo Testamento
VIII. Bibliografia

Introdução. Amós foi um dos doze profetas menores, sendo nativo de Tecoa, cidade dez quilômetros ao sul de Belém. Era pastor, mas foi chamado por Deus a fim de profetizar nos dias dos reis Uzias, de Judá, e Jeroboão, de Israel, em cerca de 786—746 A.C. Os *profetas menores* não são aqueles que se revestem de menor importância, como alguns poderiam entender a expressão, mas, sim, aqueles que *escreveram menos.* A vida tranqüila de Amós foi perturbada por uma série de visões que o levaram à conclusão hesitante de que Israel estava prestes a ser aniquilada como nação, a despeito de afirmar-se sob a perpétua proteção de Deus. Yahweh, que lhe deu a mensagem, é visto como o Criador e Soberano de toda a natureza, bem como o Justo Juiz da história, na qual intervém assim como faz em relação à vida humana. Isso expõe um ponto de vista *teísta,* e não *deísta,* de Deus. Ver no *Dicionário* os artigos sobre esses termos. O teísmo ensina que Deus não somente criou, mas também está interessado e intervém em Sua criação, recompensando ou punindo. Por sua vez, o deísmo ensina que o criador, ou alguma força cósmica que deu origem às coisas, abandonou a criação ao controle das leis naturais.

I. Pano de Fundo

Uzias, de Judá, e Jeroboão II, de Israel (ambos reinaram no mesmo período), desfrutaram de paz e prosperidade. Os inimigos militares estavam quietos ou haviam sido esmagados. A Assíria havia derrotado a Síria, permitindo que Jeroboão II ampliasse suas fronteiras (ver II Reis 14.25). O comércio trouxe novo surto de riquezas. Tanto Judá (ao sul) quanto Israel (ao norte) cresceram, e o reino de Israel combinado com o de Judá chegou a ter quase as mesmas dimensões que tivera na época de Davi e Salomão, a época áurea de Israel. Embora a Assíria estivesse se tornando uma ameaça militar, sob o governo de Tiglate-Pileser III (745—727 A.C.), qualquer ameaça vinda daquela direção parecia remota àqueles que descansavam na prosperidade de Israel.

Sucedeu que a prosperidade material, como é usual, provocou suas corrupções sociais e religiosas. A vida fácil estava debilitando moralmente o povo (ver Amós 2.6-8; 5.11,12). Amós sentiu ser necessário denunciar a vida de luxo, a idolatria e a depravação moral do povo, advertindo sobre julgamento e cativeiro final. A adoração do Baal dos cananeus foi incorporada ao culto de Israel, e a arqueologia tem demonstrado que a religião cananéia contemporânea do profeta era a mais corrupta que havia no Oriente Próximo. A prostituição ritual fazia parte desse culto. Alcoolismo, violência, grosseira sensualidade e idolatria eram fatores constantes. Israel participava dessa corrupção (ver Amós 4.4,5 e 5.5), corrompendo totalmente o ideal do *monoteísmo* (ver no *Dicionário* o artigo a respeito). A degradação geral degenerou para a injustiça judicial, em que os ricos exploravam os pobres, produzindo um virtual estado escravocrata.

A arqueologia tem trazido a lume evidências da extensão da prosperidade comercial nessa época, em Samaria, riquezas que se espalhavam para outras partes de Israel. As ostraca samaritanas, atribuídas ao reinado de Jeroboão II, sessenta e três casos inscritos à tinta, recuperados em 1910, encontrados pela expedição Harvard à Samaria, em ruínas a oeste do local do palácio real, contêm detalhes sobre comércio, impostos e itens luxuosos, e sobre o vinho e o azeite. O selo de jaspe de Sema, servo de Jeroboão, descoberto em Megido, em 1904, ilustra as realizações artísticas do povo daquela época. Seus leitos eram decorados com engastes de mármores, com representações de lírios, veados, leões, esfinges e figuras humanas aladas. Foi um período de vida ociosa, riqueza, arte e lassidão moral. Em outras palavras, Israel se tornara uma nação doente, como sucede à maioria das sociedades abastadas. A opressão contra os pobres era intensa (ver Amós 2.6 ss.), os famintos permaneciam à míngua (ver Amós 6.3-6), a justiça se vendia a quem subornasse mais (ver Amós 2.6 e 8.6), os agiotas exploravam suas vítimas (ver Amós 5.11 ss.; 8.4-6). A religião não era negligenciada, mas havia sido pervertida (ver Amós 3.4; 4.4 e 7.9). O julgamento divino era iminente.

II. Data

Corria o segundo quartel do século VIII A.C., durante os reinados de Uzias, rei de Judá (779—740 A.C.) e Jeroboão, rei de Israel (Samaria) (783—743 A.C.). Esses dois reis reinaram ao mesmo tempo pelo espaço de trinta anos, de 779 a 743 A.C. Durante parte desse tempo, Amós profetizou e escreveu o seu livro. Foi-lhe ordenado que retornasse à sua terra natal de Judá, após ter pregado em Israel durante algum tempo (ver Amós 7.10-13), e isso pôs fim à sua carreira como profeta de Yahweh. Não há como determinar a data exata da escrita de seu livro, embora o período geral seja óbvio.

III. Autoria e Unidade

a. *O Homem Amós.* Nasceu em Tecoa, aldeia dez quilômetros ao sul de Belém. Era pastor, sem treinamento teológico, acerca de quem nada sabemos até o momento de sua chamada. Também trabalhava como cultivador de sicômoros (ver Amós 7.14). Migrava em certo período do ano para o território mais fértil de Efraim, onde trabalhava com os sicômoros. Portanto, era um *leigo* humilde e seminômade, e não um membro da classe profética (ver I Reis 22.6 ss.), tendo-se recusado a ser chamado de profeta, embora admitisse ter sido forçado a entrar no ministério profético, por comissão divina. Em uma série de visões, provavelmente no fim da primavera ou no verão de 751 ou 750 A.C. (ver Amós 7.1-9 e 8.1-3), ele recebeu sua espantosa mensagem concernente à iminente destruição e deportação do povo de Israel. Foi acusado de conspiração contra Jeroboão e ameaçado por Amazias, sumo sacerdote de Betel. Após ter cumprido sua missão, Amós retornou a Judá. Permanecem desconhecidos o tempo e a maneira de sua morte, bem como quaisquer detalhes subseqüentes de sua vida.

b. *A Escrita.* Como é óbvio, a mensagem de Amós foi genuinamente preservada no livro intitulado por seu nome. Mas o texto hebraico não indica que o próprio Amós tenha escrito o livro. Alguns supõem que as profecias de Amós existiam a princípio como tradição oral, posteriormente reduzida à forma escrita por uma ou mais pessoas. Contra isso argumenta-se que a notável rigidez do texto hebraico do livro, além de sua evidente unidade, sugere, se não mesmo prova, que Amós ou um amanuense de sua escolha tenha escrito o livro. Naturalmente, não há como provar coisa alguma no tocante a isso. O evangelho de Marcos poderia ser intitulado evangelho de Pedro, visto que preserva, essencialmente, suas memórias (embora, como é óbvio, tenha havido outras fontes informativas). Isso é verdade, embora o próprio Pedro não tenha escrito o evangelho de Marcos. Por igual modo, o livro de Amós pode com razão ser chamado "livro de Amós", porquanto preserva a mensagem desse profeta, mesmo que não tenha sido produção literária de sua pena.

c. Unidade. O vocábulo *unidade* é usado para destacar se a matéria do livro em pauta vem de um mesmo período, por um único autor, ou se representa uma compilação e obra de um editor (ou editores, em diferentes períodos). Alguns problemas sugeridos: 1. Alguns estudiosos propõem que as visões (ver Amós 7.1-9; 8.1-3 e 9.1-4) pertencem a um período anterior à missão de Amós em Israel, e que já existiam como um documento separado antes do terremoto

(ver Amós 1.1), o que serviu para salientar a mensagem condenatória dessas visões. A isso, presumivelmente, foi adicionado o trecho de Amós 8.4-14 algum tempo mais tarde. 2. Em seguida, os capítulos primeiro a sexto são encarados como uma unidade separada, coligida no final do ministério de Amós em Israel. Então, presumivelmente esses dois documentos foram unidos nos dias do exílio ou após o exílio. 3. A essa combinação, foram acrescentados alguns comentários editoriais. Dois documentos separados seriam sugeridos na terminologia de Amós 1.1, "Palavras que, em visão, vieram a Amós..." e em Amós 7.1. "Isto me fez ver o Senhor...", onde a palavra "visão" não é diretamente usada. 4. Outros estudiosos aceitam o livro como essencialmente uno, embora supondo que tenha havido pequenas adições, sugerindo como tais os trechos de Amós 1.9,10,11,12 e 2.4,5, além das três doxologias em 4.13; 5.8 e 9.5,6, e a passagem messiânico-milenial de 9.11-15. Outros retrucam que essas supostas adições são fragmentos de imaginações dos eruditos, que entendem mal a história do desenvolvimento da religião de Israel. Conceitos posteriores, segundo alguns, poderiam ter existido em uma época anterior à que geralmente se supõe. Contra a dupla divisão do livro, alguns argumentam que um exame cuidadoso do livro revela não haver diferença real entre essas duas porções, quanto ao conteúdo ou à natureza teológica, e que dividir o livro em "palavras" (primeira seção) e "visões" (segunda seção) é um artificialismo que não resiste à investigação séria. A conclusão disso tudo é que o livro é essencialmente uma unidade homogênea, com algumas possíveis adições editoriais, feitas ou pelo escriba original, ou por algum editor posterior. E, contrariando o argumento de que houve adições teológicas pertencentes a uma data posterior (o que teria ocorrido em Amós 4.13; 5.8 e 9.5,6), alguns salientam que as supostas idéias posteriores, ali contidas, já se encontram firmemente arraigadas na lei mosaica. (Idéias envolvidas: Deus como criador, desconhecido, majestático; o controlador de toda a natureza, misterioso em Sua atuação, imanente na natureza, causa de tudo quanto acontece. Esses conceitos são expressos em forma poética exaltada, mas todos eles podem ser vistos nas mais antigas Escrituras Sagradas, pelo que não refletem necessariamente uma época posterior à de Amós.)

IV. Lugar de Origem e Destino

Conforme já dissemos, Amós era de Tecoa, dezesseis quilômetros ao sul de Jerusalém, atualmente representada pelas ruínas de um local de cinco acres de área, em Khirbet Taqu'a. Amós foi para Samaria e profetizou em Betei, de onde foi expulso. Então voltou para sua casa. É impossível dizermos onde Amós escreveu seu livro, ou se escreveu porções dele em diversos lugares (ver Amós 1.1 e 7.12,14,15). Embora tivesse profetizado no reino do norte (Israel), suas profecias foram endereçadas a todo o povo israelita, do norte e do sul, de Israel e Judá (ver Amós 1.1 e 2.4), incluindo uma denúncia contra todas as nações que se recusam a adorar a Deus de maneira certa e corrompem seus caminhos (ver Amós 1.3,6,9,11 e 2.1,4,6).

V. Canonicidade e Texto

Amós aparece como o terceiro entre os doze profetas menores. Mas, cronologicamente, ele foi um dos primeiros profetas escritores. O livro é amplamente confirmado por autoridades judaicas e cristãs, como Filo, Josefo, o Talmude e, naturalmente, catálogos do cristianismo antigo, desde os primórdios cristãos. Nos dias de Jesus, os fariseus aceitavam os Salmos e os Profetas como livros canônicos, juntamente com o Pentateuco; mas os saduceus aceitavam somente o Pentateuco como canônico. Os judeus da dispersão aceitavam os escritos apócrifos, representados na Septuaginta, tradução da Bíblia hebraica para o grego. (Ver no *Dicionário* o artigo sobre os *Livros Apócrifos*.) O Novo Testamento cita e faz alusão a esses livros, e podemos supor que os cristãos primitivos (pelo menos muitos deles) defendessem o cânon representado pela Septuaginta. Seja como for, Amós era livro canônico na situação cristão judaica, com a única exceção dos saduceus. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *o cânon.*

O texto hebraico do livro de Amós acha-se em boas condições, embora alguns eruditos vejam problemas nos trechos de 2.7; 3.13; 5.6,26; 7.2 e 8.1, onde sugerem textos variantes e emendas. A versão da Septuaginta, além de outras versões antigas, parece ter sido traduzida de um texto relacionado ao *texto massorético* (ver no *Dicionário* o artigo a respeito). Os fragmentos do livro de Amós, encontrado nas cavernas de Qumran, não apresentam diferenças importantes em relação ao texto tradicional, embora a Septuaginta algumas vezes exponha o texto correto, e não esse texto.

VI. Mensagem e Conteúdo

a. *O Conceito de Deus.* Amós tinha um elevado conceito de Deus. Deus é o criador (4.13), além de ser o sustentador da criação (4.8; 9.6). Deus julga e castiga o pecado sob a forma de fome (ver 4.6-11), ou confere a abundância (9.13). Deus controla o destino dos povos (1.5). Ele é o Juiz e o determinador das leis morais, considerando os homens responsáveis por seus atos (1.3—2.3).

b. *A Lei Moral.* Amós deixou claro que nenhuma formalidade, rito, cerimônia, festividade ou nenhum outro fator, pode substituir a moralidade e a piedade básicas. Se os homens não seguirem as implicações dessa verdade, terão de enfrentar o julgamento (ver 5.27). Deus ameaça os ímpios (9.1) e denuncia a injustiça social (ver 2.6-8; 4.1 ss. e 6.1 ss.).

c. Arrependimento. Esse é o objetivo colimado das profecias condenatórias (ver 5.4,11,15,24).

d. *O Julgamento Não é a Palavra Final.* O profeta encerra com uma promessa de dias mais brilhantes (ver Amós 9.11-15), dizendo que essa será a obra divina no futuro. Ver Rom. 11.26. Contudo, a profecia de Amós foi rejeitada. E suas ameaças tiveram cumprimento, cerca de cinqüenta anos depois.

Esboço do Conteúdo:

I. Juízos Proferidos contra Várias Nações: Damasco, Filístia, Fenícia, Edom, Amom, Moabe (1.1—2.3), Israel (2.6-16) e Judá (2.4,5)
II. Acusação de Deus contra a Família de Jacó (3.1—9.10)
1. Três sermões de denúncia (3.1—6.15)
2. Cinco visões simbólicas (7.1—9.10)
III. A Futura Bênção do Reino Dada a Israel (9.11-15)
1. O reinado do Messias (9.11,12)
2. A prosperidade do milênio (9.13)
3. A nação judaica restaurada (9.14,15)

VII. Amós e o Novo Testamento

Estêvão, em seu discurso diante do Sinédrio (ver Atos 7.42,43), citou o trecho de Amós 5.25-27. Tiago, falando diante do concílio de Jerusalém (ver Atos 15.16), citou o trecho de Amós 9.11. Essa circunstância demonstra naturalmente que Amós, um livro do Antigo Testamento, era considerado autorizado, por judeus e cristãos do século I D.C.

VIII. Bibliografia

AM CRI HAR I ND UN Z

Ao Leitor

O leitor sério, antes de lançar-se ao estudo deste livro, lerá a *Introdução,* que aborda questões importantes como pano de fundo histórico; data; autoria e unidade; lugar de origem e destino; canonicidade e texto; mensagens e conteúdo; Amós e o Novo Testamento.

Ver o gráfico sobre os profetas de Israel e de Judá, na introdução ao livro de Oséias. Ali Amós aparece como o terceiro profeta, em sentido cronológico. As datas são: Joel (837-800 A. C.); Jonas (825-782 A. C.); e, então, Amós (810-785 A. C.). A data de Joel, entretanto, é controvertida, e uma data próxima do cativeiro babilônica pode ser correta. Alguns estudiosos supõem que Amós seja o livro mais antigo do cânon hebraico dos profetas. Isso significaria que foi Amós

quem começou a orgulhosa tradição dos profetas em Israel e Judá. "Amós é o mais antigo dos profetas, cujas declarações ficaram registradas nos livros que têm seus nomes. O ministério de Amós (na primeira metade do século VIII A. C.) teve grande significação na época, conforme o qual, em face das grandes crises da história, o povo foi levado ao conhecimento mais profundo e mais rico do ser e da natureza de Deus, que os capacitou a sobreviver ao fim trágico de suas carreiras como nação, tornando-se o veículo da revelação distintiva de Deus sobre Si mesmo ao Seu mundo" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*).

Amós é um dos chamados *Profetas Menores* (ver a respeito no *Dicionário),* os quais escreveram menos volumosamente do que os *Profetas Maiores* (ver também no *Dicionário*, a saber, Isaías, Jeremias e Ezequiel). Há *doze* profetas menores, e a *ordem* em que seus livros são postos em nossa Bíblia (os últimos doze livros do Antigo Testamento) não é cronológica. A ordem em que esses livros foram colocados, tanto na Bíblia hebraica como na Septuaginta, varia. Os eruditos judaicos chamavam esses doze livros de *Livro dos Doze,* porquanto apareciam em um único rolo.

Amós teve seu ministério durante o longo, pacífico e próspero reinado de Jeroboão II (786-745 A. C.). A nação de Israel adquiriu riquezas consideráveis e possessões territoriais, e Amós teve a tarefa de denunciar os pecados do povo em uma época de prosperidade. Por causa dessa mensagem que se impôs ao povo, a vida das autoridades foi perturbada, e o profeta Amós recebeu amarga oposição. Ele foi expulso do santuário real, em Betel, e exortado a parar de pregar. Naturalmente, ele não prestou atenção às ameaças. "Amós foi o primeiro em uma brilhante sucessão de profetas escritores cujas palavras deixaram sua marca indelével sobre o pensamento posterior acerca de Deus e dos homens" (*Oxford Annotated Bible,* Introdução). Prosperidade não significava saúde espiritual. De fato, a nação estava enferma em meio a todas as riquezas espirituais de que gozava. Ver Apo. 3.17, onde temos esse pensamento vividamente expresso.

"Amós era judaíta, mas profetizou (776-763 A. C.) no reino do norte (1.1; 7.14,15), exercendo seu ministério durante o reinado de Jeroboão II, um rei capaz mas idólatra, que levou o reino do norte — Israel — ao zênite do seu poder. Coisa alguma poderia parecer mais improvável do que o cumprimento das advertências feitas por Amós. Contudo, dentro de 50 anos, o reino do norte estava completamente destruído pela ação militar dos assírios. Porém, a visão de Amós é mais ampla do que o reino do norte, incluindo *a casa inteira de Jacó*" (*Scofield Reference Bible,* na Introdução ao livro).

Capítulo Um

Oráculos contra as Nações (1.1 – 2 .16)

Sobrescrito e Lema (1.1-2)

Este livro tem 9 capítulos e 146 versículos. Pode ser convenientemente dividido em *três* seções principais (Amós 1.1-2.16; 3.1-6.14 e 7.1-9.15), havendo certo número de subseções. Dou títulos introdutórios a cada uma das três divisões principais e às divisões secundárias, que projetam a idéia principal do que vem em seguida.

O vs. 1 fornece o *subtítulo,* e o vs. 2, o *lema* do livro, com um minúsculo sumário do tema principal a ser apresentado. Em seguida, vem uma série de denúncias dos povos circunvizinhos (Amós 1.3-2.3); e um oráculo contra Judá (Amós 2.3-5); finalmente, há severa denúncia contra Israel, acerca da catástrofe vindoura.

1.1

Palavras que, em visão, vieram a Amós. As *palavras de Amós* devem ser entendidas como dadas a ele por Yahweh, destinadas a Seu povo, o que não está especificamente declarado, mas que era a maneira comum de os livros proféticos começarem. Ver, por exemplo, Joel 1.1. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Revelação* e *Iluminação.*

Amós. Quanto ao pouco que se sabe sobre o profeta desse nome, ver as notas expositivas na *Introdução: 3. Autoria e Unidade.* Quanto à sua cidade natal, *Tecoa,* ver o artigo no *Dicionário.*

Data. O ministério de Amós começou no reinado de Uzias, rei de Judá (o qual governou entre 761 e 710 A. C.). Uzias também é conhecido como *Azarias.* Amós também profetizou no tempo de Jeroboão II (que governou em 775-746 A. C.). Ver no *Dicionário* sobre esses nomes próprios e também os verbetes chamados *Israel, Reino de* e *Reino de Judá,* onde dou breves descrições sobre todos os reis dessas duas nações.

Tecoa ficava em *Judá,* a cerca de 10 km de Betei, nas colinas daquela região; mas Amós foi enviado como profeta à nação do norte, Israel.

Dois anos antes do terremoto. Uma nota cronológica adicional fornece indicação sobre o começo do ministério de Amós, mas os eruditos não têm conseguido fixar a data desse terremoto. Os terremotos eram acontecimentos comuns na Palestina e, normalmente, não serviriam para assinalar datas; mas esse choque sísmico deve ter sido severo, pelo que serviu ao propósito. Talvez Zac. 14.5 tenha em mente o mesmo terremoto. Esse marco histórico talvez se refira ao começo do ministério oral de Amós. A versão escrita do mesmo ministério ocorreu mais tarde. Está em foco um terremoto literal, e não algum tumulto no governo da nação ou entre o povo, conforme o termo algumas vezes indica. Josefo repete a lenda que diz que o terremoto ocorreu no mesmo ano em que Uzias foi ferido de lepra (ver II Crô. 26.21). Ver a obra de Josefo, chamada *Antiq.* ix.10.4. Essa lenda diz que o templo, rachado pelo terremoto, permitiu que a brilhante luz do sol incidisse sobre o rei, que tinha usurpado funções sacerdotais. Quando isso sucedeu, Uzias foi imediatamente ferido com a lepra. Esse rei, apesar disso, governou por longos 52 anos.

1.2

Ele disse: O Senhor rugirá de Sião. Encontramos aqui o *lema* do livro. Em uma sentença simples e significativa, que anunciou o lema principal do livro. Yahweh rugirá de Sião; Sua voz soará como um trovão, a partir de Jerusalém. Um período de severo julgamento se aproximava. As pastagens nas quais os pastores cuidavam de suas ovelhas cairiam na lamentação, e o topo do monte Carmelo se ressecaria com as chamas da ira divina. Embora a nação do norte vivesse um período de grande prosperidade, governada pelo capaz (mas idólatra) rei Jeroboão II, dentro de 50 anos os assírios demoliriam o lugar inteiro e os poucos sobreviventes seriam levados à Assíria, para nunca mais, até hoje, retornarem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Assírio.* A voz de Yahweh vinha do templo, o lugar de seu culto, na nação do sul, mas atingia a nação do norte, proferindo sua condenação. O *monte Carmelo,* que ficava na nação do norte, situava-se no declive da região densamente recoberta por florestas, que entrava pelo mar Mediterrâneo adentro, nas vizinhanças da moderna cidade de Haifa. Ver sobre esse nome no *Dicionário.* Algumas das melhores pastagens e fazendas de Israel ficavam nessa área. Ver Isa. 33.9 e Naum 1.4. Ali as coisas seriam reduzidas a cinzas, pelo brasume da ira de Yahweh. Aquela área, como é natural, simbolizava a inteira nação do norte. Provavelmente está em mira uma seca, o que anunciava a invasão da nação do norte por parte dos assírios. A seca era uma das maldições da lei. Ver Deu. 28.20-24. Cf. Joel 1.18.

Oráculos contra os Inimigos de Israel (1.3-2.3)

A Maldição de Damasco (1.3-5)

1.3

Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Damasco, e por quatro. Esta fórmula foi usada *oito vezes* (ver Amós 1.3,6,9,11,13; 2.1,4,6) para indicar a razão moral pela qual cada uma das nações endereçadas estava sob maldição divina. Judá (a nação do sul) (2.4,5) e Israel (a nação do norte) (2.6-16) não estavam isentas dessas transgressões, pois elas, juntamente com seus vizinhos, eram culpadas de muitas transgressões, que provocaram o desprazer divino, como se fosse uma espada. Em nenhum caso apenas três ou quatro pecados são enumerados. Essa expressão, três ou quatro, indica que daí para mais pecados estariam sendo julgados, pois esses pecados seriam *muitos.* O primeiro transgressor a ser atacado foi Damasco, a cidade capital do império arameu (sírio), ao norte de Israel. Quanto aos detalhes sobre esse lugar, ver o artigo chamado *Damasco,* no *Dicionário.* Em todos os casos, foi *Yahweh* quem proferiu o julgamento, pois Suas leis morais haviam sido violadas. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* retribui igualmente a todos. Ver sobre esse título no *Dicionário.* Somente um incidente principal de brutalidade foi mencionado, que fez de Damasco um objeto da ira divina. Damasco havia "trilhado a Gileade" com trilhos de ferro. Está em vista a conquista daquele lugar por Hazael, o que II Reis 10.32,33 registra. Ver também, no *Dicionário,* o verbete denominado *Gileade.*

Não sustarei o castigo. Esta fórmula, que aponta para a certeza da retribuição divina, é repetida *oito* vezes, para corresponder às oito nações transgressoras. Ver Amós 1.3,6,9,11,13; 2.1,4,6. Portanto, cada transgressor, com suas *muitas* infrações, enfrentaria a mesma sorte.

Trilharam a Gileade. Por sobre os corpos das vítimas de Gileade, os atacantes passaram (figuradamente) trilhos de ferro, com dentes pontiagudos que ordinariamente cortavam a palha e libertavam o cereal. Nenhum poder humano poderia fazer parar a vingança divina por causa daquilo que tinha ocorrido.

1.4

Por isso meterei fogo à casa de Hazael. A *retribuição* viria sob a forma de *fogo divino,* figura simbólica do julgamento de Deus. Esse fogo queimaria a Hazael, como também a Bene-Hadade, seu filho e, igualmente, como é óbvio, a terra deles (vs. 5). Ver os nomes próprios no *Dicionário* quanto a detalhes. Ver também sobre *Fogo* como o símbolo do julgamento. Cf. este versículo com Jer. 49.27. Damasco viria a tornar-se um "montão de ruínas" (Isa. 17.1). Um obelisco de mármore negro, encontrado no palácio central de Ninrode, que se acha atualmente no Museu Britânico, menciona os nomes de Hazael e de Bene-Hadade. "O *fogo* aqui ameaçado é a *guerra* que Jeroboão II levou a efeito com sucesso contra os sírios. Ele capturou as cidades de Damasco e Hamate e reconquistou todas as antigas possessões de Israel. Ver II Reis 14.25,26,28" (Adam Clarke, *in loc.*).

1.5

Quebrarei o ferrolho de Damasco. Todas as defesas da capital seriam quebradas, e o lugar seria capturado e saqueado. Então a batalha se estenderia até o *vale de Áven,* uma planície fértil que representava a riqueza do país. Bete-Éden não escaparia ao ataque e também seria nivelada. Essa era uma localidade bastante rica e proeminente, que provavelmente tinha um governante principal no comando. Foi assim que "governantes, povo, terra e cidades foram todos, igualmente, envolvidos no desastre" (Hughell W. W. Fosbroke, *in loc.*). As chamas da ira divina saltaram assim de lugar para lugar, ensinando àqueles réprobos uma lição. A figura do *fogo* reaparece *sete* vezes. Ver Amós 1.4,7,10,12,14; 2.2,5.

Os sírios, que tinham enviado outros povos para o cativeiro, sofreriam a mesma sorte às mãos dos assírios. Os sírios seriam removidos para a terra remota de *Quir,* um lugar na Mesopotâmia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Quir,* quanto a detalhes. Quanto ao registro histórico que confirmava a exatidão da profecia, ver II Reis 16.1-9.

A Multidão dos Filisteus (1.6-8)

1.6

Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Gaza. *As Repetições.* Note o leitor as repetições existentes nesta seção, que anoto nos vss. 3-5: 1. Por causa de *três ou quatro* transgressões (isto é, por causa de *muitas*), o julgamento de Yahweh deveria sobrevir às *oito* nações culpadas (incluindo tanto Israel quanto Judá; capítulo 2). Quanto a essa expressão, ver Amós 1.3,6,9,11,13 e 2.1,4,6 — oito vezes. 2. Em cada caso, o *castigo não seria suspenso* por Yahweh enquanto não fizesse efeito. Isso é repetido *oito* vezes, uma para cada nação ofensora, e

salienta a certeza da retribuição divina. Ver Amós 1.3,6,9,11,13; 2.1,4,6. 3. Ademais, cada nação sofreria a retribuição do *fogo* divino. O fogo é uma figura simbólica para indicar o julgamento divino. Ver as notas expositivas sobre os vss. 4 e 5. A metáfora do fogo aparece em Amós 1.4,7,10,12,14 e 2.2,5 — *sete* vezes.

Os vss. 6-7 dão as *três declarações* sobre os filisteus. Esse povo é aqui representado por uma de suas cidades principais, *Gaza* (ver a respeito no *Dicionário).* Os filisteus dispunham de cinco cidades principais. Gaza foi destaca por estar situada no ponto onde as rotas de caravanas vindas de Edom se uniam à estrada principal que ficava entre o Egito e a Síria. Isso ajudava o comércio escravagista do qual os filisteus se ocupavam. Aqueles ímpios capturavam comunidades inteiras especificamente com o propósito de fazer lucro mediante o comércio de escravos. Os cativos eram vendidos em leilões nos mercados de escravos em Edom. Dali eram conduzidos a outras porções do mundo (cf. Joel 3.4-8).

1.7-8

Por isso meterei fogo aos muros de Gaza. O julgamento divino foi proferido contra *quatro* das cinco principais cidades dos filisteus: Asdode, Ascalom, Ecrom (e Gaza, que já fora mencionada no vs. 6). Ver sobre todas essas cidades no *Dicionário,* quanto a detalhes. *Gate* não é mencionada. Foi destruída por Sargão, da Assíria, em 711 A. C. Alguns estudiosos supõem que o livro de Amós tenha sido reduzido à forma escrita depois desse período, o que explicaria a sua omissão. Talvez a Palestina já tivesse caído diante da dominação assíria no tempo em que foi feita a redução final, à forma escrita, do livro Amós.

O fogo deveria cair sobre as muralhas de Gaza; então os exércitos que avançavam incendiariam a cidade, incluindo especificamente os adornados palácios dos pecadores, que viviam no meio do luxo e do lazer (vs. 7). Além disso, os habitantes das outras cidades, igualmente citadas, seriam também *cortados,* isto é, aniquilados. Os governantes que brandiam o cedro não seriam poupados da destruição generalizada. "Por causa de seus pecados, as cidades dos filisteus seriam completamente aniquiladas, incluindo os edifícios, seu rei e seu povo. Deus voltaria contra eles Sua mão, até que o último dos filisteus tivesse morrido. Esse julgamento cumpriu-se parcialmente na subjugação daquele povo pelos assírios, nos fins do século VIII A. D., e mais completamente ainda durante o período dos Macabeus (168-134 A. C.)" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*).

Diz o Senhor. O original hebraico diz aqui *Adonai-Yahweh,* ou seja, o Senhor Soberano, que agirá conforme a Sua vontade nesse julgamento, porquanto governa tanto os céus quanto a terra. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Soberania de Deus.* O *teísmo* bíblico ensina que o Criador não abandonou Sua criação, mas, antes, continua presente entre os homens, para intervir, recompensar ou punir, em concordância com as leis morais. Em contraste, o *deísmo* insiste que o Criador abandonou Sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo,* quanto a detalhes. Ver também o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* A expressão *Adonai-Yahweh* ocorre 19 vezes no livro de Amós, mas apenas 5 vezes nos outros profetas menores (Oba. 1; Miq. 1.2; Hab. 3.19; Sof. 1.7 e Zac. 9.14). Esse título divino é usado 217 vezes no livro de Ezequiel, e apenas 103 vezes no resto do Antigo Testamento. Ver as notas expositivas sobre Eze. 2.4.

A Maldição de Tiro (1.9-10)

1.9

Por três transgressões de Tiro, e por quatro. Os oráculos contra os inimigos de Israel continuam com suas maldições contra cada um: Amós 1.3-2.3. Ato contínuo, tanto Israel (Amós 2.4,5) quanto Judá (Amós 2.6-16) foram denunciadas em termos similares.

Os vss. 9 e 10 repetem as *três declarações* que se aplicam a todas as outras nações, conforme se vê a seguir: 1. A questão das três ou quatro *transgressões* (ou seja, muitas) pelas quais as nações foram condenadas. 2. A questão dos *juízos divinos* serem seguros; esses julgamentos não seriam suspensos. 3. A questão do *fogo divino* que executaria esses julgamentos. Dou notas expositivas abundantes sobre essas três declarações nos vss. 3-5. E em Amós 1.6 ofereço um sumário sobre a questão, incluindo referências nas quais as três declarações são repetidas. A primeira delas ocorre *oito vezes;* a segunda ocorre também *oito vezes;* mas a terceira ocorre *sete* vezes. Em todos os caos, foi *Yahweh* quem proferiu a condenação, e será o Seu poder soberano que executará Seus decretos. Ver as notas expositivas sobre *Senhor Deus* (Adonai-Yahweh) no fim do vs. 8, onde o tema é desenvolvido.

A *principal transgressão* que o profeta denunciou (no caso de Tiro) é que aquele povo, que formava um dos principais centros comerciais do mundo, estava pesadamente envolvido no comércio de escravos, que era mediado através de Edom, como centro de distribuição. Temos uma declaração de especialista, sobre essa questão, em Eze. 28. O ato de Tiro foi uma violação aberta da *aliança de irmãos,* uma expressão de interpretação difícil. Presume-se que tenha havido alguma espécie de "acordo entre irmãos", uma aliança, algum tempo no passado, que acabou sendo violada. Ver I Reis 5.12, que poderia estar em vista, embora isso tivesse acontecido muito tempo antes. Talvez tivesse havido uma renovação de intenções fraternais, mais recentemente. Ou talvez esteja em pauta a aliança de casamento em I Reis 16.29-31.

1.10

Por isso meterei fogo aos muros de Tiro. O *fogo divino* devoraria Tiro, por sua iníqua infração da aliança, bem como por causa de seus atos brutais. Suas *muralhas* seriam consumidas (ver o vs. 7), bem como seus *castelos,* o que é igualmente pronunciado contra Gaza no versículo citado. As notas que aparecem no vs. 7 aplicam-se aqui também, pelo que temos uma repetição essencial do vs. 7 no vs. 10. A história informa-nos que Alexandre, o Grande, dominou Tiro em 332 A. C., depois de tê-la assediado por sete meses. Cerca de 6.000 pessoas foram mortas (2.000 foram crucificadas); e 30.000 foram vendidas no mercado de escravos, o que foi uma justa retribuição, visto que esse povo tinha feito a mesma coisa contra outros (vs. 9). Outros pensam estar em vista a destruição do lugar por parte de Nabucodonosor. Isso foi um cerco que perdurou por 13 anos e, finalmente, culminou com a destruição de Tiro. Ver Eze. 26.7-14.

A Maldição de Edom (1.11-12)

1.11

Por três transgressões de Edom, e por quatro. Os vss. 11 e 12 repetem as declarações atinentes a todas as *oito* nações denunciadas na seção de Amós 1.3-2.16. Que o leitor acompanhe os números dispostos a seguir: 1. A questão das *três ou quatro transgressões* que seriam punidas. 2. A questão da certeza do *julgamento* que sob hipótese alguma seria suspenso. 3. A questão do *fogo* divino, uma metáfora para indicar o julgamento. Ofereço notas expositivas abundantes sobre essas três declarações nos vss. 3-5. Então, em Amós 1.6, dou um sumário sobre a questão, incluindo referências onde essas três declarações são repetidas. A primeira ocorre *oito* vezes; a segunda também ocorre *oito* vezes; mas a terceira ocorre *sete* vezes. Em todos os casos, é Yahweh quem profere a condenação, e é o Seu poder soberano que executa a condenação. Ver a exposição sobre o *Senhor Deus* (Adonai-Yahweh), no final das notas sobre o vs. 8, que desenvolve os temas do controle soberano de Deus sobre as questões humanas.

A maior transgressão de Edom foi ter declarado guerra contra Israel e cometer barbaridades contra esse povo que era seu irmão. O progenitor de Edom foi Esaú, irmão de Jacó, antepassado distante do povo de Israel. Ver Gên. 36. A partir dos dias de Davi, houve amarga rivalidade entre esses dois povos, e em certas ocasiões Israel cometeu barbaridades contra Edom; mas, de outras vezes, Edom é que cometeu barbaridades contra Israel. Cf. este versículo com Oba. 10. Edom não tinha nenhum sentimento de compaixão e rugia continuamente, como uma fera que despedaçasse sua presa. Edom meditava furiosamente e era alimentada por suas chamas interiores de ódio. Cf. Eze. 25.12; 35.5; Sal. 137.7. "Ao longo de toda a sua história, Edom se aliou aos inimigos de Israel. Ver I Sam. 14.46; II Sam. 8.14; Sal. 60.9 e II Crô. 21.8-10" (Ellicott, *in loc.*).

1.12

Por isso meterei fogo a Temã. Como no caso de todas as oito nações denunciadas, o fogo divino tomará vingança contra os réprobos. Dois lugares específicos foram mencionados como símbolos de todo o povo de Edom: *Temã,* distrito que ficava no norte do território edomita; e *Bozra,* cidade importante e fortificada. Em outros lugares, Bozra representa Edom como um todo (ver Jer. 49.20 e Isa. 34.6). Ver no *Dicionário* sobre ambos os lugares, quanto a detalhes. As duas cidades citadas fornecem uma referência no extremo sul e uma referência no extremo norte de Edom (Temã, no sul; Bozra, no norte).

A Maldição de Amom (1.13-15)

1.13

Por três transgressões dos filhos de Amom, e por quatro. Os vss. 13 e 14 repetem as *três declarações* que se aplicam a todas as *oito* nações denunciadas na seção de Amós 1.3-2.16. Que o leitor acompanhe estes três pontos: 1. A questão das *três ou quatro transgressões* que tinham de ser punidas. 2. A questão da certeza do julgamento que *não seriam suspenso.* 3. A questão do *fogo* divino que afetaria o julgamento. Ver as notas sobre essas declarações nos vss. 3-5 e o sumário no vs. 6. Naquele ponto ofereço as referências em que cada declaração é repetida: a primeira ocorre *oito* vezes; a segunda ocorre *oito* vezes; e a terceira *sete* vezes.

O *ato horrendo* praticado por Amom foi o que eles fizeram em Gileade, as brutalidades cometidas contra Israel, que incluíram arrancar os fetos de mulheres grávidas. Eles praticavam tais atrocidades somente para expandir suas fronteiras e aumentar suas riquezas materiais. Essas atrocidades com freqüência faziam

parte das guerras antigas. Ver II Reis 8.12; 15.16 e Osé. 13.16. O desígnio desses atos era aterrorizar os inimigos. Aqueles homens ímpios executavam seus crimes contra os inocentes e infelizes meramente com vantagens próprias, para adquirir terras e dinheiro. Cf. este versículo com I Sam. 11.2 e II Reis 15.16. As inscrições assírias nos fazem conhecer essa prática.

1.14

Por isso meterei fogo aos muros de Rabá. O *fogo divino* explodirá contra aqueles criminosos, devorando muralhas (conforme se vê nos vss. 7 e 10) e atingindo Rabá e seus *castelos*. Uma guerra feroz traria o julgamento divino que queimaria como fogo inextinguível, quente e destruidor. O inimigo chegaria como um tornado e seria tão destituído de misericórdia quanto os amonitas tinham sido para com outros povos. *Ventos violentos* com freqüência significam julgamentos especiais de Deus (ver Sal. 83.15; Jer. 23.19 e 30.23). Ver as vívidas descrições de Jeremias quanto ao fim dos amonitas (ver Jer. 49.1-3). Talvez estejam em pauta os ataques de Nabucodonosor, quando o poder da Babilônia conquistou o mundo da época. Mas alguns estudiosos vêem aqui os assírios, o que ocorreu, naturalmente, umas tantas décadas antes.

1.15

O seu rei irá para o cativeiro. O exílio prometido como castigo para Amom cumpriu-se em cerca de 734 A. C., quando Tiglate-Pileser, rei da Assíria, tomou aquela parte do mundo. A mesma coisa aconteceu mais tarde, quando Nabucodonosor e os Babilônios tornaram-se o império mundial seguinte. Cf. Jer. 49.3, que contém a mesma profecia.

Capítulo Dois

A seção 1.3-2.16 de Amós contêm oráculos contra *oito* nações que teriam de sofrer por causo de seus abusos morais, porquanto os decretos de Yahweh determinaram que teria de ser satisfeita a lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8). Não há interrupção entre os capítulos 1 e 2 deste livro. Passamos agora a considerar a *sexta* nação amaldiçoada, a saber, Moabe.

A Maldição de Moabe (2.1-3)

2.1

Por três transgressões de Moabe, e por quatro. Os vss. 1-3 repetem as *três declarações* que se aplicam a todas as *oito* nações denunciadas na seção geral de Amós 1.3-2.16. Considere o leitor estes três pontos: 1. A questão das *três ou quatro transgressões,* que tinham de ser punidas. 2. A questão da certeza do julgamento que *não seria suspenso.* 3. A questão do *fogo* divino mediante o qual seria efetuado o julgamento. Ver as notas sobre essas declarações em Amós 1.3-5 e o sumário em Amós 1.6. Naquele ponto dou a referência em que cada uma dessas declarações é repetida: a primeira ocorre *oito* vezes no livro; a segunda, *oito* vezes; e a terceira, sete vezes. Cada uma dessas oito nações tinha cometido um ou mais atos horrendos, que a tornaram merecedora do julgamento divino.

Queimou os ossos do rei de Edom. Talvez o incidente referido seja aquele narrado em II Reis 3.26,27. Moabe obteve vantagem militar e empurrou as forças de Edom de volta a seu próprio território. Então, tomada por grande ira, abriu os sepulcros reais naquele lugar e queimou os ossos dos reis anteriores de Edom. O sacrilégio foi de tal completo que os ossos desses reis foram reduzidos a cinzas tão finas quanto o giz branco e em pó. A mentalidade dos hebreus horrorizava-se diante de cadáveres insepultos e sepulturas violadas. Ver II Reis 23.16. Talvez eles embalassem a noção de que qualquer forma de cremação seria feita em detrimento do espírito que estava "no outro lado da existência"; mas isso é apenas conjectura. Ou talvez eles pensassem que "ossos intactos" eram condição essencial para a ressurreição, somente outra conjectura. Talvez tudo quanto esteja em vista seja o respeito apropriado pelos mortos, como ponto cardeal da moral. Cf. esta seção com Isa. 15; 16; 25.10-12; Jer. 48. Alguns estudiosos, contudo, vêem aqui um sacrifício do rei ou de seu filho na fogueira, ou seja, um sacrifício humano, com um fogo tão quente que os ossos da pobre vítima foram reduzidos a pó. Talvez a idéia da profanação seja a preferida.

2.2

Por isso meterei fogo a Moabe. O fogo é um símbolo do julgamento divino no tocante a todas as oito nações, denunciadas em Amós 1.3-2.16. No caso de Moabe, esse símbolo é apropriado, visto que a profanação verificou-se por meio do fogo. De certa maneira, foi satisfeita a *Lex Talionis*, ou seja, a *retribuição conforme a gravidade do erro cometido*. Ver no *Dicionário* sobre esse título. O devorador fogo divino sempre devora os *palácios,* os palácios de lazer dos ricos e poderosos (os que também é afirmado em Amós 1.4,7,10,12,14 e 2.5).

Os castelos de Queriote. Provavelmente Queriote deva ser identificada com *Ar,* a principal cidade de Moabe (ver Isa. 15.1). A chamada pedra moabita (1.13) chama esse lugar de santuário do deus moabita, *Camos.* Os nomes próprios aqui mencionados recebem artigos no *Dicionário.* Cf. Núm. 21.28; Isa. 15.1. O *fogo,* neste caso, é a guerra, conforme deixa claro o restante do versículo. Aqueles pecadores miseráveis não teriam permissão de morrer confortavelmente, em seus leitos. Um inimigo haveria de aniquilá-los no campo de batalha. Eles morreriam em meio ao sonido da trombeta, gritando e bradando de dor, enquanto o inimigo zombava deles.

2.3

Eliminarei o juiz do meio dele. Não escaparia a *elite* da nação, formada pelo rei, seus príncipes e os chefes militares. Eles seriam como os soldados que tinham enviado para matar ou ser mortos. Tudo isso precisava acontecer, porquanto fora Yahweh quem tinha proferido os decretos de condenação, e esses decretos precisariam ter cumprimento. Ver o último parágrafo das notas expositivas sobre Amós 1.8, quanto à soberania de Deus e quanto ao teísmo bíblico. O *Senhor Deus* (Adonai-Yahweh) controla os negócios dos homens e das nações, e o controle Dele segue os requisitos morais da lei. Moabe, tal como Amom, caiu diante dos assírios na época de Tiglate-Pileser III e, então, algum tempo depois, novamente, diante dos babilônios. "Nabucodonosor subjugou totalmente a Moabe, a qual, na ocasião, deixou de ser uma nação. E os árabes ocuparam o território dos moabitas" (Fausset, *in loc.*).

A Maldição de Judá (2.4-5)

2.4

Por três transgressões de Judá, e por quatro. Os requisitos da lei moral não permitiriam que os "pecadores domésticos" escapassem. Judá e Israel foram denunciados com termos similares aos usados para condenar seus vizinhos pagãos, pois eram semelhantes a eles em suas atitudes e ações. Os habitantes de Judá e de Israel tinham privilégios superiores aos das nações gentílicas, sendo possuidores da lei de Moisés, mas não viviam à altura do que se esperava deles. De fato, tornaram-se como outras nações pagãs que viviam ao redor da Palestina; e, assim sendo, perderam seu caráter distintivo. Amós 3.2 mostra-nos que, para esse profeta, Israel e Judá constituíam uma única família, embora a divisão política, desde há muito, as tivesse dividido em duas nações.

"As nações gentílicas se haviam rebelado contra a *aliança eterna* (ver Gên. 9.5-17). Judá se havia rebelado contra o pacto mosaico. Eles tinham rejeitado a lei do Senhor" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*).

Os vss. 4 e 5 repetem as *três declarações* que se aplicam a todas as oito nações denunciadas na seção geral de 1.3-2.16. Considere o leitor estes três pontos: 1. A questão das *três ou quatro transgressões,* que teriam de ser punidas. 2. A questão da certeza do julgamento, que *não seria suspenso.* 3. A questão do *fogo* divino que efetuaria o julgamento. Ver as notas expositivas sobre essas declarações em Amós 1.3-5 e o sumário em Amós 1.6. Naquele ponto, dou referências onde cada declaração é repetida: a primeira ocorre *oito* vezes; a segunda ocorre *oito* vezes; e a terceira ocorre *seis* vezes. Cada uma das oito nações tinha cometido um ou mais atos horrendos, que as assinalavam para serem julgadas por Deus.

O *ato horrendo* de Judá foi ter abandonado a lei de Moisés, que a tornava distinta entre as nações (ver Deu. 4.4-8). No lugar da lei de Moisés e seus estatutos, ritos e cerimônias, Judá tinha aceitado "mentiras", provavelmente uma referência à *idolatria.* Os antepassados de Judá começaram a andar nessas mentiras, e o Judá contemporâneo de Amós, em sua idolatria-adultério-apostasia, seguira o mau exemplo deixado por eles. A lei era o *guia* da vida dos filhos de Israel (ver Deu. 6.4 ss.), mas eles se voltaram para deuses que nada representavam. Foi assim que eles quebraram as provisões do pacto mosaico. Ver as notas sobre isso na introdução a Êxo. 19. Tinha havido muitas advertências para os judeus não se envolverem com os deuses falsos (ver Deu. 6.14; 7.16; 8.19; 11.26,28). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* Privilégios maiores foram recebidos por meio da apostasia. Portanto, o pecado dos judeus era agravado.

2.5

Por isso meterei fogo a Judá. O *fogo* da ira de Deus puniria àqueles réprobos que tinham lançado fora sua herança espiritual. Os "castelos" de Jerusalém seriam devorados pelo fogo, e o próprio templo seria saqueado (ver Jer. 52.13,17 ss.). Quanto ao incêndio dos *castelos,* ver também 1.4,7,10,12,14; 2.2. A elite pereceria, juntamente com as classes sociais menores. Não haveria distin-

ções nem exceções. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Babilônico,* quanto a detalhes.

Quanto às *três deportações* do cativeiro, ver as notas expositivas sobre Jer. 52.28. Fica claro que altos privilégios não significavam imunidade diante da punição. Pelo contrário, Judá, a *sétima* nação denunciada, seria punida juntamente com as seis nações pagãs.

A Maldição de Israel (2.6-16)

A Rebeldia de Israel (2.6-8)

2.6

Por três transgressões de Israel, e por quatro. Note o leitor que mais espaço foi dedicado à condenação de Israel, visto que Amós foi um profeta especificamente enviado a Israel. Em certo sentido, Israel, a oitava das nações a ser denunciada era a pior de todas. Tinha os elevados privilégios de Judá, mas desde o começo da nação, com Jeroboão I (que separou as dez tribos das duas, Judá e Benjamim), Israel tornou-se podre na idolatria. Sobre o pecado de Jeroboão, ver I Reis 12.28 ss. Sobre como Jeroboão fez Israel cair em pecado, ver I Reis 15.26 e 16.2.

Foi a *rebeldia* dos israelitas que os levou a violar a lei de Moisés, imitando os pagãos, os quais duramente vendiam os pobres à escravidão, quando não podiam pagar suas dívidas. Cf. II Reis 4.1-7. Os cativos, que não valiam muito como escravos, eram vendidos por tão pouco quanto custava comprar um par de sandálias. Sucedia assim que um homem podia ser comprado por menos do que o preço de uma vaca ou mesmo de uma cabra. E então, quando vendido, era sujeitado ao tratamento mais bárbaro possível. A legislação mosaica previa a venda de concidadãos hebreus como escravos, para que eles pagassem suas dívidas. Um indivíduo podia vender a si mesmo por algum tempo, para sair de uma dívida. Ver Lev. 25.39 e Deu. 15.12. Mas um escravo hebreu não podia ser tratado como um escravo pagão, mas, antes, como um homem alugado, com um conjunto completo de direitos humanos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravo, Escravidão,* quanto a uma completa descrição das práticas antigas, dentro e fora da nação de Israel. Cf. Amós 8.6 com o presente versículo. Ver também a passagem completa que aborda essa questão — Deu. 15.7-11.

2.7

Suspiram pelo pó da terra sobre a cabeça dos pobres. Várias formas de *injustiça social* constituíam a *segunda* infração da rebelde nação de Israel. Eles caminhavam por cima dos pobres "como se fossem o pó" (NCV). Recusavam-se a aliviar os sofrimentos dos aflitos. Algumas versões dizem "o caminho dos aflitos", embora nossa versão portuguesa, juntamente com outras, diga "o caminho dos mansos". Se isso reflete a idéia principal, então vemos os arrogantes fazendo o que é usual, oprimindo aqueles de condições sociais e econômicas inferiores. Esses atos eram contrários aos mandamentos específicos. Ver Êxo. 23.6 e Deu. 16.19. Os tribunais concentravam sua atenção nos planos malignos e nas atrocidades, mas os juízes aceitavam subornos e produziam decisões que favoreciam os fortes (que também eram injustos) e feriam os fracos (que eram inocentes).

Os *desvios sexuais* eram comuns e variegados. O versículo presente provavelmente não está falando em incestos, porque a jovem envolvida com o pai ou o filho não pertencia à família deles. Os capítulos 18 e 20 do livro de Levítico mostram que o pecado do incesto era comum em Israel. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Incesto,* bem como o gráfico que acompanha Lev. 18. A *jovem* deste capítulo, entretanto, provavelmente era uma prostituta do templo ou uma concubina. Ver Êxo. 21.7-9; Lev. 18.8,15. O profeta estava falando contra uma vergonhosa *promiscuidade,* sendo provável que esse desvio estivesse misturado com a prostituição sagrada e com a idolatria em geral. Cf. esta parte do versículo com Osé. 4.14. Toda a conduta dessa ordem *profanava* o nome de Yahweh, e Sua lei manifestava-se contra tais práticas que pertenciam aos pagãos, não ao Seu povo. Israel zombava da lei e do Legislador, Deus. Quanto à profanação do nome divino, ver também Lev. 20.3; Eze. 36.20; Rom. 2.24. Quanto ao *nome,* ver o *Dicionário* e Sal. 31.3. Quanto a *nome santo,* ver Sal. 30.4 e 33.21.

2.8

E se deitam ao pé de qualquer altar. Aqueles que tinham abandonado o culto a Yahweh eram zelosos pelos cultos a Baal e outros deuses pagãos que nada representavam.

Deitados nas proximidades dos altares, eles usavam vestes que tinham tomado dos pobres como garantia pelas dívidas de que se tinham tornado credores. Ver Êxo. 22.26,27. A túnica (no hebraico, *salmah*) era tomada como segurança em um empréstimo feito tinha de ser devolvida ao pôr-do-sol, pois servia como equipamento vital para um homem: era veste durante o dia e cobertor durante a noite. Amós usou uma palavra mais geral para vestes (no hebraico, *beghadhim*), mas a idéia de penhor continua aplicando-se bem.

Os cultos pagãos se faziam acompanhar pela embriaguez e pelas orgias sexuais. "Aqueles homens, cujas visitas aos santuários eram festins orgíacos, faziam tanto a religião como a lei servir às suas indulgências sensuais" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*).

A Revelação de Deus na História (2.9-12)

2.9

Todavia eu destruí diante deles o amorreu. Os *amorreus* eram um povo vigoroso que fazia os hebreus parecer-se com formigas. Eram tão fortes e altos como os cedros; tão vigorosos como os carvalhos. Contudo, Yahweh destruiu-os como um povo, desde as raízes até os frutos lá no alto. Por quê? Porque aqueles pagãos praticavam o tipo de coisas que os hebreus terminaram por fazer. *Implicação:* O "povo anterior" de Deus sofreria as mesmas coisas que os pagãos sofreram, caso agissem como eles. O termo "amorreu", nesta passagem, representa os pagãos em geral, a quem os israelitas imitaram. Os habitantes originais da Palestina, pelo menos uma boa porção deles, eram homens de extraordinário tamanho físico e grande força. Ver Núm. 13.32. No entanto, devido ao julgamento de Yahweh, eles foram reduzidos a nada, pois se haviam contaminado com a idolatria. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amorreu,* e ver também Gên. 14.13-16. Ver ainda Amós 15.16-21, onde o termo representa os pagãos da Palestina, em geral. Ver também Jos. 24.8-15, e cf. Deu. 1.26-28.

2.10

Também vos fiz subir da terra do Egito. Outra grande manifestação de Yahweh *na história* foi tirar o povo de Israel do Egito, fato mencionado mais de 20 vezes somente no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 4.20. Isso levou à possessão da terra dos *amorreus* (os pagãos da Palestina, pois amorreu é nome que representa todos eles, coletivamente falando).

A *providência* de Deus controla todas as coisas e todas as pessoas, tanto os bons quanto os maus, tanto os orgulhosos quanto os humildes. Ver sobre *Providência de Deus,* no *Dicionário.* Essa providência pode ser positiva ou negativa, e opera de acordo com as leis morais. A saída do Egito e a possessão da Terra Prometida são ilustrações freqüentes, no Antigo Testamento, de como Yahweh agiu em favor de Seu povo, ao longo da história, podendo fazê-lo a qualquer tempo. Entre a saída e a possessão, houve o período de perambulações de 40 anos, onde vários milagres de Yahweh preservaram o desviado povo de Israel. E esse foi outro incidente histórico que demonstrou o *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*). Yahweh, o Criador, intervém na história humana. Ele não vive distante dos homens, conforme o *deísmo* ensina. Havia a provisão da nuvem durante o dia, para dar-lhes orientação, bem como a coluna de fogo durante a noite, para dar-lhes orientação, iluminação, calor e conforto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Colunas de Fogo e Nuvem.*

2.11

Dentre os vossos filhos suscitei profetas. Uma vez que Israel estava dentro da Terra Prometida, a providência de Deus continuou a operar, em uma variedade de maneiras. Profetas foram levantados dentre o povo de Israel e dentre os melhores elementos dos filhos do povo. Outros foram levantados como nazireus, os quais demonstravam um zelo especial pelo culto a Yahweh. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Nazireado (Voto do).* O presente versículo ensina que o culto a Yahweh era uma provisão histórica especial, da parte de Yahweh, para Israel, que faltava às outras nações. O povo de Israel teria de confessar esse fato, quando Ele o chamasse para afirmar tal coisa: "Não é isso verdade? diz o Senhor" (NCV). A providência de Yahweh era ampla e abordava todos os aspectos da vida. Os nazireus se abstinham de vinho, como parte de seu culto diário, ao passo que os povos pagãos ingeriam grandes quantidades dessa bebida, como parte do culto deles. Os israelitas posteriores copiaram os pagãos, e não os nazireus, visto que isso estava mais em consonância com a concupiscência da carne, que os governava.

2.12

Mas vós aos nazireus destes a beber vinho. Os *israelitas posteriores* não respeitavam o voto dos nazireus (ver Núm. 6.1-3), mas, antes, davam-lhes vinho para beber. Assim sendo, tornaram-se um bando de alcoólatras insensatos, que se alinhavam com outros insensatos. Além disso, os profetas eram perseguidos e mortos, a fim de que calassem a boca. O povo não suportava ser repreendido por seus desvios. Ao se corromper, o povo de Israel primeiramente corrompeu sua fé religiosa e seus ritos, e, depois, ficou aberto a toda a espécie de deboche. "Eles intimidavam os nazireus a quebrar

seus votos e beber vinho, e ordenavam aos profetas que não profetizassem (cf. Amós 7.10-16). Ao agirem assim, os israelitas revelavam sua própria falta de dedicação a Deus, bem como sua indisposição por ouvir a Sua Palavra" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*). Dessa maneira, Israel praticava *assaltos* contra o próprio culto e logo adotou cultos degradantes, tomados por empréstimo dos povos pagãos.

A Vinda do Julgamento (2.13-16)

2.13

Eis que farei oscilar a terra debaixo de vós. Tendo descrito a corrupção, o profeta agora fala sobre o julgamento divino contra essa corrupção. As leis morais de Deus tinham alcançado aqueles insensatos. Yahweh haveria de esmagá-los, tal como "um vagão carregado de cereal esmaga qualquer coisa que lhe fique debaixo" (NCV). Não haveria esperança para eles quando os assírios lançassem seu exército esmagador, vindo do nordeste, e avassalassem a infeliz Palestina. "Yahweh, no horrendo julgamento que estava prestes a infligir, é simbolizado pelo vagão pesadamente carregado... uma carga esmagadora" (Ellicott, *in loc.*). "Trarei contra vós a roda da destruição" (Adam Clarke, *in loc.*). O vagão tornou-se pesado pelos inúmeros pecados de Israel, alguns dos quais são listados nos vss. 6-8.

2.14

De nada valerá a fuga ao ágil. O julgamento divino seria completo e terrível. Nenhum corredor rápido será capaz de escapar desse julgamento; o homem forte não será capaz de suportar esse julgamento; nenhum homem poderoso será capaz de salvar sua vida. Os assírios reduziriam a nação de Israel a mingau. Usando tais declarações, o profeta fala da invasão — a queda militar de Israel, os saques e matanças, e todas as calamidades acompanhantes que fariam parte desse quadro sombrio.

2.15

O que maneja o arco não resistirá. Os arqueiros especialistas cairiam na desordem; os soldados infantes seriam mortos antes que pudessem correr para algum lugar seguro; os cavaleiros seriam derrubados antes que pudessem retroceder. Em outras palavras, o exército de Israel seria destruído, e então as hordas dos assírios entrariam nas cidades a fim de matar, estuprar e saquear sem nenhum empecilho. Da mesma maneira que os julgamentos de Israel se haviam multiplicado sete vezes mais, assim também se agravaria o julgamento deles. Ver os vss. 6-8 quanto a representações de suas inúmeras transgressões.

2.16

E o mais corajoso entre os valentes fugirá nu naquele dia. Até os soldados normalmente corajosos, que poderiam enfrentar qualquer inimigo com um senso de confiança, falhariam miseravelmente diante do assalto dos assírios. Esses homens seriam vistos a fugir nus da batalha, o que provavelmente significa despidos de suas armas, e não de todas as suas roupas. Adam Clarke, porém, via aqueles "bravos" soldados apanhados de surpresa no meio da noite, por um temível grito de batalha, saltando de seus leitos e fugindo antes que tivessem tempo de vestir-se.

É provável que os oráculos dos capítulos 1 e 2 representem o ministério inicial de Amós, quando ainda havia prosperidade em Israel. Ele parecia falar como um insensato, com todas aquelas profecias de condenação. Todos conheciam os fatos sobre a Assíria, mas nem todos ficavam alarmados diante de tal conhecimento. Coisa alguma foi feita para impedir o ataque dos assírios, e por certo nenhuma mudança espiritual e moral foi produzida para tornar Israel digno de escapar da melancolia que a ameaçava.

Capítulo Três

Sermões que Prediziam a Condenação de Israel (3.1 – 6.14)

Os capítulos 3-6 descrevem detalhadamente as *razões* pelas quais o reino do norte — Israel — haveria de desaparecer para sempre. O profeta Amós entregou *cinco* urgentes mensagens, mas ninguém lhe dava ouvidos. As primeiras três mensagens foram introduzidas com as palavras: "Ouvi a palavra..." (3.1; 4.1 e 5.1). As outras duas começam com estas palavras: "Ai de vós..." (5.18 e 6.1). Essas mensagens descem a detalhes concernentes aos inúmeros pecados do povo de Israel. A apostasia era multifacetada. Israel tinha de ser punida, de modo definitivo, por sua idolatria-adultério-apostasia.

Amós Descreve a Relação entre Israel e Yahweh (3.1-8)

O Caráter Ímpar da Eleição (3.1-2)

3.1

Ouvi a palavra que o Senhor fala contra vós outros. "Os privilégios da eleição criam maior responsabilidade (ver Luc. 12.48). Visto que Israel tinha sido favorecida acima de *todas as famílias* da terra (ver Êxo. 19.4-6; Deu. 7.6), as nações circunvizinhas foram convocadas para serem testemunhas oculares de seu castigo" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

Ouvi a palavra. Por meio desta fórmula, são introduzidas as *três* primeiras dentre as cinco mensagens: Amós 3.1; 4.1 e 5.1. É a palavra (ou mensagem) de Yahweh que deveria ser ouvida, ou seja, ouvida e acompanhada pelo arrependimento. A palavra foi dirigida *contra* Israel, por causa de sua idolatria-adultério-apostasia, com suas manifestações multifacetadas, que esses capítulos estavam prestes a descrever. Yahweh deu essa palavra a Seu profeta, Amós, por meio da *revelação* e da *iluminação.* Ver sobre esses dois termos no *Dicionário.* A palavra de Deus é divina e, assim sendo, fatalmente terá cumprimento.

Toda a família. Esta expressão provavelmente pretende incluir tanto Israel (a nação do norte) quanto Judá (a nação do sul), visto que ambas formavam uma única família. Israel cairia primeiro, diante da Assíria; pouco mais de cem anos depois, Judá cairia diante da Babilônia. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico.*

Que fiz subir da terra do Egito. A saída do povo de Israel do Egito, mediante o poder de Yahweh, é freqüentemente mencionada no Antigo Testamento para ilustrar o Seu poder, amor e cuidado por Israel, a nação eleita. Somente no livro de Deuteronômio encontramos mais de 20 referências a esse evento. Ver as notas expositivas sobre Deu. 4.20. Visto que Israel tinha sido escolhido, por isso mesmo foi tirado para fora do Egito. Israel tinha sido eleito, pelo que era depositário especial das bênçãos de Deus e de Suas poderosas manifestações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Eleição.*

3.2

De todas as famílias da terra somente a vós outros vos escolhi. Israel era *conhecido* de maneira especial: era *escolhido* e *amado.* Essa expressão não se refere ao simples *conhecimento anterior,* como se Deus visse o que aconteceria, para então abençoar ou amaldiçoar de acordo com o previsto. Pelo contrário, o povo de Deus fora eleito como povo especial com um propósito especial. Esse propósito era anunciar a todos os povos a mensagem divina. E assim todos, com a passagem do tempo, viriam a conhecer o Senhor, como as águas do mar cobrem o seu leito (ver Isa. 11.9). Porém, a antiga nação de Israel não obteve grande progresso nessa direção; antes, pôs-se a imitar as nações pagãs e gradualmente transformou-se em apenas outro povo corrupto, em nada distinguindo-se das outras nações. A lei lhes havia sido conferida para torná-los um povo *distinto* (ver as notas expositivas sobre Deu. 4.4-9). A lei também era o *guia* de Israel (ver Deu. 6.4 ss.), mas eles se desviaram desde o começo, preferindo as emoções fortes do paganismo debochado. Muitos dos que se proclamam evangélicos e fazem parte da igreja preferem as emoções fortes e até vão aos cultos de adoração para animar as multidões. Mas nada há de espiritual nessas atividades.

Portanto eu vos punirei. Por que os israelitas seriam punidos? Porque seus pecados clamavam por retribuição divina, a qual não estava muito longe quando Amós proferiu suas advertências. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* sempre funciona, embora certas vezes precise de algum tempo para ser aplicada. Ver sobre esse título no *Dicionário.*

"A graça da eleição de Deus sempre teve por finalidade influenciar a conduta do indivíduo. Suas lealdades e bênçãos especiais com freqüência contêm castigos especiais que operam como medidas disciplinadoras, cuja finalidade é expurgar (Luc. 12.27,28; I Cor. 11.27-32; Heb. 12.4-11; I Ped. 1.7-9 e 4.17). Visto que o amor de Deus é grande, assim também os crentes devem ser santos" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*). Platão costumava dizer que a pior coisa que pode acontecer a um homem é ele corromper-se mas não ser corrigido. Isso azeda a alma do indivíduo, que cai no mal habitual.

A Autoridade do Profeta (3.3-8)

3.3

Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo? Sem dúvida esta pergunta foi dirigida ao profeta: "Com que autoridade estás proferindo essas profecias de condenação?". Amós estava perturbando a paz. As coisas eram pacíficas e prósperas, mas ele falava em desastre, e não como algo distante. Ninguém em Israel queria ouvir uma mensagem daquela natureza, e os israelitas não

aceitariam a autoridade dos profetas de condenação. A resposta de Amós foi dada mediante uma série de *sete* perguntas retóricas que alertaram os ouvintes para o fato de que certos acontecimentos estão inseparavelmente vinculados aos resultados deles derivados. Amós falava sobre causas e efeitos. Portanto, Yahweh não faria coisa alguma sem primeiro falar através de Seu profeta autorizado. Mas, uma vez que essa advertência fosse dada, o julgamento deveria sobrevir, conforme predito.

A mensagem geral é que ninguém poderia resistir à profecia. O profeta não podia resistir à ordem de profetizar, dada por Yahweh, pelo que tinha essa espécie de ministério. Além disso, a mensagem era inexorável.

Podem dois andar juntos a menos que concordem caminhar em harmonia e união?

a. *Primeira pergunta retórica:* Naturalmente que não. O texto não se refere a duas pessoas que fazem juntas um passeio a pé, e, sim, a duas pessoas que trabalham juntas no mesmo propósito, trabalho ou modo de vida. Yahweh e o profeta Amós andavam juntos. Eles estavam unidos quando ao propósito. Portanto, a mensagem de condenação a ser proferida estava correta e acima de qualquer crítica. Andar na companhia de Yahweh dava autoridade a Amós. A grande questão que se impunha era: "Está Israel andando com Deus?". A resposta óbvia era: Não! Portanto, o julgamento haveria de cair sobre os falsos companheiros de Yahweh. Todas as perguntas feitas apontam para as conclusões que se acham nos vss. 7 e 8.

3.4

Rugirá o leão no bosque, sem que tenha presa?

b. *Segunda pergunta retórica:* A idéia dessa pergunta retórica é que um leão ruge quando ataca sua presa. Quando isso sucede, o pobre animal é atacado e torna-se o repasto do leão. Portanto, o rugido acompanha o ataque e, assim sendo, se você não ouve nenhum rugido, sabe que o leão não está atacando. Há uma relação de causa e feito entre o rugido e o ataque de um leão. Essas coisas ocorrem juntas. As conclusões vinculadas às perguntas aparecem nos vss. 7 e 8.

Levantará o leãozinho no covil a sua voz, se nada tiver apanhado?

c. *Terceira pergunta retórica:* " O pai leão leva parte de sua caça à cova, para seus filhotes. Os leõezinhos deleitam-se e rosnam enquanto devoram suas porções. Se ninguém ouvir o rosnado dos leõezinhos, pode ter certeza de que eles não estão devorando parte da presa. As duas coisas andam juntas como um processo de causa e efeito. Talvez o leão que esteja rosnando seja o mesmo que ainda há pouco rugia, mas agora ele rosna em sua cova, tendo tomado parte de sua presa para a cova, a fim de terminar sua refeição.

3.5

Cairá a ave no laço em terra, se não houver armadilha para ela?

d. *Quarta pergunta retórica.* Nenhuma ave cairá em uma armadilha, a menos que um passarinheiro prepare uma armadilha com esse propósito. Essas duas coisas sempre seguem juntas. A ave vê (ou cheira) a coisa que o passarinheiro colocou na armadilha, alguma coisa que ela aprecie comer. Portanto, a ave desce e belisca a coisa, a armadilha a apanha, e esse é o fim da história.

Levantar-se-á o laço da terra, sem que tenha apanhado alguma cousa?

e. *Quinta pergunta retórica:* O mecanismo que faz a armadilha funcionar só faz seu trabalho quando alguma coisa (a pobre ave) o desperta. Portanto, se você ouvir o estalido da armadilha na floresta, saberá que alguma infeliz ave foi apanhada. O estalido da armadilha e o apanhar da ave são coisas que ocorrem juntas. Formam um processo de causa e efeito. As perguntas retóricas têm suas conclusões nos vss. 7 e 8.

3.6

Tocar-se-á a trombeta na cidade, sem que o povo se estremeça?

f. *Sexta pergunta retórica:* A trombeta anuncia a aproximação de algum exército. A matança, os estupros e os saques estavam prestes a começar. Quem não estremeceria ao ouvir a temível trombeta? O toque da trombeta e o temor são companheiros necessários. Essa ilustração agora se aproxima muito de seu alvo, porquanto a temível trombeta assíria em breve seria ouvida, e o povo de Israel estremeceria. O julgamento divino é companheiro do pecado, pois essas duas coisas sempre caminho juntas.

Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?

g. *Sétima pergunta retórica:* Alguns hebreus acreditavam na lamentável doutrina de Deus como a *causa única.* Isso significa que todas as coisas acontecem *necessariamente* por decreto divino, de maneira totalmente independente da vontade, dos atos, dos desejos, dos pecados ou da bondade humana. O calvinismo radical caiu nessa mesma armadilha teológica, e Rom. 9 repete o equívoco. Normalmente, porém, o ponto de vista comum é que *causas morais* estão por trás dos maus eventos, bem como por trás das coisas boas. Essa é a idéia da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). O texto presente, como é óbvio, está alicerçado sobre causas morais que fazem Deus agir conforme Ele age. Cf. Isa. 45.7, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livre-arbítrio.* Ver sobre *Voluntarismo* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Essa noção diz que a *vontade* é suprema e atua às expensas da razão e da moral (conforme entendemos a moral). Mas a *vontade divina,* na realidade, opera em consonância com as propriedades de causa e efeito das leis morais.

3.7

Certamente o Senhor Deus não fará cousa alguma... A *primeira aplicação* das sete perguntas retóricas aparece no vs. 7. Temos uma segunda aplicação no vs. 8. Yahweh não age como juiz em segredo nem fere em julgamento sem ter feito uma advertência apropriada. Portanto, *advertências* e *julgamentos* andam juntos, como os sete pares que acabamos de descrever. As advertências são dadas através de profetas autorizados, como foi Amós, e era isso o que o profeta tentava demonstrar. Ele seria ouvido *se* o povo o aceitasse como verdadeiro profeta de Yahweh. Por meio de tal raciocínio, o profeta tentou estabelecer sua autoridade em Israel. Mas não lhe deram ouvidos, sem importar se acreditassem ou não em sua autoridade.

Senhor Deus. Ou seja, *Adonai-Yahweh,* o Soberano do mundo, que realiza Sua vontade entre os homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.* Esse título aparece 19 vezes no livro de Amós, mas apenas 5 vezes nos livros dos outros Profetas Menores. Figura 217 vezes no livro de Ezequiel, mas apenas 103 vezes no restante do Antigo Testamento.

3.8

Rugiu o leão, quem não temerá? A *segunda aplicação* das sete perguntas retóricas aparece no vs. 8. O profeta nos leva de volta à pergunta do vs. 4. O leão é, agora, *Adonai-Yahweh* (ver sobre esse título divino no vs. 7). Ele estava rugindo Suas ameaças e fazia soar Sua temível trombeta de guerra (vs. 6). O julgamento estava às portas. Israel seria consumido pelo exército invasor da Assíria, mas o exército assíria faria a vontade de Deus, punindo um povo culpado que tinha ido longe demais e para o qual não havia como voltar à sanidade e à segurança. Foi assim que o *pecado* de Israel e o *julgamento* de Deus formaram um par inseparável, pois eram companheiros necessários, tal e qual as sete perguntas retóricas acabaram de demonstrar. Quando o Soberano Senhor proferiu Suas profecias, Amós as recebeu, sem alternativa: ele precisava profetizar. Ele anelava pelo bem-estar do povo e tinha esperança de que as suas palavras drásticas despertassem os israelitas para o arrependimento.

Tempo de Agir. Abraão Lincoln, o grande emancipador dos escravos dos Estados Unidos da América, estava condicionado para desempenhar esse trabalho. Quando ainda era jovem, fez uma viagem pelo rio Mississipi, até a cidade de Nova Orleãs. Ele trabalhava em uma embarcação que levava cargas àquela cidade, provenientes de cidades do norte. Percorrendo a pé a cidade, aconteceu-lhe encontrar um mercado de escravos. Ali viu homens, mulheres e crianças negros sendo vendidos para quem oferecesse mais dinheiro. Viu famílias sendo rasgadas e corações sendo despedaçados por essa prática iníqua. E disse em voz alta: "Se eu chegar a ter a oportunidade de ferir essa coisa, haverei de feri-la gravemente". Ele estava destinado a tornar-se um dos presidentes dos Estados Unidos da América, e, quando obteve essa autoridade, feriu gravemente a escravatura em sua nação. Assim também aconteceu com Amós. Ele recebeu autoridade da parte de Yahweh e feriu gravemente a apostasia de Israel.

Descrição das Corrupções de Samaria (3.9 – 4.3)

3.9

Fazei ouvir isto nos castelos de Asdode. Encontramos aqui uma série de oráculos que tratam de Samaria, a capital da nação de Israel, excetuando o trecho de Amós 3.13-15. Essa seção ensina por que Samaria precisava ser *julgada* por Yahweh. A situação de pecado e caos (moralmente falando) era espantosa. Grandes mudanças na história são, com freqüência, antecipadas por grande caos moral. Então há a revelação de Deus; em seguida, aparece o julgamento que efetua mudanças para melhor. Todos os julgamentos de Deus são remediais, e não meramente retributivos.

Somente aqui a Assíria é especificamente mencionada no livro de Amós, embora existam várias alusões à guerra vindoura, que só podem apontar para essa antiga potência. O original hebraico diz "Asdode", mas é provável que a Septuaginta esteja correta com sua correção, "da Assíria", seguida pela maioria das traduções. Ademais, os egípcios também foram convidados a vir, examinando a Samaria, onde testemunharam toda espécie de injustiça social, opressão, e pessoas ferindo-se mutuamente. As colinas formavam uma espécie de anfiteatro natural em redor da cidade de Samaria, e podemos imaginar aqueles estrangeiros sentados ali, sacudindo a cabeça, em meio a grande desassossego e violência do alegado "povo de Deus". Os egípcios não foram convidados como atacantes

REVELANDO OS MISTÉRIOS

Tocar-se-á a trombeta na cidade, sem que o povo estremeça? Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?

Certamente o Senhor Deus não fará cousa alguma, sem primeiro ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas.

Amós 3.6,7

*** *** ***

CAMINHOS MISTERIOSOS

Deus se move de forma misteriosa
Para realizar suas maravilhas.
Implanta seus passos no mar,
E cavalga por cima do tufão.

No profundo, em minas insondáveis
De habilidades que nunca falham,
Ele entesoura seus grandes desígnos
E põe em obras sua vontade soberana.

Willian Cowper

futuros, mas como representantes das potências mundiais da época. Os assírios estariam de volta para pôr fim à confusão em Samaria, levando embora os poucos israelitas que sobrevivessem da matança, como escravos. "Povos estrangeiros... se reuniriam para testificar sobre os males do reino condenado" (Ellicott, *in loc.*). O profeta estava dizendo que até os pagãos ficariam chocados diante do triste espetáculo que contemplariam em Israel. E Yahweh ficaria muito mais irado pelo triste espetáculo. Os pagãos tornar-se-iam uma espécie de tribunal, passando juízo sobre os réprobos israelitas. Não muito mais tarde, os assírios voltariam para executar o julgamento divino.

3.10

Porque Israel não sabe fazer o que é reto. Os estrangeiros contemplavam, incrédulos, os pesados crimes de violência e sangue que estavam sendo cometidos por um povo dividido contra si mesmo; os ricos roubavam os pobres e os reduziam à escravidão; os tribunais da terra apoiavam os ímpios e condenavam os inocentes. O terrorismo civil tinha-se tornado um meio de vida em Samaria. Nenhuma pessoa mostrava-se honesta e justa. Líderes de bandidos eram os que habitavam, em meio ao lazer, nos palácios, e continuavam engendrando os planos mais diabólicos, que visavam uma opressão ainda mais agravada. Os bens furtados e arrebatados violentamente eram acumulados nas casas dos ricos. "... os quais saqueiam e acumulam bens em suas fortalezas" (NIV).

Predição de Total Destruição (3.11-12)

3.11

Um inimigo cercará a tua terra. *Adonai-Yahweh,* o Soberano Supremo, não podia mais tolerar os israelitas, que almejavam ser chamados pelo Seu nome. Esse nome divino é usado 19 vezes no livro de Amós, mas somente 5 vezes nos outros profetas menores. Também foi usado 217 vezes em Ezequiel, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento. Em Sua soberania, o Supremo destruiria os destruidores de Samaria. Deus usaria o exército assírio para cumprir Suas ordens, e eles cercariam aquele lugar maligno, derrubariam suas defesas, destruiriam suas fortificações, matariam, estuprariam e saqueariam. Assim sendo, aqueles homens miseráveis, que oprimiam a outros, seriam oprimidos até serem aniquilados; os que saqueavam os pobres seriam saqueados.

3.12

Como o pastor livra da boca do leão as duas pernas. O aterrorizado pastor observava enquanto o leão apanhava uma de suas ovelhas. Ele corre em defesa do animalzinho, mas já é tarde demais. Ele é capaz de extrair da boca do leão dois ossos das pernas ou um pedaço da orelha. Assim aconteceria a Israel quando os assírios chegassem para a matança. Haveria apenas uns poucos miseráveis sobreviventes, mas esses seriam levados para a Assíria como escravos. Este versículo promete a destruição quase total da nação do norte, Israel, e foi o que aconteceu em 722 A. C. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Assírio.*

O saque seria tão completo que tudo quanto restasse em Israel seria "apenas o canto da cama e parte do leito". O hebraico original é aqui obscuro, mas o que temos nessa citação é uma idéia. A tradução da NCV diz: "Essa gente se assentará em seus leitos, em Samaria. E se assentarão em seus divãs", como que estonteados pela cena, impotentes para fazer qualquer coisa a respeito. Ou então a idéia é que aquela gente que tinha tão grande conforto em seus leitos e divãs, onde apreciavam seus prazeres sensuais, *aquela mesma gente* seria ou morta ou levada para a Assíria, escravizada.

A Condenação de Betel (3.13-15)

3.13

Ouvi, e protestai contra a casa de Jacó. Jeroboão I fez Israel pecar, estabelecendo seus santuários idólatras em Dã e Betel. Sobre como esse rei foi a *causa dos pecados de Israel,* ver as notas expositivas em I Reis 15.26 e 16.2. Quanto ao *pecado de Jeroboão,* ver I Reis 12.28 ss. Israel nunca se recuperou desse deboche. Era óbvio que alguma condenação drástica tinha de atingir Betel, o principal santuário nacional de Israel. O agente destruidor parece ter sido um terremoto. Nesse caso, aquele lugar miserável caiu por um ato da mão de Deus, sem nenhuma ajuda humana. Mas o terremoto poderia ser a figura de um aniquilamento causado por seres humanos àquela nação.

Israel foi endereçada pelo nome de um de seus patriarcas, "casa de Jacó", para relembrar o povo de sua lealdade histórica ao yahwismo. Cf. Amós 6.8; 7.2,5; 8.7 e 9.8. *Adonai-Yahweh* (o Senhor Soberano que faz o que melhor Lhe agrada entre os homens) agora é chamado de *Sabaote,* o General dos Exércitos. Se Ele era o Guerreiro divino que tinha defendido Israel, esse povo tinha-se tornado tão pútrido que agora Ele precisava derrubar toda a triste massa com um terremoto ou então enviar um exército que agia como terremoto, para destruí-la. Quanto ao nome divino, *Adonai-Yahweh* (usado 19 vezes no livro de Amós), ver as notas sobre Amós 1.8, em seu último parágrafo. A *palavra* que o Senhor proferiu é um *decreto de condenação.*

3.14

No dia em que eu punir Israel. Pode estar em vista um terremoto tão violento que afetaria muitas partes de Israel, e específico o bastante para demolir Betel e seus santuários e altares. Todas as coisas tombariam por terra, e a nação do norte nunca mais se soergueria. Uma nação inteira morreria. "A visitação divina demoliria tanto o santuário real quanto sua parafernália, as excelentes casas dos ricos, e tudo mais, demonstrando o contraste inspirador de profunda admiração entre o poder despedaçador de Deus e a fragilidade das realizações humanas" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*). As *pontas do altar* eram projeções que saíam dos quatro cantos do altar. Os fugitivos que pudessem entrar no templo e agarrar-se às pontas do altar supostamente ficariam a salvo de seus perseguidores (ver I Reis 1.50; 2.28; Êxo. 21.12,13), até que seus casos pudessem ser julgados pelos tribunais da lei. Mas o poder de Yahweh *cortaria* qualquer meio de segurança ou asilo. Nenhuma pessoa seria poupada da agonia.

3.15

Derrubarei a casa de inverno com a casa de verão. *Seria o Fim do Luxo e da Arrogância.* As casas dos ricos, que eles tinham construído explorando os pobres, seriam abaladas pelo terremoto ou derrubadas pelo exército assírio, que agia como se fosse um terremoto. Fosse como fosse, seria tudo a mão julgadora de Deus contra pecadores que tinham perdido o controle de si mesmos e se tornaram totalmente sem- vergonhas nos prejuízos que causavam a outros (ver as notas sobre o vs. 10). O presente versículo repete a mensagem essencial do vs. 11. Os ricos possuíam casas de verão, pois tinham dinheiro para adaptar-se às estações do ano para maior conforto, evitando os extremos de calor e de frio. Além do mais, apreciavam as férias que gozavam "lá fora", algo que os pobres nem sequer poderiam cogitar. Os ricaços de Samaria possuíam dinheiro bastante para empregar em seus lares materiais caros, na maior parte importados, como o marfim usado nos assoalhos, nos painéis e nas ombreiras das portas. O marfim também era usado como partes marchetadas nos móveis (ver Amós 6.4). O marfim era aplicado nos móveis dos reis, dos príncipes e dos elementos mais ricos da sociedade (ver I Reis 2.39; Sal. 45.8). Um lucro mal ganho era a chave principal da prosperidade da nação de Israel, mas essa prosperidade não resistiria ao golpe divino. Quanto às casas de verão, cf. Juí. 3.20 e Jer. 36.22. Aquele homem ímpio, Acabe, tinha uma casa decorada com marfim, mas morreu de morte miserável e violenta. Assim também terminaria a nação de Israel.

Capítulo Quatro

A Ganância Egoísta das Mulheres (4.1-3)

4.1

Ouvi estas palavras, vacas de Basã. As mulheres são essencialmente aquilo que os homens fazem delas. Em Samaria, elas foram infeccionadas pelos pecados dos varões e caíram em profundezas similares de degradação. Eram mulheres nédias, criaturas bem criadas, acostumadas a seus luxos e prazeres. Elas satisfaziam cada um de seus apetites. Participavam com os varões como opressoras dos pobres e eram tão destituídas de coração quanto eles.

Mediante insulto singular, Yahweh convocou as mulheres a ouvir Sua palavra e *chamou-as* de "vacas".

Basã. Era a região que ficava a leste do mar da Galiléia, notória por suas ricas pastagens (cf. Eze. 39.18). As damas que viviam no luxo de Israel habitavam as ricas pastagens de Samaria, ocupadas em seus próprios interesses, oprimindo os elementos pobres da nação, pois só serviam para obter lucro, e esmagando os necessitados. Viviam animando seus maridos para conseguir sempre maiores riquezas, o que é aqui simbolizado por suas ordens, dadas a eles, para trazer mais bebidas para suas festas intermináveis. Temos aqui o quadro de damas amimalhadas que jamais tinham trabalhado um único dia, mas tinham tempo de sobra para gastar em seus luxos e festas intermináveis. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Basã.*

4.2

Jurou o Senhor Deus pela sua santidade. Yahweh, chamado aqui de *Adonai-Yahweh* (o *Senhor Soberano;* ver as notas em Amós 1.8, último parágrafo), exerceria Sua soberania e atacaria aquelas mulheres como um pescador que

O POVO DOS PACTOS CASTIGADO

Comparações entre Amós, Levítico, Deuteronômio e I Reis

Castigos	Amós	Levítico	Deuteronômio	I Reis
Fome	4.6	26.26,29	28.17,48	8.37
Seca	4.7-8	26.19	28.22-24,48	8.35
Doenças de plantas	4.9	26.20	28.18,22,30,39-40	8.37
Gafanhoto	4.9	—	28.38,42	8.37
Pragas	4.10	26.16,25	28.21-22,27,35,59-61	8.37
Derrota militar	4.10	26.17,25,33,36-39	28.25-26	8.33
Devastação	4.11	26.31-35	29.23-28	—

Pacto. Entre outras formas de linguagem antropomórfica nas Escrituras, encontramos o termo *pacto*. A palavra é usada para designar a maneira de Deus tratar com o homem e entrar em alianças com ele. Os pactos trouxeram as promessas de Deus para um povo obediente às condições morais dele. Evitar idolatria era sempre a primeira exigência, mas muitas infrações morais quebraram os pactos. O povo dos pactos era, idealmente, um povo distinto dos demais.

OS PACTOS E AS PROMESSAS

UMA GRANDE NAÇÃO DENTRO DE SUA PRÓPRIA TERRA

PACTO ABRAÂMICO

Naquele mesmo dia fez o Senhor aliança com Abraão, dizendo: à tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates

Gênesis 15.18

A LEI FOI DADA COMO O GUIA DA VIDA E DÁ VIDA AOS OBEDIENTES

Pacto Mosaico

Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes, para que vivais...

Deuteronômio 4.1

CONQUISTA DA TERRA DA PALESTINA, O LAR DO POVO

Pacto Palestino

Se atentamente ouvires a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra.

Deuteronômio 28.1

A PERPETUIDADE DA FAMÍLIA E DO REINO DE DAVI, CUMPRIDA EM GRAU MAIOR EM CRISTO, O FILHO DE DAVI

Pacto Davídico

Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino.

II Samuel 7.13

apanha os peixes com anzóis, tirando-as violentamente de seu hábitat. "Tal como os peixes são retirados da água por meio de anzóis, assim também as mulheres israelitas seriam retiradas, súbita e violentamente, de suas cidades, pelo inimigo (ver Eze. 29.4; Jó 41.1,2; Jer. 16.16; Hab. 1.15). Essa imagem é ainda mais apropriada visto que os cativos, na antiguidade, eram conduzidos por seus captores por meio de uma argola passada no nariz (ver II Reis 19.28). Isso é retratado nas inscrições assírias" (Fausset, *in loc.*). "Isso descreve a subitaneidade e o caráter irresistível da prisão" (Ellicott, *in loc.*). Estava em vista o *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*).

4.3

Saireis cada um em frente de si pelas brechas. "Saireis diretamente da cidade mediante buracos feitos nas paredes. E sereis lançados na lata de lixo, diz o Senhor" (NCV). Com algumas emendas, Richard S. Cripps traduziu os vss. 2 e 3 como segue:

> *Eles levantarão vossos narizes com anzóis,*
> *E vossos traseiros com postes farpados.*
> *Como sujeira e lixo sereis arrastados*
> *E, despidos, sereis lançados fora.*

A abundância urbana de repente cederia lugar ao terror dos cativos. Quanto aos castigos do pacto, ver o gráfico acompanhante. O povo das alianças deveria sofrer por ter desobedecido às provisões dessas alianças, especialmente o pacto mosaico — a obrigação de guardar a lei. Ver sobre isso na introdução a Êxo. 19. Os israelitas, incluindo as mulheres, em uma frenética tentativa de escapar dos atacantes, sairiam através de buracos nas muralhas, em vez de saírem pelos portões. Seus esforços, entretanto, seriam inúteis. Os poucos que escapassem da matança seriam reunidos como cativos e conduzidos, de maneira brutal, à Assíria. As "vacas" seriam postas em fila e conduzidas com uma argola posta em seus narizes.

A Profunda Culpa de Israel (4.4 – 5.3)

O Pecado nos Santuários (4.4-5)

4.4-5

Vinde a Betel e transgredi. Coisa alguma escapava ao poder poluidor daquele povo que se tinha tornado pior do que os povos pagãos. Os santuários estavam poluídos por toda a forma de idolatria. Yahweh convocou aqueles réprobos ao santuário central de Betei para que prosseguissem com seus sacrilégios. Esse é um convite irônico, dirigido a um povo que não podia mais arrepender-se. Portanto, deviam fazer o que estavam fazendo, até que a ira de *Adonai-Yahweh* (o Soberano Senhor) os derrubasse por terra. Esse nome divino é usado 19 vezes no livro de Amós, mas somente 5 vezes no restante dos livros dos profetas menores. É usado 217 vezes em Ezequiel, mas apenas 103 vezes no restante do Antigo Testamento. Fala da *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). O poder de Deus estaria por trás da ruína final da idolatria. Betei era a cidade onde ficava o principal santuário nacional, e Gilgal era igualmente importante cidade-santuário. Os israelitas, pois, receberam ordens para prosseguir em suas práticas pagãs, enquanto podiam fazê-lo; que realizassem seus sacrifícios habituais e efetuassem outras práticas, como o pagamento de dízimos e as festividades. O tipo de idolatria que os israelitas praticavam incorporava alguns aspectos do yahwismo. Os sacerdotes convocavam o povo a ser fiel a suas obrigações cúlticas. E *Adonai-Yahweh* zombou deles, repetindo o mandato dos sacerdotes de maneira irônica.

Betel, como um santuário idólatra, foi estabelecida no começo mesmo da história da nação de Israel, depois que esta se separou da parte sul do país. Ver sobre o pecado de Jeroboão, em I Reis 12.28 ss., e como ele fez Israel cair no pecado, em I Reis 15.26 e 16.2. Em *Gilgal* foram postas as pedras memoriais que assinalaram a entrada do povo de Israel na Terra Prometida (ver Jos. 4), um lugar que permaneceu como centro de adoração e como local de visita de peregrinos, no século VIII A. C. Ver Amós 5.5; Osé. 4.15; 9.15 e 12.11. Quanto às refeições sagradas, ver I Sam. 1.3-5;, quanto aos dízimos, ver Deu. 12.4-7; 14.22-27; quanto às *oferendas de agradecimento*, ver Lev. 7.11-15; e, quanto às oferendas voluntárias, ver Lev. 7.16 e 22.17-19. Portanto, os vss. 4 e 5 fornecem um sumário dos tipos de coisas que ocorriam nas cidades idólatras de Betei e Gilgal, deixando claro que o yahwismo foi misturado com a idolatria pagã, o que produziu um sincretismo doentio, repelente para *Adonai-Yahweh*.

Note o leitor que eles sacrificavam com *fermento*, algo que tinha sido especificamente proibido pela lei mosaica (ver Lev. 7.13; 23.17). Yahweh, pois, recomendou que os israelitas continuassem a praticar coisas tão desgraçadas, porquanto o tempo que lhes restava era curto. Mas o golpe divino poria fim a tudo isso.

Indiferença Diante do Castigo (4.6-12)

4.6

Também vos deixei de dentes limpos em todas as vossas cidades. Ver o gráfico acompanhante quanto aos castigos projetados contra o povo compactuado com Deus, que se tinha tornado um povo pseudo-compactuado. A parada de idolatria e pecados múltiplos não poderia prosseguir para sempre. Praticar o mal tinha-se tornado um meio de vida, e não algo para o que o povo escorregava apenas ocasionalmente.

"*Vss. 6-12.* Tendo ignorado as repetidas advertências do Senhor, que lhes haviam sido dadas por meio da natureza e da história, Israel agora deveria preparar-se para encontrar-se com o seu Deus, o qual é caracterizado como Deus dotado de amor paciente e justiça inexorável" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 6).

A própria fome não diminuiu o ritmo da prática de toda a espécie de males na nação de Israel. Seus dentes estavam limpos porque eles nada tinham para comer; até aos ricos faltava pão, para nada dizermos sobre os pobres. Coisa alguma era capaz de impressionar àqueles réprobos, nem mesmo uma ameaça à própria vida. Eles se recusavam a "voltar-se" para Yahweh, mediante o arrependimento. Lev. 26 e Deu. 28 e 29 advertiam o povo em relação de pacto com Deus de que haveria fome se o povo se corrompesse em sua terra. Haveria fome (Amós 4.6); seca (vss. 7 e 8); fracasso no plantio (vs. 9); pragas (vs. 10); derrota militar (vs. 10) e devastação (vs. 11). Salomão predissera que tais coisas aconteceriam aos desobedientes (ver I Reis 8.33-37).

"Deus lhes havia dado estômagos vazios (literalmente, *limpeza de dentes*, ou seja, nada para mastigarem). A fome tinha afligido a terra inteira de Israel. Mas o povo não se tinha voltado para Deus" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arrependimento*. A observação de que o povo de Israel não se tinha "voltado" para Deus é repetida 5 vezes neste capítulo. Ver os vss. 6-11. Cada uma dessas vezes é assinalada por uma nova descrição de pecados.

4.7

Além disso, retive de vós a chuva. A *seca* foi o segundo castigo contra aqueles homens iníquos e desvairados. A chuva não caiu por três meses antes da colheita, o que era crítico para que as plantações amadurecessem. As chuvas pesadas dos fins de fevereiro, que normalmente os habitantes da Palestina tinham como certas, fracassariam. Portanto, a colheita não teria lugar em abril. As colheitas falharam, e o povo passou fome, mas nem por isso se arrependeu. O pouco de chuva que chegou não seguiria norma alguma. As chuvas cairiam sobre uma cidade, mas não sobre outra; cairiam sobre um campo plantado, mas não sobre outro. Dessa forma haveria um pouco de colheita, mas totalmente inadequada para as necessidades do povo. Poços e cisternas se secariam por falta de água, e o povo ficaria desesperado por água, conforme descreve o vs. 8. Alguns estudiosos, entretanto, pensam que certas áreas foram abençoadas com chuvas, por causa da piedade de certos agricultores, que, assim sendo, não sofreram com a seca. Nesse caso, houve uma providência divina seletiva, baseada na obediência ou desobediência às leis morais. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Providência de Deus*.

4.8

Andaram duas ou três cidades, indo a outra cidade, para beberem água. O povo de Israel haveria de vaguear, em desespero, tentando encontrar água bastante para beber, mas suas expectativas seriam frustradas. Contudo, mesmo quando a situação se tornou *desesperadora*, o povo de Israel não se arrependeu (por cinco vezes neste capítulo — vss. 6-11 — é dito que eles não se voltaram para Yahweh).

Era realmente estranho encontrar uma cidade, aqui ou acolá, que tivesse água, como fosse abençoada por Yahweh. Mas aqueles pecadores eram por demais ignorantes para perceber qualquer *padrão* que pudesse sugerir a bênção ou a maldição de Yahweh, de acordo com os ditames das leis morais.

4.9

Feri-vos com o crestamento e a ferrugem. A *terceira aflição* eram doenças nas plantas e insetos, que destruiriam o pouco que tivera oportunidade de crescer apesar da seca. *Crestamento e ferrugem* (parasitas que se satisfaziam com a pouca verdura existente) cobraram sua parte. O que restara foi consumido por insetos que atacavam as plantas, como os *gafanhotos* e outros insetos pestíferos. Na natureza o conflito consistia em conseguir o pouco que tinha sido providenciado, e os homens, que precisavam comer para sobreviver, estavam perdidos em meio à competição. Assim sendo, vermes e parasitas, bem como gafanhotos, derrotaram os homens e continuaram vivos, enquanto os humanos morriam por

toda a parte. Cf. este versículo com Joel 1.4. Alguns intérpretes tomam a primeira palavra deste versículo para referir-se ao sopro quente do vento oriental, vindo do deserto, e não a alguma doença dos vegetais. Cf. Deu. 28.22 e I Reis 8.37, onde a mesma palavra é usada. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vento Oriental*.

4.10

Enviei a peste contra vós outros à maneira do Egito. A *quarta aflição* foi a pestilência. Homens famintos adoecem porque suas defesas naturais são prejudicadas. Pragas como as que caíram sobre o Egito feririam Israel, e pelas mesmas razões morais. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Pragas do Egito*.

A *quinta aflição* foi a guerra, na qual homens jovens (que serviam como soldados) eram as principais vítimas. Os homens eram deixados moribundos, mas os cavalos eram tomados pelo inimigo, para serem usados. O mau cheiro dos corpos em decomposição tornava a vida insuportável, mas nem assim o povo de Israel se arrependeu (não se voltou para o Senhor, o que é dito cinco vezes neste capítulo — vss. 6-11). "Eu vos fiz cheirar o mau odor de todos os cadáveres, mas nem assim vos voltastes de volta para mim" (NCV). As guerras naturalmente sempre anunciam a chegada de enfermidades que, algumas vezes, destroem mais do que a força das armas. A peste bubônica é espalhada pelas pulgas, e intermináveis são os modos pelos quais as doenças se difundem quando as coisas fogem do controle.

4.11

Subverti alguns dentre vós, como Deus subverteu a Sodoma e Gomorra. Não há certeza, aqui, sobre qual foi essa aflição. Mas isso significa que a *quinta* aflição pode ter sido um terremoto. Talvez um terremoto tenha anunciado erupções vulcânicas em Sodoma e Gomorra, e algo semelhante pode ter acontecido em certas regiões de Israel. Talvez esteja em vista o fogo da guerra. Seja como for, Israel foi arrancado do fogo, a fim de não ser totalmente aniquilado; porém, nem mesmo esse pouco da graça salvadora de Deus exerceu efeito sobre o duro coração dos israelitas. Eles se recusaram a voltar-se para Yahweh (não se *arrependeram*, o que é dito cinco vezes neste capítulo — vss. 6-11). Quanto ao julgamento de Sodoma e Gomorra, ver Gên. 19.23-29 e Deu. 29.22,23. Muitas cidades deixaram de existir, mas isso ainda não foi o fim, que só ocorreu quando os assírios terminaram sua obra de destruição.

4.12

Portanto, assim te farei, ó Israel! Todas as aflições que acabam de ser descritas (vss. 6-11) tinham por propósito obter a atenção dos réprobos israelitas. Sofrendo tais aflições, Israel seria forçado a encontrar-se com seu Deus como Juiz e Castigador. Algo mais terrível ainda estava sendo guardado para aqueles pecadores: o ataque dos assírios e o subseqüente cativeiro e, diante dessa invasão, os israelitas não seriam arrancados da fogueira, mas nela seriam totalmente consumidos. Visto que os israelitas se recusaram a voltar-se para Yahweh, em arrependimento, teriam de defrontar-se com *Elohim*, o Poder Todo-poderoso, que usaria Seu poder para julgar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Cf. Amós 3.11-15, que prevê e descreve o ataque dos assírios. As catástrofes preliminares não realizariam seu propósito. O ataque final simplesmente encerraria o livro sobre a nação de Israel, a qual não se levantaria mais.

Primeira Doxologia (4.13)

4.13

Porque é ele quem forma os montes, e cria o vento. Cf. também Amós 5.8,9 e 9.5,6. Talvez essas doxologias tenham sido adicionadas por algum escriba posterior. Nessas doxologias há uma diferença quanto ao estilo e à qualidade do hebraico; porém, não há como ter certeza sobre a questão. Nem importa se algum outro autor contribuiu com algo para o livro de Amós, aqui e acolá.

Adonai-Yahweh-Elohim (nomes divinos que foram empregados neste capítulo), o Deus que é Soberano Senhor, Eterno e Todo-poderoso. Ele é, igualmente, o *Criador*. Formou a terra com suas montanhas altíssimas e fez soprar os quatro ventos. Ele resolveu revelar Seus pensamentos aos homens, a fim de instruí-los quanto ao certo e ao errado, encorajando-os e chamando-os à santidade, através dos profetas. Deus também está por trás dos ciclos da natureza, da alvorada que ilumina a noite escura. É Ele quem anda por sobre as montanhas da terra, recompensando e punindo, intervindo na vida de indivíduos e nações. De fato, o nome Dele é *Adonai-Yahweh*, mas também é Sabaote, o General dos Exércitos. A doxologia ensina que Deus é o Tudo em Todos, a fonte de todas as bênçãos, e também Aquele que impõe todas as maldições, as quais são descarregadas conforme as leis morais. Isso representa o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador intervém em Sua criação; aplica Sua providência negativa e positiva; é a Fonte de toda a vida e existência. Ele não abandonou a Sua criação, nem a deixou ao governo das leis naturais (conforme ensina o *deísmo*).

Capítulo Cinco

A Morte da Nação (5.1-3)

Esta pequena seção leva avante as idéias de Amós 4.6-12, com a adição de figuras simbólicas e ameaças. Encontramos aqui um elogio à nação caída, que se recusou a arrepender-se (voltar-se para Yahweh, o que é dito *cinco* vezes na seção anterior). Os vss. 1-3 formam um poema que é um "excelente exemplo do ritmo ordinariamente usado em um cântico fúnebre: três compassos e dois compassos, o que produz uma cadência tristonha, cujo efeito pode ser sentido até mesmo nas traduções" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*). O povo de Israel foi convocado a lamentar a própria morte deles! — uma figura grotesca, embora coisa alguma fosse tão grotesca como a da idolatria incansável e o paganismo geral de Israel, a despeito das reprovações e ameaças do profeta Amós.

"Amós 5.1-6.14: O horror e a finalidade do castigo bem merecido por Israel. Amós 5.1-3: um lamento pela nação caída e esquecida" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1).

5.1

Ouvi esta palavra, que levanto como lamentação. A *palavra de Yahweh* voltou com uma terrível finalidade. O profeta cumpriu as demandas de sua missão e apresentou a temível mensagem ao povo de Israel. Essa palavra era sobre uma lamentação, um cântico e um poema fúnebre que o povo de Israel precisava ouvir: girava em torno de sua própria morte como nação. Cf. Eze. 32.2: "levanta lamentações". Trata-se de uma carga que provoca lamentação (Eze. 19.1; 27.2). Ver também II Sam. 1.17-27; 3.33,34; II Crô. 35.25; Jer. 7.29; Eze. 19. Essas palavras foram proferidas quando a nação de Israel ainda estava no auge de sua glória e prosperidade, sob Jeroboão II. Mas em breve a história terminaria, iniciada tão lamentavelmente quando Jeroboão I levantou imagens em Dã e Betel. Ver sobre o pecado de Jeroboão, em I Reis 12.28 ss., e sobre como ele fez Israel pecar, em I Reis 15.26 e 16.2.

5.2

Caiu a virgem de Israel, nunca mais tornará a levantar-se. "Israel caiu. Nunca mais se levantará. Foi deixada sozinha na terra. Não há ninguém para levantá-la" (NCV).

A *virgem de Israel* é que tinha caído. Ela se corrompeu com as prostituições da idolatria. Tornou-se uma adúltera notória ao abandonar seu marido, Yahweh (a figura do livro de Oséias). O lamento foi levantado pela virgem anterior, e nós desprezaríamos a condição que havia causado sua queda. Até aqui, porém, só pensamos nela como a virgem favorecida. Mas agora a vemos caindo. Ela está morta. Por que ela morreu? Porque abandonou Yahweh, seu companheiro celestial, e então correu para Baal e seus deboches. Além disso, quando foi chamada, ela se recusou a atender o convite.

Por muitas vezes ela foi chamada a retornar, mas recusou-se a isso. Estava por demais ocupada para ouvir, porquanto se deitava com seus amantes, em leitos de concupiscência. Agora, porém, estava caída e abandonada. Um de seus amantes a matou. E seu marido, Yahweh, abandonou a cena. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Assírio*.

5.3

A cidade da qual saem mil conservará cem. Algumas cidades eram fortes, possuidoras de numerosa população, pelo que foram capazes de enviar mil homens para enfrentar o ataque dos assírios. Mas somente cem (a décima parte) sobreviveu à batalha e foi à cidade, em busca de refúgio. Então, as cidades pequenas, que só tinham cem jovens para enviar à guerra, viram somente dez voltarem, fugindo na frente de um inimigo implacável. Isso acontecia nas cidades grandes e nas cidades pequenas. Uma vez quebradas as defesas, o inimigo invadia a cidade, matando, estuprando e saqueando. Ali também poucos sobreviveriam. E esses poucos foram levados para a Assíria, e mais tarde outros povos foram enviados para o território, a fim de ocuparem o espaço vago. Os poucos sobreviventes que permaneceram na terra se misturaram com casamento com aqueles povos, dando origem aos *samaritanos* (ver a respeito no *Dicionário*). Foi assim que Israel perdeu sua identidade. Não viveu para lutar por outro dia, porquanto, para Israel, não haveria mais um dia. "Um exército podia sofrer uma perda de 50% e continuar lutando (ver II Sam. 18.3). Mas se 90% dos homens fossem mortos, então a nação que perdesse tanta gente teria recebido sua sentença de morte. Amós lamentou o fato de que Israel tinha cessado de existir" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*).

Várias Exortações e Denúncias (5.4-15)

Religião Falsa e Religião Verdadeira (5.4-6)

5.4

Pois assim diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me, e vivei. O profeta avançou para além da lamentação fúnebre que ele havia pronunciado e que lamentava o "resultado final" da decadência de Israel por ele descrita. Agora, porém, ele voltava a fazer mais descrições, exortações e denúncias. Mas já sabia para onde as coisas se encaminhavam: *para o nada.* Alguns indivíduos ainda poderiam buscar Yahweh e ser livrados desse fim inglório. Alguns poucos poderiam *viver* (ver o vs. 6). Os que buscassem o Senhor, entretanto, não deveriam concentrar-se ao redor dos santuários corruptos, onde a morte já reinava. A busca teria de ser individual, pois a apostasia controlava toda a terra de Israel. Caros leitores, algumas vezes é um pecado freqüentar a igreja!

Yahweh dirigia-se ainda à nação de Israel: *Buscai-me e vivei!* Mas sabemos que muitas pessoas que estão envolvidas em deboches e pecados não darão atenção ao chamado divino. Os palácios estavam repletos de corrupção, mas outro tanto sucedia aos santuários. Daí a chamada: *Buscai-me!* A vida dependia dessa busca, mas fora dali a morte reinava sobre tudo.

5.5

Porém não busqueis a Betei, nem venhais a Gilgal. A igreja se tornara um lugar de deboches! Yahweh tinha sido abandonado no lugar da adoração. O paganismo dominara os santuários. Isso soa familiar ao leitor? Israel tinha caído em fatal idolatria-adultério-apostasia. Os próprios santuários encabeçavam condições lamentáveis, em vez de repreender a essas condições. Betel e Gilgal (ver Amós 4.4), que já haviam sido lugares sagrados, memoriais de tratos de Yahweh com o povo de Israel, tornaram-se centros de cultos que tinham expulsado completamente o yahwismo, ou então formaram com ele doentio *sincretismo* (conforme se vê em Amós 4.4,5).

Outro santuário corrupto ficava em *Berseba,* local que tinha sido sagrado para os patriarcas, particularmente Isaque. Esse lugar ficava situado na encruzilhada de estradas no deserto, cerca de 80 km a sudoeste de Jerusalém. Ver os nomes próprios no *Dicionário.* Aqueles santuários corruptos não ofereceriam segurança e refúgio quando os assírios varressem a terra, pelo que nenhuma pessoa deveria correr para lá quando a batalha começasse. Além disso, nenhum homem espiritual recorreria àqueles lugares, seja como for. Mas podemos estar certos de que, quando o ataque se iniciou, esses santuários estavam cheios de pessoas, as quais supunham que eles lhes ofereceriam certa medida de segurança.

Betel transformara-se em *Bete-Áven,* isto é, a "casa de Deus" se tornara em "casa de nada" (ver Amós 1.5). Também há um jogo de palavras com Gilgal. O som *gil* sugeria *gal* (de *galah,* "ir para o exílio"). Note o leitor o fim do versículo, onde se lê que Betel seria reduzida a "nada" (no hebraico, *aven*). O nada provavelmente nos faz lembrar dos deuses que nada representam.

5.6

Buscai ao Senhor, e vivei. "Buscai ao Senhor e vivei, ou ele varrerá a casa de José como um fogo: e esse fogo devorará, e Betei não terá quem o apague" (NIV).

Na casa de José. A casa de José é posta aqui em lugar da "casa de Israel" (Amós 5.1) ou da "casa de Jacó (Amós 3.13 e 6.8). Não havia uma "tribo de José". Antes, havia duas tribos chamadas pelos nomes de seus filhos: Efraim e Manassés. A tribo de Efraim era a mais numerosa e poderosa das dez tribos do norte, pelo que, algumas vezes, a nação de Israel é chamada de "Efraim", e a nação do norte é chamada de "casa de José". Cf. Eze. 37.16.

Um fogo. Cf. Amós 2.5. Os assírios teriam o fogo de Deus, destruindo Israel, que se tornara um lugar desolado, espiritualmente falando. O fogo era o poder destruidor mais severo que os antigos conheciam, pelo que era o melhor candidato para tornar-se o símbolo dos julgamentos divinos. Em I Enoque temos o *rio de fogo,* onde as almas malignas eram lançadas, e assim nasceu a doutrina do fogo eterno (aplicado a uma punição no pós-vida). No livro de Apocalipse, esse rio torna-se um *lago de fogo* (ver Apo. 19.20 e 20.10). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fogo,* quanto a detalhes sobre esse simbolismo.

O fogo avançaria terra a dentro, consumindo tudo; e ninguém poderia resistir-lhe. Orações e súplicas subiriam aos deuses e a Deus, em Betel; mas isso não traria bem algum. Israel não seria poupada, como também não seria poupado o santuário nacional de Betel. E nem culto ou ritual algum levado a efeito em Betel surtiria efeito sobre o fogo. Diz o Targum: "... não haverá ninguém capaz de apagar o fogo, por causa de vossos pecados, que vindes servindo os ídolos em Betel".

O Tratamento Brutal aos Pobres; Segunda Doxologia (5.7-13)

5.7

Vós que converteis o juízo em alosna. O vs. 7 é uma severa denúncia contra a nação de Israel; seguem-se os vss. 8 e 9, com uma segunda doxologia; os vss. 10-12 nos fornecem outra lista dos pecados de Israel; e então o vs. 13 termina esta seção com uma "palavra aos sábios", sobre como eles devem agir em tempos de aflição severa. O vs. 7 atua como um elo de ligação com os vss. 10-13 (conforme demonstram a gramática e o contexto). Os vss. 8 e 9 são uma inserção feita por algum editor posterior, ou pelo próprio profeta, o qual foi subitamente transportado para uma ejaculação de louvor ao Deus Criador, bem no meio de suas ameaças.

Um dos pecados conspícuos de Israel foi o fato de que a corrupção tomou conta de seus tribunais, operando através deles como instrumentos. "Transformais a justiça dos tribunais em algo injusto" (NCV). Os ricos usavam os tribunais para conseguir decisões que lhes fossem favoráveis, ajudando-os em sua "política de enriquecimento rápido". Eles oprimiam os pobres através dos tribunais, furtando-lhes bens e propriedades. Com a ajuda dos tribunais, os ricos ficavam a salvo do merecido castigo, quando cometiam algum crime.

Assim sendo, os ricos transformavam a justiça na coisa mais amarga possível, algo tão amargo quanto a *alosna.* A palavra hebraica indica uma planta extremamente amarga ao paladar, e venenosa se fosse engolida. Cf. Deu. 29.18.

5.8-9

Procurai o que faz o Sete-estrelo e o Órion. *Temos Aqui a Segunda Doxologia.* Quanto às duas outras doxologias do livro, examinar Amós 4.13 e 9.5,6. Ver as notas expositivas sobre Amós 4.13, quanto a observações gerais sobre essas doxologias. Tal como na primeira, isso aponta para Yahweh como o Criador. Como tal, Ele criou os céus estelados, incluindo o Sete-estrelo e o Órion. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Plêiades (e Outras Constelações: Sete-estrelo).* Ele controla os ciclos da natureza, como a passagem do dia para a noite, e da noite para o dia; Ele controla os grandes corpos de água, os mares, que algumas vezes inundam as terras, sob Suas ordens. O nome Dele é *Yahweh,* o nome divino mais sagrado e impronunciável que havia no vocabulário judaico. Ele é o Deus Eterno e o Criador, sob cujo controle as coisas são guardadas. No contexto, isso implica o fato de que Deus governa tudo através de Suas leis morais. E assim como Ele controla todas as coisas físicas por meio de suas leis físicas, assim também, no terreno da vida e das interações humanas, Ele também é o Controlador.

É ele que faz vir súbita destruição sobre o forte. Os atos soberanos de Deus incluem a execução de Seus julgamentos sobre a terra, desfechando Seu fogo sobre os fortes, que oprimem os fracos; e derrubando fortalezas nas quais os homens confiam. O vs. 8 diz-nos que Ele governa o mundo físico, os céus e a terra. E o vs. 9 diz-nos que Ele governa o *mundo moral.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.* Ver também os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Teísmo.*

"Esse Deus, cujo domínio não pode ser desafiado no céu, também é irresistível na terra. Coisa alguma podia resistir à destruição divina, nem mesmo a mais poderosa das fortalezas ou a mais fortificada das cidades" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*). Israel seria o alvo primário daquela espécie de providência, por causa de seus pecados inumeráveis, e o julgamento divino estava às portas.

5.10

Aborreceis na porta ao que vos repreende. *Mais Tiradas contra o Pecado e a Vergonha.* As palavras do vs. 7 continuam aqui. Está em vista o justo juiz, na porta da cidade, que repreende aos iníquos, algo era raro em Israel nos dias de Amós. O justo juiz era odiado por outros porque procurava entravar os crimes deles. Se um homem falasse retamente, logo procuravam derrubá-lo, visto que não podiam resistir à justiça. Quando um homem defende os pobres, torna-se objeto de ataques. Os defensores dos inocentes não eram tolerados, e ninguém queria ouvi-los falar sobre a lei de Moisés. Provavelmente, o profeta Amós estava entre os homens bons que eram perseguidos. Cf. este versículo com Isa. 29.21; I Reis 22.8; Pro. 9.8; 12.1; Jer. 36.23.

5.11

Portanto, visto que pisais o pobre, e dele exigir tributo de trigo. Os ricos que abusavam dos pobres são novamente atacados. Homens ímpios e poderosos viviam como parasitas dos pobres. Eles roubavam seus produtos agrícolas e propriedades, e com o dinheiro construíam para si mesmos belas casas com materiais importados, como o *marfim* (ver Amós 3.15 e 6.4). Eles impunham taxas escorchantes e ilegais sobre o trigo e outros produtos agrícolas, e também subornavam os juízes e cometiam crimes de sangue para obter dinheiro e poder. Eles violavam os pactos, especialmente o pacto mosaico, cuja base era a lei de Moisés. Ver Êxo. 23.2,6, e cf. Amós 2.6,7; 4.1 e Isa. 10.1,2. Quanto ao pacto mosaico, ver

as notas na introdução a Êxo. 19. Os pobres pisavam o trigo, e os ricos pisavam os pobres.

5.12

Porque sei serem muitas as vossas transgressões. Os pecados dos ricos e poderosos, em Israel, eram multiformes, todos baseados em motivos egoístas. Eles corrompiam os tribunais, o que fazia seus crimes ser ignorados, ao passo que os justos eram condenados. Ver I Sam. 12.3 e Pro. 6.35. Eles também não permitiam que os pobres fossem julgados com justiça, nem que os abusos fossem corrigidos por meios legais. "Impedis que os pobres obtenham justiça nos tribunais" (NCV). Cf. Amós 2.7 e Isa. 29.21. Para eles, o dinheiro resolvia todos os casos. Eram sempre favorecidos e estavam sempre oprimindo a outros.

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Suborno* e *Opressão Social*, dentro do verbete *Crimes e Castigos*, II.2.J.

5.13

Portanto, o que for prudente guardará então silêncio. Visto que os opressores eram tão poderosos e vis, e tão violentos e desavergonhados, seria uma boa idéia que um homem bom simplesmente se calasse e não provocasse poderes malignos a agir contra ele. Esse é um exemplo de conselho *pragmático* (e não ideal). Naturalmente, Amós, que nos apresentou o aforismo, não estava obedecendo a seu próprio conselho. Sem importar qual fosse sua atitude, ele se havia resignado ao *status quo*. Mas tinha uma missão a realizar, que lhe fora conferida por Yahweh, Aquele que o impulsionava. O que ele pudesse fazer, ele não encorajou os pobres a tentar. Algumas vezes é melhor que nos desviemos do caminho. Efé. 5.16 tem uma idéia similar. Ver também Sal. 39.9 e Lev. 10.3. Ver também Amós 6.10. "... a convicção de que, em vista da corrupção profundamente arraigada da justiça, protestar seria, ao mesmo tempo, inútil e falto de sabedoria. Tal atitude seria, naturalmente, um contraste completo com a condenação declarada por Amós quanto aos males que prevaleciam em seus dias" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*).

A Verdadeira Busca por Deus (5.14-15)

5.14

Buscai o bem e não o mal, para que vivais. Esta pequena seção reinicia o tema dos vss. 4-6. O versículo é essencialmente igual ao vs. 4. A *vida* é adquirida na obediência à lei (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11). Um homem bom tentará cumprir suas obrigações diante do pacto mosaico (comentado na introdução a Êxo. 19). Yahweh (o Deus eterno), que é *Sabaote* (o General dos Exércitos), está sempre do lado do homem bom e lhe dispensa vida e bênção. Desse modo, o homem bom terá poderosíssimo aliado, que estará com ele em tudo quanto fizer. Alguns poucos indivíduos poderiam separar-se da massa apostatada e, talvez, ser salvos no dia temível, quando o exército assírio atravessasse o território de Israel, matando, estuprando e saqueando. O Senhor estaria com esses poucos indivíduos (cf. Núm. 23.21; Deu. 20.4; 31.8; Jui. 6.12; Isa. 8.10; Sof. 3.15,17) e os defenderia (Sal. 23.4; 46.7,11). Ver também Miq. 3.11.

5.15

Aborrecei o mal e amai o bem. Uma série de mandamentos indicava o rumo da vida do homem bom: ódio contra o mal, ao mesmo tempo que o bem era amado, ambos determinados pelas injunções da lei mosaica; e o estabelecimento da justiça nos tribunais e através deles, efetuados nas portas das cidades. Os que agissem dessa maneira descobririam que *Adonai-Yahweh* (o Senhor Soberano) estaria com eles, fazendo-os prosperar em tudo quanto fizessem. Esse nome divino, o título de Deus Soberano, aparece no livro de Amós 19 vezes, mas apenas 5 vezes no resto dos livros dos Profetas Menores. Aparece em Ezequiel 219 vezes, mas apenas 103 vezes no restante do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo *Soberania de Deus*.

... se compadeça do restante de José. Cf. o vs. 6 quanto à "casa de José". Dessa casa (a nação do norte, Israel) restaria um pequeno e bendito remanescente, alguns poucos que obedeceriam aos mandamentos referidos no versículo. Quanto ao cumprimento da promessa, ver Amós 9.8-15. Nenhuma virtude está segura a menos que seja incentivada. Amós convidou os poucos santos a serem entusiastas em sua fé.

> *Vós, que amais o Senhor, detestai o mal: ele guardas as almas dos seus santos, livra-os da mão dos ímpios.*
>
> (Salmo 97.10)

A Visitação de Deus (5.16-25)

Um Dia de Lamentação (5.16-17)

5.16

Em todas as praças haverá pranto. Em contraste com o remanescente bendito de José (vs. 15), a grande maioria do povo de Israel persistiria nas veredas da morte e seria apanhada e aniquilada pela invasão varredoura do exército assírio. Uma nação inteira morreria e haveria imensa lamentação. "Uma vez mais, Amós advertiu Israel acerca da natureza e do efeito de suas transgressões" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 16).

Cf. Amós 5.1-3, onde encontramos o cântico fúnebre por causa da morte de uma nação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lamentação*. Note o leitor que foi o Senhor Soberano (*Adonai-Yahweh*) quem convocou o povo de Israel a lamentar e chorar, porque seu tempo de vida estava acabando. Ver o vs. 15 quanto a notas expositivas sobre esse título divino. A iniqüidade, como é natural, seria severamente punida, em concordância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Uma nação inteira foi condenada à morte, e os poucos sobreviventes seriam levados para a Assíria, para viverem o resto de seus anos de vida na escravidão e na miséria. Todas as classes sociais seriam atingidas arduamente pelo golpe divino: os exaltados e os humildes; os habilidosos e os que não tinham habilidades; o agricultor e o citadino; os que estavam nas ruas, nas estradas, nas montanhas e nos vales. Mediante esse acúmulo de palavras, o profeta descreveu a *universalidade* do sofrimento e da destruição vindouros. O pecado era universal; a apostasia era universal; e universal seria também a retribuição divina. Cf. este versículo com Eclesiastes 12.5 e Jer. 9.17-19 quanto à universalidade do pecado.

5.17

Em todas as vinhas haverá pranto. Até mesmo nos vinhedos, o lugar onde o alegre vinho era produzido para o prazer do povo (uma das principais produções de Israel), haveria lamentações. Não haveria motivo para regozijo, nem haveria vinho para festividades. Não haveria mais vindima, nem festividade, nem encontros de bebidas alcoólicas, onde os homens esquecem suas dificuldades. Cf. Jer. 48.32,33. Yahweh passaria pelos vinhedos e silenciaria a boca dos réprobos. Os poucos sobreviventes seriam ficariam a lamentar-se amargamente. O dia havia terminado para Israel. "Passarei pelo meio de ti" são palavras que indicam a visitação do julgamento divino. Cf. Êxo. 12.12,13; Naum 1.14. Ver também Miq. 7.18 e Amós 7.8.

O Dia de Trevas (5.18-20)

5.18

Ai de vós que desejais o dia do Senhor! Os israelitas esperavam ansiosamente pelo *Dia do Senhor*, crendo ser o tempo do aniquilamento de seus inimigos. Mas foram surpreendidos ao descobrir que seria um dia melancólico para eles mesmos. Cf. Amós 8.9-14 e Sof. 1.14-18. Amós *reinterpretou* o conceito, tendo sido essa uma de suas contribuições distintivas da tradição profética. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dia do Senhor*.

A maioria das pessoas não deseja a *autodestruição*, mas era precisamente isso o que Israel estava fazendo (inconscientemente), ao anelar pelo Dia do Senhor. Eles se surpreenderiam quando houvesse o assédio das trevas, em lugar da luz, quando chegasse aquele dia-noite. Cf. Isa. 5.19; Jer. 17.15; Eze. 12.22. "Esperando aquele dia para trazer-vos livramento e julgamentos contra os vossos inimigos, ficareis surpresos ao encontrar o contrário! Há um lado escuro na coluna de fogo" (Ellicott, *in loc.*).

Ai. No hebraico, *hoy*, o grito de tristeza diante dos mortos (ver I Reis 13.30), ou então uma advertência de morte para os vivos (Amós 6.1; Isa. 5.8-24; 10.1-4; Miq. 2.1-5). Trata-se de uma interjeição que exprime aflição (ver Isa. 3.9 e 6.5).

5.19

Como se um homem fugisse de diante do leão... Um homem infeliz poderá fugir de um leão, somente para correr ao encontro de um urso, que o espera no caminho, justamente quando pensa estar livre do perigo. Porém, por meio de algum milagre, ele consegue livrar-se do urso e chega em casa. E, quando ele se apóia em uma parede, a fim de descansar, uma serpente morde sua mão! Esse é o quadro da condenação de Israel: sua morte como nação fora ordenada por decreto divino, e não poderia ser adiada por muito tempo. Era algo inevitável. O profeta usa uma linguagem pitoresca para falar da queda final de Israel por meio da mão de Deus, a qual, naquele momento, estava levantada e pronta para desferir um golpe. Não há porto seguro para os ímpios. Uma série de calamidades pôs ponto final à massa triste em que Israel se transformara. O "misericordioso"

leão talvez poupe o homem caído no chão, mas o urso não o fará. E ninguém espera misericórdia da parte de uma serpente. Cf. Jó 20.24 e Isa. 24.18. A serpente se oculta em uma racha da parede e espera que algum idiota chegue e ponha a mão perto do lugar onde ela se esconde.

5.20

Não será, pois, o dia do Senhor trevas e não luz? Este versículo nos remete ao vs. 18. O *Dia* do Senhor, para os ímpios, será uma *Noite.* Essa noite será muito escura. Não haverá uma única réstia de luz. Pelo contrário, será uma noite tenebrosa, plena de destruição e lamentação (vs. 16). Cf. Joel 2.1,2,10,11; Sof. 1.14,15. Naturalmente, haverá o resplandecente Dia do Senhor para os bons, quando Yahweh-Elohim restaurar a fortuna de Judá (o *Israel* que sobreviveu a dois cativeiros). Ver Jer. 30.8-11; Osé. 2.16-23; Amós 9.11-15; Miq. 4.6,7; Sof. 3.11-20.

Rejeição ao Culto de Yahweh (5.21-25)

5.21

Aborreço, desprezo as vossas festas. "O Senhor deleita-se não na abundância de sacrifícios e festividades, nas na *justiça* e na *retidão.* O vs. 24 exprime o âmago da pregação de Amós" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 21). Os vss. 21-25 contêm uma denúncia apaixonada do "espetáculo externo" da religião, exibindo-nos o coração da espiritualidade, conforme vista do ângulo do Antigo Testamento. Yahweh estava cansado do espetáculo, que envolvia ritos pagãos e deboche, ou, quando muito, um sincretismo doentio combinava o paganismo com o yahwismo.

Deus *odeia* a *fraude jubilosa* que se faz passar por culto divino. O odor que se elevava dos sacrifícios preparados para a festa parecia mal cheiro para Yahweh. Quanto a *aroma agradável* (a alusão que se vê aqui), ver Lev. 1.9 e 29.18. Yahweh foi pintado como quem aspirava, satisfeito, a fumaça que ascendia dos sacrifícios oferecidos a Ele. Israel, porém, tinha chegado para sacrificar a outros deuses, ou então a Yahweh e outros deuses, pelo que o sistema de sacrifícios de Israel se tornara uma podridão só, aos olhos do Senhor. A idéia original era que Deus ou os deuses realmente desfrutavam o odor da carne que estava sendo cozinhada e seria usada na festa que se seguiria ao sacrifício. Mas aqui temos isso tudo mudado para uma metáfora antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* Nossa linguagem fraca força-nos a atribuir a Deus as coisas que atribuímos ao mero homem.

5.22

E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares. Somente o *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*) requeria a queima total do animal sacrificado. Os demais sacrifícios envolviam uma espécie de banquete. Uma vez que o animal fosse sacrificado, sua carne poderia tornar-se parte de um banquete. Os sacerdotes ficavam com as *oito* porções escolhidas. Ver Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Deu. 12.17,18. Os que traziam os sacrifícios tinham acesso ao resto, quando então havia uma refeição comunal, sempre acompanhada por música (e provavelmente danças) e outras celebrações. O sangue e a gordura pertenciam a Yahweh, e essas porções eram queimadas no altar. Quanto às leis sobre o sangue e a gordura, ver Lev. 3.17. Acompanhando as carnes, as oferendas de cereais davam variedade e volume aos alimentos consumidos. E havia também as *ofertas pacíficas,* mencionadas no presente versículo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Sacrifícios e Ofertas.*

Esse *elaborado* sistema sacrificial fazia parte da legislação mosaica, pelo que obedecer às suas estipulações seria algo supostamente agradável a Yahweh. Mas mesmo que isso fosse efetuado somente no nome de Yahweh (com a exclusão dos ídolos), não teria valor se não houvesse fé no coração. De fato, Yahweh *odeia* a religião superficial que existe somente quanto à forma. Cf. esse sentimento com Amós 4.4,5 e I Sam. 15.22.

5.23

Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos. Para Yahweh, os cânticos dos israelitas tornaram-se mero ruído. Os sons de seus instrumentos musicais, como o da harpa, ribombavam estrepitosamente nos ouvidos do Senhor. "Não mais hinos para mim!" (tradução de Moffatt). Vamos encarar de frente a questão: deve ter parecido muito divertido ir àquelas festas, que com freqüência terminavam em bebedeira e deboches sensuais. As festas, na nação posterior de Israel, eram muito parecidas com as festas dos povos pagãos. Eram tempos de vinho, mulheres e canções, depois de terminados os sacrifícios de animais. Yahweh, tendo tapado as narinas contra o aroma das oferendas, também tapava os ouvidos diante do ruído alto e dissonante, embora os *adoradores* pensassem estar produzindo uma bela música. Cf. Isa. 1.15.

5.24

Antes corra o juízo como as águas. Em contraste com a religião vazia (algo repelente, que Yahweh odeia), temos a verdadeira religião, que se manifesta por meio da justiça, a qual é tão abundante que rola como um riacho descendo pelas faldas dos montes; e também há a retidão, que é como um torrente que flui de forma perene. Encontramos aqui as "águas" da vida, e não o vinho do deboche. Essa é a essência da verdadeira fé, a fé que parte do coração (ver Pro. 4.23). A justiça e a retidão são determinadas pelos ditames da lei, que era o *guia* de Israel (ver Deu. 6.4 ss.), distanciando o povo de Israel das nações pagãs (ver Deu. 4.4-8). O fluxo abundante do vinho nas festas pagãs provavelmente sugeriu a verdadeira abundância do Espírito, a saber, os princípios morais e espirituais da lei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água,* que fala sobre o uso metafórico desse vocábulo. Deveria haver a *realidade interior,* e não uma demonstração externa e fraudulenta da fé, para que Israel fosse salvo da calamidade que em breve seria descarregada contra a nação. Cf. os vss. 6,14,15. Ver também I Sam. 15.22; Sal. 66.18; Osé. 6.6 e Miq. 6.8.

5.25

Apresentastes-me, vós, sacrifícios e ofertas de manjares no deserto...? "Deus retorna aqui às Suas denúncias contra a hipocrisia religiosa de Israel, relembrando-lhes que seus sacrifícios e ritos tinham sido uma afronta para Ele, através da história. Desde o princípio da nação, sua adoração fora falsamente orientada. Com freqüência, não era para Yahweh, mas para o bezerro de ouro, para o sul, para a lua, para as estrelas, para Moloque e para outros deuses falsos, que muitos traziam sacrifícios e ofertas, durante os 40 anos de perambulações pelo deserto. Cf. a referência de Estêvão a Amós 5.25-27, em Atos 7.39-43" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*). Cf. este versículo com Deu. 32.17; Jos. 24.14; Eze. 20.8,16,24 e Isa. 43.23.

A Invasão e o Exílio Eram Inevitáveis (5.26 – 6.14)

Um Triste Cortejo (5.26-27)

5.26

Sim, levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus estrela. Uma idolatria horrenda eventualmente conduziria a nação de Israel à morte. A seção foi prefaciada por essa declaração de como Israel voltou-se para os deuses falsos, exibindo-os publicamente para que todos vissem. A lealdade de Israel ao yahwismo foi reduzida a zero.

O verbo, neste caso, está no futuro: "Levareis Sicute, vosso rei, e Quium, vossa imagem...". E isso distingue o presente versículo do que tinha ocorrido antes. Estão em vista os deuses assírios, que Israel incorporaria em seu panteão já bastante numeroso. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre *Sicute e Quium,* que pode ser usado para ilustrar este versículo. Não quero intrometer-me aqui em repetições. Este versículo tem sido muito disputado quanto ao sentido, e tento resolver os problemas naquele artigo. Quanto à degeneração do culto de Israel em uma confusão politeísta, cf. Atos 7.42; II Reis 21.3-5; 23.4,5; Jer. 8.2; 19.13; Sof. 1.5. Tudo isso servia somente para violar o pacto com Yahweh (ver Deu. 4.19; 17.3).

Quando o povo de Israel estivesse seguindo para o exílio, apanharia seus deuses e os levaria consigo! Ou então os levaria em seus cortejos, para exibir sua religiosidade. Pense nisso o leitor! Deus sendo transportado aos ombros pelos homens. Nisso temos uma referência zombeteira à impotência dos ídolos e da idolatria geral. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.*

5.27

Por isso vos desterrarei, para além de Damasco. "Para além de Damasco", como é claro, significa a Assíria. Portanto, temos aqui uma referência direta a esse fato, aparecendo como um *julgamento* contra o povo idólatra-adúltero-apóstata. Esse julgamento é especificamente chamado de *desterro,* ou seja, exílio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Assírio.*

O Governo Moral de Deus. Note aqui o nome divino: Yahweh é chamado de *Elohim* (o Poder) de Israel. Ele decretara algo temível contra o próprio povo e deveria fazer tudo acontecer para satisfazer Seu governo moral. Se antes o Senhor era o Poder que defendia Israel, agora era o Poder contra Israel. Aprendemos na Bíblia que a soberania de Deus é aplicada por meio das leis morais, e não somente com base em Sua vontade. Existem *razões* por trás dos atos divinos, contra o *Voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Deus faz as coisas por serem elas moralmente corretas. Elas não são corretas em virtude de algum capricho de Sua vontade. O desterro foi uma espécie de exclusão de Israel da comunidade de Elohim. Esse povo não seria readmitido à comunidade divina. O pacto de Israel com Deus havia sido desprezado, e esse

fora o resultado. Ver sobre o *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19. O Poder de Israel age e realiza coisas assombrosas, em contraste com os deuses da Assíria, mencionados no vs. 26, que nada representavam. Israel terminou confiando nos deuses errados, e isso representou o funeral dessa nação.

Capítulo Seis

O Orgulho Cego e a Auto-indulgência dos Líderes (6.1-7)

Temos aqui uma aguçada repreensão contra os líderes de Israel, que amavam o luxo. Eles eram orgulhosos e auto-indulgentes. Viviam em meio a uma prosperidade quase sem precedentes, e isso os cegava para o fato de que em breve a nação morreria e seria extinta. "Os israelitas, que se sentiam seguros em sua falsa confiança e se deitavam em camas de marfim, em uma luxuoso auto-indulgência, seriam as primeiras pessoas que Deus enviaria para o exílio" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução à seção).

6.1

Ai dos que andam à vontade em Sião. "Quão terrível será para vós, que viveis à vontade em Jerusalém. Quão terrível será para vós, que viveis no monte de Samaria e nos sentis seguros. Pensais que sois pessoas importantes da melhor nação do mundo. Os israelitas buscam a vossa ajuda." Aqueles réprobos eram indivíduos orgulhosos e importantes aos próprios olhos, pensando ser as melhores pessoas entre as mais distinguidas nações do mundo. Mas o fato é que eles tinham abandonado sua distinção, ao abandonar a lei de Moisés. Era a legislação mosaica que tornava os filhos de Israel uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8). O povo pobre se inclinava diante dos elementos orgulhosos da população de Israel, mas em breve os israelitas estariam prostrados na presença dos assírios, e se dissipariam todas as suas ilusões de importância, de um instante para outro. Temos aqui a antiga história de um homem que julgou erroneamente a si mesmo, além do que não tinha percepção de como se postava diante de Deus.

Ai. No hebraico, *hoy,* palavra cujo som nos faz lembrar da tristeza da morte (ver I Reis 13.30), ou de alguém que nos adverte sobre a morte iminente (ver Amós 6.1; Isa. 5.8-24); ou interjeição que exprime aflição (ver Isa. 3.9 e 6.5).

Samaria (ver a respeito no *Dicionário*), a capital do reino do norte – Israel – e cidade poderosamente fortificada, era um lugar no qual os insensatos confiavam, crendo ser imune aos ataques de exércitos estrangeiros. Porém, uma vez que a cidade fosse abandonada por Yahweh, ela cairia prontamente. A cidade era tão exaltada aos olhos dos israelitas que, em seu orgulho estúpido, eles a chamavam de "a maior cidade da terra". Ademais, os habitantes de Samaria imaginavam-se o povo mais importante da cidade mais importante do mundo. Ver a idéia de *orgulho* contrastado com a idéia de *humildade,* em Pro. 6.7; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 21.4; 30.12,32. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* O povo comum de Samaria haveria de procurar os líderes da cidade, pedindo-lhes ajuda, mas logo ficaria demonstrado quão impotentes eles eram, na presença dos assírios, os quais estavam sendo dirigidos por *Sabaote,* o General dos Exércitos. Aqueles líderes eram como cegos que guiavam outros cegos.

6.2

Passai a Calne, e vede. O profeta convidou aqueles homens ridículos a fazer, em sua companhia, uma pequena viagem imaginária. Primeiramente iriam a Calne, depois a Hamate, e, finalmente, chegariam a Gate, dos filisteus. E logo eles teriam os olhos abertos para o fato de que nada havia de especial na cidade de Samaria, e ficaria subentendido que eles também não eram um povo especial. As duas primeiras das três cidades mencionadas ficavam na parte norte de Arã, sendo cidades-estados da região. Esses lugares já haviam sofrido seus respectivos aniquilamentos, tendo sido dominados pela Assíria durante a campanha de Salmaneser III, em 854-845 A. C. Gate foi destruída por Hazael, rei de Arã, em 815 A. C., e novamente por Uzias, rei de Judá (ver II Reis 12.17; II Crô. 26.6), em 760 A. C. Eles foram levantados em orgulho, mas vizinhos mais poderosos logo os puseram no devido lugar, e a mesma coisa aconteceria a Israel e especificamente à cidade de Samaria. Dou artigos sobre esses lugares, no *Dicionário,* onde o leitor obterá maiores detalhes.

6.3

Vós, que imaginais estar longe o dia mau. O *dia mau,* para os israelitas, estava em algum futuro remoto, distante (se é que haveria tal dia). Eles poriam quaisquer "pensamentos dessa natureza" fora de suas mentes. Por outra parte, *qualquer dia* é um dia bom para a violência e para os crimes de sangue. Eles fomentavam a opressão, que termina em grandes sofrimentos para alguns. A destruição fervia no sangue deles, e eles mesmos viviam em erupções constantes. Os últimos anos da nação de Israel eram, verdadeiramente, um *reino de terror.* Ver II Reis 15.8-17.6. Em somente 31 anos (depois do fim do reinado de Jeroboão II) Israel tivera seis reis cujos reinos terminaram mediante a violência e a revolução política. Cf. este versículo com Eze. 12.21-28. A violência fora entronizada. Ver Sal. 94.20. Ver também Pro. 16.4.

6.4

Que dormis em tronos de marfim. O sonido da morte e da tristeza retinia na voz do profeta, enquanto ele contemplava a vida fácil e luxuosa daqueles homens corruptos e violentos. Os vss. 4-6 descrevem o namoro deles com os prazeres da vida, o que, para eles, tinha-se tornado uma religião. Eles tinham suas casas de luxo com camas de marfim. Cf. Amós 3.15 quanto ao emprego do marfim, por parte daqueles safados. A dieta deles era riquíssima, nunca faltando as melhores carnes e outros alimentos de qualidade. Eles comiam os melhores carneiros do rebanho e, tendo comido um carneiro, sempre restavam muitos outros, para outros dias. Eles tinham boa variedade de carnes, como bifes de carne de carneiro, peixes do mar e aves. Faziam do ventre o seu deus (ver Fil. 3.19), como os ricos descuidados quase sempre fazem. A *glutonaria* mereceu lugar na lista dos vícios preparada por Paulo (ver Gál. 5.21). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Glutão.*

6.5-6

Que cantais à toa ao som da lira. Juntamente com a glutonaria (vs. 4) havia o uso livre e imoderado do vinho; e, com essas coisas iam as mulheres mais bonitas da terra; e isso era acompanhado pelas unções caríssimas com óleos e perfumes; e tudo isso era seguido de música. Seus cânticos eram "vãos" (Revised Standard Version) e frívolos. Chegavam até a inventar novos instrumentos para melhorar o som, imitando Davi, que tinha a reputação de inventar instrumentos musicais. Eles não bebiam seu vinho em copos, mas conservavam baciadas de vinho sobre suas mesas e convidavam a qualquer pessoa que mergulhasse nessas bacias seus copos, sempre que estivessem sem vinho. E, enquanto todo essa festança prosseguisse, aumentando a cada momento o deboche, não se preocupavam com a condenação iminente de *José* (Israel). Quanto à "casa de José" ver a as notas sobre Amós 5.6. Quanto ao "remanescente de José", ver Amós 5.15.

6.7

Portanto agora ireis em cativeiro. Era inequívoco que os poucos sobreviventes do ataque assírio iriam para o exílico. Mas os primeiros a ir para o desterro seriam aqueles ricos e debochados israelitas. O dinheiro deles não seria capaz de livrá-los dessa sorte. De fato, todos os seus bens e propriedades simplesmente seriam confiscados, e eles terminariam como escravos, limpando os assoalhos das casas de algum nobre assírio. Em vez de terem soalhos de mármore para admirarem em suas próprias residências, esfregariam soalhos de mármore em um país distante. Os que se tinham espalhado em seus divãs de banquete (vs. 4) seriam inteiramente esquecidos. "Vossas festanças e vosso lazer chegarão ao fim" (NCV). O som de festas ruidosas pararia e seria substituído por um silêncio mortal. Os assírios escreveriam "finis" em suas festividades e em seu estupor de embriagados. E assim haveriam de aprender, embora tarde demais, que leis morais governam este mundo, afinal.

O Assédio Temido (6.8-11)

6.8

Abomino a soberba de Jacó, e odeio os seus castelos. *"Vss. 8-14.* Visto que Israel tinha reduzido a fé em orgulho (ver Isa. 28.1; Osé. 5.5; Amós 8.7), e a justiça em veneno, essa nação seria severamente punida" (*Oxford Annotated Bible).*

Adonai-Yahweh (o Senhor Soberano) expediu Seu decreto de condenação, prestando juramento por Si mesmo (literalmente, por Sua *alma*), tornando absolutamente certo e inexorável Seu decreto. Ele é *Sabaote* (General do Exército), ou seja, capaz de cumprir Seu decreto em todos os detalhes. Ele odiava o orgulho de Jacó (Israel), da mesma forma que odiava as festas fraudulentas e a adoração idólatra debochada (ver Amós 5.21). Ele odiava as cidades fortificadas nas quais os filhos de Israel confiavam, em vez de confiarem Nele. Sobre esses lugares, supostamente indestrutíveis, Deus espalharia Sua destruição (ver Amós 5.9). Como resultado, a Samaria (juntamente com toda a nação de Israel) seria entregue aos assírios pela vontade divina, contra a qual ninguém pode oferecer resistência. Quanto aos nomes divinos que figuram neste versículo, que fala da *Soberania de Deus* (ver no *Dicionário*), ver Amós 1.8, último parágrafo. Quanto ao juramento de Deus, cf. Amós 4.2 e 8.7. *Jacó,* à semelhança de *José,* é sinônimo de *Israel* (ver Amós 3.13).

6.9

Os vss. 9-10 dão-nos descrições realistas sobre o terror vindouro. Talvez houvesse uma casa na qual viviam dez pessoas, um grande número, e poder-se-ia esperar que uma ou duas escapariam de qualquer tipo de ataque assírio. Mas isso não aconteceria. Os assírios matariam todos os membros da família que

habitassem em uma casa. Ou então o quadro é o de dez *homens* que fogem para uma casa, onde se amontoam abraçados, esperando escapar da detecção. O inimigo encontraria e mataria a todos. Ou poderíamos pensar em uma grande casa comunal na qual dez homens habitavam. Em qualquer desses casos, a mesma coisa aconteceria. E se uma ou duas pessoas escapassem ao ataque, seriam apanhadas e levadas à Assíria como escravos.

6.10

Se, porém, um parente chegado... Se porventura um parente chegasse para reunir os cadáveres, a fim de queimá-los (pois não haveria tempo para procedimentos normais de sepultamento), e descobrisse um *sobrevivente* entre os mortos, pediria para ele não gritar e certamente não proferir o nome de Yahweh, sob hipótese alguma (fosse em oração, maldição, lamentação ou exclamação). Pois a voz da pessoa seria ouvida, e um soldado qualquer correria e deceparia a cabeça de ambos. Adam Clarke (in loc.) informa-nos que *queimar um cadáver,* recolher as cinzas e colocá-las em uma urna era considerado uma forma honrosa de sepultamento. Cf. I Sam. 31.12, que, juntamente com o presente versículo, mencionam esse modo de dispor de um cadáver. Em tempos de pestilência, a cremação tornava-se uma necessidade.

6.11

Pois eis que o Senhor ordena e será destroçada em ruínas a casa grande, e a pequena. Todas as residências seriam destruídas, desde a mais excelente até a mais humilde, desde a mais espaçosa até a menor. Os assírios não poupariam casa alguma, por razão nenhuma. Todas as casas seriam demolidas, e seus residentes seriam assassinados. As casas seriam reduzidas a fragmentos e escombros, ou seja, seriam totalmente destruídas, sem possibilidade de reconstrução. Talvez essa pequena porção originalmente fizesse parte de um oráculo sobre um terremoto (ver Amós 3.15 e 9.1), vinculado à descrição do exército assírio, o qual atuaria como um terremoto. Seja como for, tudo quanto restasse da cidade de Samaria (bem como da maior parte da nação de Israel) seria um campo de escombros. Coisa alguma restaria dos orgulhosos de Israel (ver Amós 6.1). Toda a jactância humana chegaria ao fim. "Está aqui referida a derrubada de todas as classes sociais" (Ellicott, *in loc.*).

Extinção de um Povo Orgulhoso e Desnaturai (6.12-14)

6.12

Poderão correr cavalos na rocha? *Coisas Desnaturais.* Os cavalos não são animais capazes de correr por sobre a superfície das rochas e não resistiriam a esse tratamento. Por igual modo, nenhum homem lança seu arado no mar, a fim de baixar o seu nível. Essas seriam coisas ridículas e desnaturais. Israel, entretanto, agira exatamente dessa maneira, transformando a justiça em veneno, e a retidão em *alosna.* Cf. Amós 5.7. Ver também Deu. 29.18. "O processo judicial designado para preservar a saúde da nação tinha-se tornado um *veneno* letal dentro de seu corpo. O *fruto* da integridade e da retidão, tencionado para refrescar e deleitar, tinha-se transformado em polpa corrupta e amargosa" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*).

A arte de colocar ferraduras nos cavalos era desconhecida naquele tempo. Os cavalos que fossem postos a correr sobre as rochas em breve perderiam os cascos. Lançar o arado no mar era um empreendimento inútil. Os israelitas se tornaram inúteis, moralmente falando, e só prestavam para serem mortos pelos assírios.

6.13

Vós vos alegrais com Lo-Debar. O povo de Israel estava cheio de orgulho e do senso de sua própria importância (ver Amós 6.1,2). Tinha perdido qualquer estimativa sóbria das coisas. Regozijava-se em *Lo-Debar,* que significa algo sem valor. Alguns transliteram a palavra e simplesmente se referem ao "nada". Porém, havia uma cidade com esse nome, a leste do rio Jordão. Seu nome alternativo era Debir. A referência, contudo, é metafórica, o que empresta pequena importância ao nome locativo. Além disso, "Carnaim" também era um nome locativo, provavelmente identificado com a Asterote-Carnaim de Gên. 14.5, que ficava na mesma região onde se situava a cidade antes mencionada. Portanto, Israel foi acusado de confiar em sua própria força e abandonar Yahweh. A história demonstra que os israelitas lograram sucesso militar ali, capturando a região referida e, sem dúvida, jactaram-se de seu "feito". Mas esses eram locais insignificantes, e a captura deles em nada ajudou Israel a escapar da ameaça assíria. Contudo, os israelitas estupidamente continuaram a confiar em sua potência militar. Jeroboão II obteve algum sucesso militar (ver II Reis 14.25). Mas seria inútil pensar que isso surtiria efeito sobre a situação de desespero geral.

6.14

Pois eis que levantarei sobre vós, ó casa de Israel, uma nação. O propósito de Deus, chamado aqui de Yahweh-Sabaote (o Deus eterno, General dos Exércitos), manifestou-se contra a nação de Israel. Em Sua soberania, Ele levantaria uma nação superior, brutal, sem misericórdia e violenta, que agiria como um chicote. Eles conquistariam todas as coisas, a começar pela *entrada de Hamate,* o passo que ficava entre o Hermom e o Líbano, um pouco ao norte de Dã (o começo do largo vale que era referido, por conveniência, como a fronteira do distante norte de Israel). O domínio deles se estenderia até o ribeiro do Arabá, a grande garganta na qual jaz o mar Morto. Isso assinalava o fronteira sul de Israel. O Arabá (ver a respeito no *Dicionário*) estendia-se desde o mar da Galiléia até o mar Morto (II Reis 14.25). O significado desse versículo é que nenhum centímetro do território de Israel, de norte a sul, escaparia ao ataque assírio. E então o povo de Israel aprenderia quão débil era, a despeito de seu orgulho e jactância, baseados na fé falsa em suas próprias forças.

Capítulo Sete

Várias Visões; Fim do Ministério de Amós; Epílogo (7.1 – 9.15)

Encontramos aqui uma seção distintiva do livro de Amós, que contém certa variedade de materiais: quatro visões (Amós 7.1-8; 8.1,2); uma quinta visão (distinta), acompanhada por um oráculo (9.1-4); alguma narrativa histórica (7.10-17); diversos oráculos (9.11-15). As visões aparecem como autobiografias e são o verdadeiro núcleo da seção. Temos aqui o chamado de Amós para o ministério; sua preparação e suas experiências no ministério. As visões narram o fim lamentável da nação de Israel e justificam Amós como profeta autorizado de Yahweh. O capítulo 7 enfoca os *resultados* do julgamento vindouro. Haveria destruição total. O *Senhor Soberano* estava operando (ver Amós 7.1,2,4 — duas vezes; 7.5,6; 8.1,3,9,11 e 9.8). O "meu povo", no dizer de Deus, é que estava sendo duramente tratado (ver Amós 7.8,1; 8.2; 9.10). Eles tinham repelido a vontade do Senhor e Seu caminho e não poderiam escapar das temíveis conseqüências (cf. Amós 3.2).

Visões e Narrativas (7.1 – 8.3)

Os Gafanhotos (7.1-3)

7.1

Isto me fez ver o Senhor Deus. "Eis o que o Senhor Deus me mostrou: Ele estava formando um enxame de gafanhotos. Isso aconteceu depois que o rei tirou sua parte da primeira colheita. A segunda colheita tinha apenas começado a crescer. Os gafanhotos comeram todas as colheitas do país. Depois disso, eu disse: "Senhor Deus, perdoa-nos, eu te peço! Ninguém em Israel poderá sobreviver a esse ataque. Israel já está muito apequenado!" (NCV).

Note o leitor o nome divino — Adonai-Yahweh (o Soberano Senhor) — usado 19 vezes neste livro, mas somente 5 vezes nos outros profetas menores. Foi usado 217 vezes no livro de Ezequiel, mas apenas 103 vezes no restante do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus,* quanto a detalhes sobre esse conceito.

O *livro de Joel* é a profecia sobre os gafanhotos, onde encontramos a combinação entre o que é literal e o que é figurado. Provavelmente devemos pensar aqui em uma praga literal de gafanhotos. Quanto a descrições completas sobre esse terror (tão comum no antigo Oriente Próximo e Médio), ver no *Dicionário* o verbete chamado *Praga de Gafanhotos,* que provê muita informação ilustrativa. O rei, por causa de sua elevada posição, ficaria com parte da colheita, antes que ocorresse a devastação total produzida pelos gafanhotos. Mas até mesmo o suprimento do rei se acabaria em breve, porquanto a agricultura seria entravada. A fome seguiria a praga; e a pestilência viria depois da fome. A população de Israel seria grandemente reduzida. Esse foi o julgamento da idólatra-adúltera-apóstata nação de Israel.

7.2

Tendo eles comido de todo a erva da terra... Amós levantou um protesto diante de Yahweh e pleiteou para que Ele aliviasse a situação, pois Israel já estava grandemente reduzida em número. De outro modo, coisa alguma restaria. O objeto de sua oração foi *Adonai-Yahweh* (o Senhor Soberano), que tinha o poder de iniciar a praga e só fazê-la estacar quando isso Lhe agradasse. Ver as notas sobre esse título divino no vs. 1. O orgulhoso povo de Jeroboão II acreditava em sua invulnerabilidade (Amós 6.1-3,8,13; 9.10) mas o enxame de insetos retificou esse modo de pensar. De acordo com toda a estimativa, Jacó era um

povo pequeno e insignificante. Talvez esse fato excitasse a piedade de Yahweh. O versículo subentende que grande número de pessoas já havia morrido, por causa da praga, e Amós tinha a esperança de que o resto seria salvo por meio de alguma intervenção divina.

7.3

Então o Senhor se arrependeu disso. A intercessão do profeta em favor do povo de Israel foi eficaz. Yahweh mudou de idéia sobre a questão e enviou os gafanhotos para o mar. Quanto ao *arrependimento divino,* ver as notas expositivas sobre Êxo. 32.14. Não somos informados se essa mudança ocorreu por causa de pura misericórdia pelo povo, ou se houve algum arrependimento da parte deles. Seja como for, aquele não foi o fim, mas tão-somente o começo das tristezas. Se houve algum arrependimento nessa ocasião, não durou muito tempo. Estavam a caminho outras calamidades, que resultariam no aniquilamento total da nação de Israel.

O Fogo Devorador (7.4-6)

7.4

Eis que o Senhor Deus chamou o fogo para exercer a sua justiça. Adonai-Yahweh (o Soberano Senhor; ver o vs. 1 sobre esse título) novamente é o Ator por trás da catástrofe. Ele tinha vindo contra Israel com gafanhotos (vss. 1-3), mas agora vinha com o temido fogo. Esse fogo não simboliza a guerra, como algumas vezes acontece, mas o julgamento de Deus pelos raios sem misericórdia do sol. Um verão extraordinariamente quente trouxe a seca e a destruição da terra. Muitos incêndios literais varreram o país, porquanto tudo estava ressecado. Cf. Joel 1.19,20. Até os poços e mananciais subterrâneos se secaram (cf. Gên. 7.11; 49.25; Deu. 33.13). Os rios e demais cursos de água secaram, e a terra de Israel secou como um osso. A agricultura cessou, e o povo passava fome em massa. A terra foi assim "devorada" (ver Deu. 32.22). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Fogo.* Isso se tornou símbolo dos juízos divinos, tanto os temporais quanto os eternos.

7.5

Então disse eu: Senhor, cessa agora. O profeta, uma vez mais, fez uma desesperada intercessão em favor de Israel, tal como tinha feito no caso dos gafanhotos. O vs. 5 é uma duplicata virtual do vs. 2. Em vez de "perdoa", temos aqui "cessa", mas Yahweh só cessaria se perdoasse. O resto seria igual. Amós nunca desistiu quanto ao seu povo réprobo, a despeito de sua indignidade. Este versículo ensina a sermos persistentes quanto à oração intercessória, até em favor dos indignos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração.*

7.6

E o Senhor se arrependeu disso. A intercessão de Amós, uma vez mais, mostrou-se eficaz. Por isso, Yahweh arrependeu-se e enviou a brisa fresca e a chuva para refrescar a terra. As plantas começaram a crescer novamente, e a vida foi preservada. Este versículo é uma duplicata virtual do vs. 3, onde são dadas notas expositivas. Aqui o título divino *Adonai-Yahweh* (ver as notas sobre o vs. 1) substitui o simples nome, Yahweh, que figura naquele versículo. Mas outras calamidades que Yahweh não faria passar estavam a caminho. A nação de Israel estava morrendo. Houve apenas alguma demora ao longo do caminho.

O Prumo (7.7-9)

7.7

Eis que o Senhor estava sobre um muro levantado a prumo. Yahweh mostrou ao profeta outra cena temível: O Senhor estava de pé sobre um muro levantado a prumo e tinha um prumo na mão. Esse prumo mostraria quão torto estava vivendo Israel, e como a nação começava a ser julgada. Essa é outra maneira de dizer que eles foram postos na balança, mas seu peso estava em falta (ver Dan. 5.27). Um prumo era um cordão com um peso de chumbo em uma das extremidades. A força da gravidade, como é natural, puxa o cordão para baixo de maneira perfeitamente perpendicular, dando assim uma linha reta na vertical, para os construtores seguirem. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Prumo,* quanto a detalhes. O prumo também era usado para submeter a teste paredes e muros já existentes, a fim de verificar se estes se mantinham na vertical, resistindo à tendência de ceder e inclinar-se. Se não se mantivessem na vertical, teriam de ser reconstruídos em parte, reforçados ou derrubados, cedendo lugar para a construção de outra parede ou muro.

7.8

O Senhor me disse: Que vês tu, Amós? O diálogo entre Yahweh e Seu profeta garantiu que a cena estava sendo bem compreendida. Israel era o muro que deveria ser submetido a teste pelo prumo. Como é óbvio, esse muro estava torto como "a perna traseira de um cão", conforme diz certo provérbio popular. Uma vez que o teste foi feito e a perversidade do povo de Israel ficou comprovada, Yahweh não mais se arrependeria do que tinha feito (vss. 3 e 6). Ele "não mais os pouparia" (NIV), "não continuaria triste por causa deles" (NCV) e nunca mais *passaria por eles* (diz o original hebraico, literalmente) em misericórdia, mas, antes, feri-los-ia até a condenação final. Diz aqui o Targum: "Eis que exercerei julgamento no meio de meu povo, Israel, e não os perdoarei mais". "Não mais tolerarei seus pecados nem negligenciarei diante de suas transgressões, corrigindo ou punindo. Eu não os perdoarei, mas, antes, infligirei castigo contra eles" (John Gill, *in loc.*).

7.9

Mas os altos de Isaque serão assolados. *Detalhes do Castigo.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lugares Altos.* A idolatria se generalizou de tal modo que cada topo de colina tornou-se um lugar apropriado para colocar um santuário, com seus ídolos e altares. *Isaque* é aqui o nome para o reino do Norte, Israel. Isaque erigiu lugares altos em Berseba (ver Gên. 26.23,25; 46.1). Mas isso aconteceu antes que a adoração tivesse sido centralizada em Jerusalém, e antes que os santuários locais fossem desativados. Naturalmente, esses santuários locais eram muito estimados entre o povo, pelo que, na realidade, nunca foram de todo abandonados. Ademais, foram usados para fins idólatras, razão pela qual Israel-Judá foi amaldiçoado. Jeroboão estabeleceu altares idólatras em Dã e Betel, especificamente para competir com o templo de Jerusalém. Quanto a como Jeroboão *fez Israel pecar,* ver I Reis 15.26 e 16.2. Quanto ao *pecado* de Jeroboão, ver I Reis 12.28 ss. Os ímpios idólatras dos dias de Amós sem dúvida falavam em continuar a tradição iniciada por Isaque, mas não se importavam em ressaltar que eles tinham trocado os altares de Yahweh por altares que honravam a Baal e outros deuses que nada representavam. Yahweh prometera assolar a todos esses altares e atacar Jeroboão e seu povo por meio da *espada* assíria. A guerra destruidora seria o julgamento final de Yahweh. Disso, o Senhor jamais se arrependeria. E então o "pequeno" Jacó (vss. 2 e 5) seria reduzido a nada.

Note o leitor a variedade de nomes para Israel (a nação do norte): 1. casa de Jacó (Amós 3.13); 2. casa de Israel (5.1,3); 3. casa de José (5.6); 4. restante de José (5.15).

Amós e Amazias (7.10-17)

7.10

Então Amazias, o sacerdote de Betel, mandou dizer a Jeroboão. "Temos aqui um incidente biográfico escrito em prosa, introduzido talvez por causa da ameaça contra a casa de Jeroboão, no vs. 9. Amazias era o sacerdote oficial do santuário real de Betel. Amós tinha asseverado que ele não era um profeta profissional (ver I Sam. 9.6-10; Miq. 3.5-8,11). E nem era membro de alguma guilda profética (ver I Sam. 10.5; I Reis 22.6; II Reis 2.3,5). Antes, era um leigo a quem Yahweh tinha enviado para proferir profecias a Seu povo (ver Amós 3.3-8; II Sam. 7.8" (*Oxford Annotated Bible,* introdução à seção). A classe liderante reagiu violentamente contra as profecias de condenação de Amós. Eles puseram em dúvida sua autoridade, mas Amós lhes assegurou que Yahweh estava por trás de sua missão. O prumo estava em operação (ver os vs. 8), mostrando quão torto estava o povo de Israel. Estava podre desde o sacerdote até o escravo. Amós foi acusado de *conspirar* (vs. 8), de incitar o povo à rebeldia e de trazer o desassossego por meio de profecias falsas.

Jeroboão havia levantado a adoração ao bezerro em Betel, tendo estabelecido seu próprio sacerdócio que nada tinha que ver com os requisitos da lei mosaica, a qual estipulava que somente levitas da família de Arão estavam qualificados para ocupar o ofício sacerdotal. Portanto, o fraudulento sumo sacerdote de Betel tomou sobre si o encargo de repreender o profeta de Deus! Amazias apelou para que Jeroboão II cuidasse da ameaça, Amós, que incendiava a nação de Israel com suas profecias, e, em essência, conspirava contra o próprio rei, devido à agitação promovida. Incidentalmente, este versículo revela o quanto as profecias de Amós se haviam espalhado, e quão grande efeito exerciam por todo o território da nação de Israel. Isso também nos segreda que o julgamento divino sobreviria a um povo que tinha sido bem advertido. Não haveria desculpas com base na ignorância. Ver I Reis 12.26-33 quanto aos santuários de Jeroboão, que foram estabelecidos em 931 A. C. Betel era o principal santuário nacional, pelo que denunciar o que ali ocorria era o mesmo que atacar os alicerces do reino. É claro que os atos de Jeroboão I eram políticos, e não meramente religiosos. Ele usara a religião para unir as Dez Tribos do norte e formar uma nação distinta, e assim, abandonar a fé de seus antepassados. Quanto a informações completas sobre *Amazias,* ver sobre esse título no *Dicionário,* quarto ponto.

7.11

Porque assim diz Amós. Amazias deu um mero sumário das coisas "terríveis" que Amós estava profetizando. O primeiro item chocante foi que o próprio Jeroboão seria morto à espada. Mas nisso há o exagero de uma representação inexata das palavras de Amós. Amós nunca fez tal predição, e o rei morreu de morte natural após um reinado de cerca de 40 anos. Ver II Reis 14.29, bem como o artigo geral sobre Jeroboão II, no *Dicionário*. Ele governou sozinho pelo espaço aproximado de 30 anos, mas antes disso foi co-regente com seu pai. Era verdade, entretanto, que Amós predisse a espada contra Israel e seu subseqüente cativeiro (ver Amós 5.5,27; 7.17 e 9.4). Usualmente, os acusadores misturam alguma verdade com alguma falsidade em suas denúncias e quase sempre acusam com intuitos maliciosos.

7.12

Vai-te, ó vidente, foge para a terra de Judá. Amazias queria que Amós fosse para um *exílio voluntário* em Judá, onde sua mensagem não insuflaria medo a ninguém. Naturalmente, Amazias falou sarcasticamente. Amós foi considerado indigno de ser um profeta em Israel, e os líderes religiosos de Israel tinham certeza de que Yahweh nada tinha que ver com seu ministério naquele nação. E mesmo que acreditassem que Yahweh o havia enviado, isso não teria feito diferença alguma, porquanto eles, desde há muito tempo, tinham abandonado o Deus de Israel e substituído o culto a Ele por uma idolatria ridícula e escandalosa. Talvez a "sugestão" para que Amós partisse da terra de Israel tenha sido iniciada por Jeroboão II e transmitida por Amazias. Em Judá ele poderia "comer o seu pão" mediante suas profecias, ou seja, poderia viver como profeta profissional (cf. Miq. 3.5).

7.13

Mas em Betel, daqui por diante, já não profetizarás. Amós não era pessoa bem-vinda na nação do norte, Israel. Se ele insistisse em ficar e perturbar a paz, as coisas poderiam terminar muito mal. O rei tinha posto sua igreja em Betel, e seria melhor para Amós manter-se distante. Em *Betei* ficava o "templo" do reino do norte. O *santuário* constituía um templo, embora não tivesse havido o esforço para duplicar o templo de Salomão, que ficava em Jerusalém. Amós não tinha *autoridade* para interferir no que estivesse acontecendo em Betei; e, caso teimasse, as coisas terminariam mal para ele. O profeta Amós, entretanto, agia com base em uma autoridade maior que a de Betel ou a de Jeroboão, o rei. Isso posto, continuaria seu ministério na nação do norte. Os homens, cegados pelo preconceito e ofuscados pela luz do Senhor, ameaçaram a Amós para que se afastasse deles. O tremendo perigo de implorar que os mensageiros de Deus se retirassem é freqüentemente referido nas Escrituras. Cf. Luc. 10.10-12". A história se repete. Quando o Messias veio aos "Seus", estes não O receberam (ver João 1.11).

7.14-15

Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta. É verdade que Amós não pertencia a uma família profética, nem era filho de um profeta, muito menos membro de uma escola profética; ou seja, ele não era um profeta profissional. Mas e daí? Amazias, o chamado sumo sacerdote do reino apostatado de Jeroboão, também não tinha credenciais tradicionais, não pertencendo à família de Arão, a qual era um segmento da tribo de Levi. Amós era apenas um boieiro e colhedor de sicômoros. Em outras palavras, era um fazendeiro. No entanto, ele atraiu o poder e a sabedoria de Deus, e também a luz profética, por ser um homem piedoso. Foi escolhido para uma missão especial. Essas eram credenciais mais importantes do que tinham os chamados profetas de Israel. Yahweh é quem impusera Suas mãos sobre Amós (vs. 15). Ele foi tirado de sua humilde ocupação e recebeu inspiração e eloquência profética. Yahweh é quem disse a Amós: "Vai! Profetiza a Israel!". Amós estava dizendo que o seu ministério não era "autogerado". A idéia não tinha sido dele. Ele não procurava honra para si mesmo, e tinha sido escolhido e enviado por um poder superior a ele mesmo, conforme acontece a todos os homens de Deus. Ele recebeu de Deus a *autoridade* para sua missão. Ele não sairia correndo para Judá, onde poderia ser aceito (vs. 12). A *área geográfica* de seu ministério fazia parte de seu chamado.

Tudo isso acontece freqüentemente com os verdadeiros homens de Deus. Homens menores vão para onde é mais fácil e onde eles possam ter uma vida de pequenos prazeres e satisfações pessoais. Note o leitor, no vs. 15, a repetição feita por Yahweh: "O Senhor me tirou e [o Senhor me] disse... ". Um homem que tem uma experiência com Deus possui mais do que o homem que tem apenas um dogma. Amós tinha a experiência de um profeta. Ele fora tocado pela mão divina. "Assim como Pedro, André, Tiago e João deixaram suas redes e seus pais, e assim como Mateus deixou o balcão de cobranças, diante do chamado do Senhor, também Amós deixou suas ovelhas e seus sicômoros diante da convocação de Deus... Isso ele fez durante o reinado de Jeroboão II, o mais poderoso dos reis de Israel. E, em um tempo de grande prosperidade nacional, ele predisse ousadamente o término da linhagem real, a derrota de Israel e o seu cativeiro" (Fausset, *in loc.*).

7.16-17

Ora, pois, ouve a palavra do Senhor. *Profecias de Condenação contra Amazias.* Quando Amós se defendia, bem como à sua missão e à sua autoridade, o Espírito de Deus iluminou a mente de Amós e lhe deu uma profecia particular contra o seu detrator. Amazias tinha dito a Amós que deixasse o território de Israel, quando Yahweh lhe mandara pregar ali. Amazias lhe ordenara parar de profetizar, quando Yahweh lhe dissera para profetizar. Amazias resolvera que a *casa de Isaque* (vs. 9) não deveria ser repreendida por Amós, embora a nação estivesse em deplorável estado de apostasia. Mas é claro que Amós haveria de obedecer a Deus, e não ao homem. Ver o vs. 12, que é essencialmente paralelo ao presente versículo, e cf. também Atos 5.29:

> *Então Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes importa obedecer a Deus do que aos homens.*

Tua mulher se prostituirá na cidade, e teus filhos e tuas filhas cairão à espada. Aquele mal informado e apóstata "sumo sacerdote" teve a coragem de denunciar Amós. Mas, ali mesmo, a mente do profeta Amós foi aberta para que visse o que aconteceria ao réprobo: ele sofreria uma série de desgraças e desastres: 1. sua esposa tornar-se-ia uma prostituta comum nas ruas de Betel, ou, mais provavelmente ainda, em alguma cidade assíria, para onde seria levada como cativa; 2. os filhos e filhas de Amazias nunca sairiam de Israel, pois estariam entre as incontáveis vítimas que a espada dos assírios fariam; 3. o próprio Amazias seria levado para a Assíria, onde eventualmente morreria, naquele lugar *imundo*. "A violação das mulheres, a execução dos jovens, a divisão das propriedades entre os vitoriosos e o exílio dos líderes, tudo fazia parte do tratamento comumente dado a povos conquistados... Amazias iria para uma terra *imunda*, onde eram proibidos os sacrifícios a Yahweh.

Israel certamente será levado cativo. "Estas palavras reiteram a linguagem de Amazias, no vs. 11. Sua sorte seria como a da terra inteira" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*). O embotado "sumo sacerdote" teve a chance de evitar a condenação prevista por Amós, mediante o arrependimento. Mas ele seguiria teimosamente seu caminho rebelde e veria o cumprimento de cada item da temível profecia. E isso não demoraria muito. Não se ouve mais sobre Amazias, nas páginas das Escrituras, mas podemos presumir que as coisas previstas se cumpriram. Cf. este versículo com II Reis 17.6. Ver também II Reis 15.10,14,16,18,27 e 17.5 quanto a detalhes. No *Dicionário*, o artigo chamado *Cativeiro Assírio* fornece mais detalhes sobre todo esse lamentável acontecimento.

Capítulo Oito

A Cesta de Frutos do Verão (8.1-3)

8.1

O Senhor Deus me fez ver isto... um cesto de frutos de verão. *Adonai-Yahweh* (o Senhor Soberano) tinha outra lição objetiva para o profeta Amós. Ele era o Senhor Supremo e estava cumprindo Sua vontade na Terra Prometida, conforme demonstrado pelo Seu título divino. Esse nome aparece 19 vezes neste livro, mas apenas 5 vezes nos outros livros dos Profetas Menores. É usado 217 vezes no livro de Ezequiel, mas apenas 103 vezes no restante do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Teísmo* e *Soberania de Deus*. A *Providência de Deus*, em seus aspectos positivo e negativo, controla as coisas na vida dos homens e na história das nações. Ver também sobre esse título.

A ordem do Senhor soberano foi que o profeta Amós observasse uma cesta cheia de frutos de verão, para que aprendesse uma importante lição. Os frutos de verão são aqueles que amadurecem no verão e então são colhidos no outono. Esse fruto estava *maduro* (literalmente, "o fim chegou"). Israel estava maduro para a condenação. O dia tinha acabado; o verão tinha terminado; o sopro gélido do inverno estava perto de soprar.

8.2

Que vês, Amós? E eu respondi: Um cesto de frutos de verão. Os *frutos de verão* ("o fim chegou") significaria para Israel exatamente o que seu nome deixava implícito. Para aquela nação, o fim tinha chegado. Yahweh não continuaria a negligenciar o peado deles. "... e jamais passarei por ele". Vemos isso no fim de Amós 7.8, onde apresento notas expositivas detalhadas a respeito. Dou ali como várias traduções traduziram essa passagem. Para Israel, era tempo de colheita, da colheita final. Essa nação então passaria para o esquecimento, para

nunca mais levantar-se. Não haveria mudanças de último minuto, nem a execução seria suspensa. Subiriam orações aos milhares, mas seriam orações fúteis. "A porta da misericórdia estava fechada" (Ellicott, *in loc.*).

8.3

Mas os cânticos do templo naquele dia serão uivos. Na nação do norte não havia templo, mas apenas os santuários de Dã e Betei, e os muitos lugares altos serviam de templos, ou seja, lugares de ritos religiosos. Os sacrifícios eram momentos de júbilo. Cânticos, hinos e salmos acompanhavam os ritos e, em seguida, havia banquetes com música e danças. Porém, em vez de todo esse regozijo, haveria o som cacofano das lamentações. Isso aconteceria porque o Soberano supremo (Adonai-Yahweh; ver as notas sobre o vs. 1) assim decretara. Os locais dos santuários seriam cheios de corpos putrefactos. Por toda a parte os homens lançariam fora os cadáveres, em silêncio. Eles não teriam forças nem tempo para sepultar os mortos. Os poucos sobreviventes simplesmente deixariam os cadáveres entrar em decomposição nos santuários (para os quis os homens tinham fugido em vão, buscando refúgio) e nas ruas. Muitas casas contavam com corpos mortos, mas nenhum amigo ou vizinho (se é que existiam) chegava para prover sepultamentos decentes. Note o leitor o hebraico truncado, abrupto, entrecortado: "Muitos dos corpos mortos — em todos os lugares — ele os jogara fora — silêncio!". Cf. este versículo com Amós 5.2,3; 6.9,10 e 8.10. "Inúmeros cadáveres jaziam à superfície do solo para serem comidos pelos cães e pelas aves, ou para se tornarem esterco e fertilizarem os campos (ver I Reis 14.11; Jer. 8.2; 9.22; 16.4)" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*).

A Iniqüidade e a Condenação Iminente (8.4-14)

8.4

Ouvi isto, vós, que tendes gana contra o necessitado. A começar neste ponto, temos uma série de declarações similares às encontradas nos capítulos 1-6 do livro de Amós. "Parece até que algumas das afirmações de Amós foram transmitidas por outra corrente de tradição, e fragmentos dessas afirmações estão atualmente embebidos em materiais que os relacionam às condições e às atitudes de um dia posterior" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*). A seção se demora sobre os vários tipos de impiedade praticadas nos últimos dias de existência de Israel, antes do golpe destruidor final, e por causa do que o golpe foi dado.

"A acusação contra Israel e a vinda do dia de lamentação (cf. Amós 5.18-20)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo). Aqueles réprobos andavam "exterminando os pobres", conforme diz literalmente o original hebraico. Alguns dizem aqui "esmagam sob os pés", o que é um significado possível. Fazer dinheiro e adquirir poder eram as regras do jogo, e os pobres só tinham valor naquilo em que podiam ser saqueados. Cf. este versículo com Amós 4.1 e 5.11, que lhe serve de eco. O resultado da opressão era eliminar os pobres (os mansos): morte material e morte física, literal; morte social.

8.5

Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? Os feriados religiosos e as festividades santas e, particularmente, os sábados semanais, atrapalhavam as atividades dos habitantes do reino do norte, por causa daquela ridícula lei do "não trabalhar", vinculada aos sábados. Como um homem negociante empreendedor poderia cumprir seus desígnios diante da interferência dos "feriados"? Justamente quando o comércio era bom, e quando negócios estavam sendo feitos e os produtos estavam sendo comerciados, eis que havia "outro feriado". Os romanos, no fim, tinham mais de 150 feriados, que eram pagos pelo Estado. A decadência do império romano, pois, era óbvia e fatal. Ver o pano de fundo para isso em Êxo. 20.8-11; 23.12; 31.14-17; 34.21; Núm. 28.11-15; II Reis 4.23; Isa. 1.13,14; Eze. 46.1-6 e Osé. 2.11. Naturalmente, a maioria dos comerciantes encontrava meios para frustrar as leis do "não trabalho". Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Lua Nova* e *Sábado,* quanto a detalhes.

Note o leitor a *falsificação* de pesos, um antigo pecado de Israel. Ver Deu. 25.13-15; Osé. 12.7. Essa prática fazia parte da opressão social em Israel. Ver também Lev. 19.35,36; Pro. 11.1 e Miq. 6.11.

8.6

Para comprarmos os pobres por dinheiro. Este versículo é virtualmente idêntico a Amós 2.6, onde ofereço notas expositivas, exceto que fala em "comprar", em lugar de "vender". Além de barganhar com toda a espécie de produtos, eles negociavam com seres humanos, no comércio escravocrata, tanto local quanto internacional. Os seres humanos, nesse comércio, custavam bem pouco: um par de sandálias podia comprar um escravo e até um pouco de trigo relativamente inútil, como aquele *varrido do chão* (NCV). O sofrimento e os sentimentos humanos nada significavam para aquelas feras humanas. Um homem podia vender-se como escravo por algum tempo, a fim de pagar suas dívidas, mas, nesse caso, devia ser tratado como um homem alugado, e não como um escravo, se fosse um judeu. Aqueles réprobos, no entanto, não obedeciam a nenhuma legislação, exceto a que diz: "Enriquece rapidamente". Cf. este versículo com Lev. 25.39,40, quanto ao justo tratamento conferido aos escravos judeus, se é que *algum tipo* de escravidão pode ser considerado justo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Escravo, Escravidão.*

8.7

Jurou o Senhor pela glória de Jacó. Yahweh jurou que não esqueceria nenhuma das obras daqueles homens ímpios. Se Jacó (Israel) tinha alguma razão para ser orgulhoso, se é que havia nisso alguma excelência, quanto a esse *valor* de Seu povo, Yahweh prestou juramento. A NCV faz aqui leve torção à declaração: "O Senhor usou o Seu nome, o Orgulho de Jacó, para fazer uma promessa. Disse Ele: 'Nunca me esquecerei do que essa gente fez'". O *nome* é equiparado ao Orgulho de Israel. Com base nesse nome, o juramento foi proferido. Cf. este versículo com Amós 4.2 e 6.8: Yahweh jurou por Si mesmo. O Orgulho de Jacó, neste caso, entretanto, tornou-se um nome divino, tão próxima era a conexão de Deus com Seu povo. Alguns intérpretes, entretanto, vêem neste versículo uma declaração irônica. A excelência do nome de Deus tinha sofrido degradação pela suposta excelência (orgulho) de Israel. Porém, o outro sentido parece preferível. "Tão certamente como vos levantei até tal estado e eminência, com igual certeza vos punirei em proporção às vossas vantagens e aos vossos crimes" (Adam Clarke, *in loc.*).

8.8

Por causa disto não estremecerá a terra? O juramento divino provocaria o pisar da Terra Prometida pelos assírios, pois seria o dia do julgamento e do terror. Haveria advertência universal quando *o povo* (como águas inquietas) se levantasse como as águas do rio Nilo, fosse jogado para o alto e afundasse de novo. Os vss. 8-10 falam em terremoto, trevas e lamentação, coisas associadas a julgamentos temíveis. A enchente anual do rio Nilo era um acontecimento público, sem o qual não haveria fertilidade do terreno e, em conseqüência, agricultura. Algumas vezes, entretanto, a cheia das águas era inesperadamente grande e destruidor. É a esse acontecimento que o profeta se referiu. Mas alguns estudiosos vêem aqui um terremoto literal, comparado às enchentes destruidoras do rio Nilo. Seja como for, haveria grandes perturbações, imensas destruições, enormes sofrimentos. A invasão assíria é aqui anunciada como se fosse um abalo sísmico.

8.9

Farei que o sol se ponha ao meio-dia. Ou o profeta Amós falava aqui de *acontecimentos cósmicos* de grande envergadura, ou então sua linguagem era metafórica; provavelmente esta última possibilidade. O sol desaparecia inesperadamente, deixando a terra em trevas totais. Esse fenômeno ocorreria exatamente ao meio-dia. Se isso fosse um acontecimento literal, não restaria vida em Israel, nem na terra inteira. Seria o fim súbito de toda a vida. Cf. este versículo com Amós 5.18-20, onde encontramos semelhante declaração. O Dia do Senhor seria um dia de *trevas* (ver Amós 5.18). Um eclipse do sol dificilmente pode estar em pauta. Nada há de radical nisso. A metáfora de perturbações no sol fala sobre grandes calamidades. Cf. Jer. 15.9 e Eze. 32.7-10. Os antigos hebreus não faziam idéia das dimensões do sol, nem de sua imensa distância de nós. Supunham que o sol fosse uma luz para iluminar o dia, pendurada na alta atmosfera da terra. Era imaginável que o sol podia sair temporariamente de sua posição, sem que terminasse a vida sobre a terra. Essa idéia pode estar por trás do presente versículo, e podemos aceitar literalmente essa noção, *se* adotarmos a visão dos antigos sobre a natureza do sol, e não aquilo que sabemos atualmente sobre esse corpo luminoso.

8.10

Converterei as vossas festas em luto. Os tempos de festividades, as festas anuais e os vários feriados religiosos, que eram ocasiões festivas, seriam transformados em ocasiões de tristeza e lamentação. Os cânticos de júbilo seriam transformados em lamentações e *cânticos fúnebres.* Em vez de servirem de sinais de alegria, haveria os acompanhamentos da lamentação, como o *pano de saco* e os cânticos entristecedores, o cortar dos cabelos, a profunda tristeza como quando morre um filho amado e, finalmente, amargura generalizada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação,* que pode ser usado para ilustrar o versículo.

Este versículo fala em um *fim temível,* a saber, a *morte de Israel,* o filho de Yahweh. Os assírios podiam aplicar o golpe de morte a todo o povo. Quanto ao dia da morte de alguém como um *dia amargo* (a expressão que se acha neste versículo), ver I Sam. 15.32; Jó 21.25 e Eclesiastes 7.26. Os mortos seriam chorados pelos poucos sobreviventes, os quais acabariam cativos, completando a cena de morte.

"Embora o começo do dia fosse brilhante e claro, havendo ótima luz do sol, contudo, o fim do dia de Israel seria escuro e amargo. Seria um dia de aflição e tristeza. Seria o fim de um povo" (John Gill, *in loc.*).

8.11

Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus. A *fome* é uma das armas cardeais do arsenal de Deus que Ele usava com freqüência para castigar a um povo desobediente. Mas havia uma fome ainda mais grave: a que tomava as palavras do Senhor e deixava o povo destituído de instruções espirituais. Por longo tempo, Israel fora privado nesse sentido e, no entanto, não sentira fome pela palavra de Deus. A fome espiritual é tão fatal quanto fome de pão. O povo de Israel rejeitara as palavras do profeta Amós (Amós 2.11,12; 7.10-13,16), pelo que essas vantagens seriam tiradas de Israel. Não haveria conforto ou instrução, nem haveria como sair do caminho da condenação. O profeta tinha as palavras da vida (cf. João 6.68). A lei de Moisés tinha por desígnio transmitir *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11). A obediência às suas instruções daria ao povo vida longa e próspera. Israel seria libertado dos assírios. Além disso, haveria indícios de uma vida além-túmulo, pois as palavras de Yahweh estão diretamente relacionadas à vida do outro lado da porta da morte, situada entre este mundo e o próximo. A remoção da palavra também significava o fim do chamado ao *arrependimento,* sem o qual não poderia haver vida para Israel.

8.12

Andarão de mar a mar, e do norte até ao oriente. Essa é a busca que ocorreu tarde demais: "O povo vagueará do mar Mediterrâneo ao mar Morto. E percorrerão o território do norte para o leste. Eles buscarão a Palavra do Senhor, mas não a acharão" (NCV). A palavra e o chamado ao arrependimento tinham sido suspensos, assim sendo os assírios se aproximaram para matar. Vemos aqui que a tristeza deles forçou-os a buscar o antigo caminho, a fim de que, na renovação, eles pudessem escapar da temível condenação. Ver Amós 5.4-6. Porém, a glória do Senhor se havia afastado: *Icabô* foi a palavra inscrita sobre a Terra Prometida inteira. Ver sobre essa palavra, no *Dicionário*. O homem não vive somente do pão (ver Deu. 8.3). Essa foi outra verdade que aqueles idólatras-adúlteros-apóstatas aprenderam tarde demais. O arrependimento é sempre popular em tempos de aflição. Nações inteiras buscam pelo arrependimento em tempos de desastres e guerras nacionais, mas raramente há alguma substância real nesse arrependimento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Arrependimento.*

Espírito Santo, com Luz Divina,
Brilha sobre este meu coração;
Espanta as sombras da noite,
Transforma minhas trevas em dia.
Espírito Santo, com poder divino,
Limpa este meu coração culpado.
Há muito o pecado, sem controle,
Dominou esta minha alma.

(Andrew Reed)

8.13

Naquele dia as virgens formosas e os jovens desmaiarão de sede. Além da fome literal e espiritual, os israelitas também sofreriam sede literal e espiritual. O "creme" da Terra Prometida, as belas virgens e os jovens, não escaparia das condições temíveis, quanto mais os que não eram tão bonitos. Estavam cheios da energia da juventude, mas em breve seriam reduzidos a nada. Essas palavras reverberam Amós 5.2: "Caiu a virgem de Israel, nunca mais tornará a levantar-se; estendida está na sua terra, não há quem a levante". Cf. este versículo com Zac. 9.17. Se os belos e vigorosos caem, onde aparecerão os fracos e menos privilegiados? Este versículo, como é lógico, fala sobre a apostasia do creme da Terra Prometida. Eles seguiram o exemplo de seus antepassados e se abrigaram na idolatria e na corrupção. Abandonaram as águas da vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água,* onde são discutidos os usos metafóricos desse vocábulo.

Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram,
o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas
rotas, que não retêm as águas.

(Jeremias 2.13)

8.14

Os que agora juram pelo ídolo de Samaria. Em vez de prestar lealdade a Yahweh, eles a deram ao ídolo de Samaria, divindade pagã também referida em II Reis 17.30. Temos a forma composta *Ashem-Betel* nos papiros elefantinos do século V A. C. Está em vista um deus reconhecido por Israel na colônia judaica da fronteira com o Egito. Porém, mediante pontos vocálicos, a palavra que significa *culpa* (*a'shimah*) torna-se *'ashmah,* termo hebraico preferido por algumas traduções e intérpretes. Mas provavelmente está em pauta um tipo de idolatria que fazia parte da apostasia de Israel. Essa divindade participava do panteão da apostatada tribo de Dã. Os israelitas, pois, juravam pelo nome dessa divindade, como se fosse uma entidade "viva". Tais juramentos, como é claro, imitavam os juramentos feitos pelo Deus vivo de Israel, pelo que temos aqui uma blasfêmia adicionada à idolatria. Além disso, o *deus patrono* de Berseba (outro santuário existente na nação do norte; ver Amós 5.5) também era usado nos juramentos, e era chamado "vivo", em imitação ao vocabulário usado no yahwismo. Mas os adoradores e seus deuses cairiam no nada da destruição final, na qual todos estariam simplesmente *mortos.* Quanto aos ídolos do bezerro de Samaria, ver Osé. 8.5,6; e, quanto aos ídolos servidos pela tribo de Dã, ver I Reis 12.28-30; II Reis 10.29. Note o leitor a idéia deste versículo, "de Dã a Berseba", ou seja, do extremo norte ao extremo sul da nação, incluindo assim *todo o Israel.* Ver Juí. 20.1; I Sam. 3.20; II Sam. 3.10; 17.11; 24.2; I Reis 4.25; II Crô. 30.5. Quanto ao "Deus vivo", ver Deu. 5.26; Jos. 3.10; Sal. 42.2; Isa. 37.4,17, entre outras passagens.

O culto de Berseba. O *caminho dos peregrinos* era um lugar abençoado, e juramentos eram feitos por ele, tal como os muçulmanos hoje em dia falam sobre o caminho para Meca. Contudo, também pode estar em vista o *deus patrono* daquele lugar. Alguns estudiosos supõem que esteja em vista a "maneira de adorar". Sem importar qual seja o sentido exato dessa frase, a essência do versículo é clara: a idolatria da nação do norte foi condenada como o caminho que conduz à morte.

Capítulo Nove

Caráter Final da Condenação Predita (9.1-7)

A Quinta Visão e Sua Seqüela (9.1-4)

"A Quinta Visão. O Senhor, de pé ao lado do altar, ordenou uma destruição da qual Seu povo não conseguiria escapar. Eles se encaminhavam ao *sheol,* o lugar dos mortos (ver Jó 10.19-22; Isa. 14.11,15). Não havia como se esconder de Deus (ver Sal. 139.7-12)" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução à seção). Esta *quinta visão* representa Yahweh, o Soberano do universo (cujo nome é Adonai-Yahweh; ver Amós 8.1), como quem brandia contra Seu povo uma espada da qual seria impossível alguém escapar. O ataque dos assírios em breve se processaria e seria fatal para toda a nação de Israel. O capítulo 7 fornece *três* visões, e Amós 8.1-3 apresenta a *quarta* visão. Chegamos agora à *quinta* e última visão do livro de Amós. Portanto, as cinco visões são: 1. os gafanhotos; 2. o fogo; 3. o prumo; 4. a cesta de frutos de verão; 5. o Senhor e Sua espada.

9.1

Vi o Senhor, que estava em pé junto ao altar. *Adonai-Yahweh,* que também é *Sabaote,* o General dos Exércitos, brandia a maior espada de todas. A destruição estava na mão Dele e seria total para a nação de Israel. Primeiro ele ferirá a adoração idólatra. Os capitéis no limiar do templo foram feridos; e fragmentos caíram sobre a cabeça do povo de Israel. Aquilo em que eles pensavam ter encontrado vida de súbito tornou-se instrumento de morte para eles. Os que escapassem do primeiro golpe seriam fatiados pela espada de Yahweh. Alguns tentariam fugir, mas não escapariam. Um minúsculo remanescente seria enviado para a Assíria como escravos, e assim, em um sentido verdadeiro, nenhum indivíduo de Israel conseguiria escapar. Yahweh lhes aplicaria um golpe esmagador, como se fosse um terremoto divino. Ninguém conseguiria salvar-se do golpe devastador. Cf. Amós 2.14 ss. O alcance do poder de Yahweh, pois, seria universal. Não haveria nenhuma ocupação parcial da Terra Prometida. Israel seria simplesmente obliterado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Assírio,* quanto a detalhes.

Note o leitor que essa destruição, iniciada perto do *altar,* está vinculada aos santuários do norte (ver Amós 8.14), que eram três principais: em Dã e Berseba, e devemos também compreender Betei.

9.2

Ainda que desçam ao mais profundo abismo. Os israelitas poderiam até tentar cavar a terra até o *sheol,* para ali buscar refúgio. Dessarte, estariam invadindo o território dos espíritos dos que já tinham morrido. O *sheol* era concebido como um grande lugar subterrâneo, abaixo da superfície do globo terrestre. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia,* que ilustra o que os hebreus pensavam sobre a cosmologia e a estrutura da criação. A doutrina do *sheol* demorou muito para desenvolver-se. A princípio o termo era somente um sinônimo para

"sepultura". Lentamente adquiriu outros significados e, finalmente, no capítulo 16, encontramos o "sheol" como lugar onde ficam os mortos, tanto os bons quanto os maus. Ali há uma divisão apropriada para receber os homens pertencentes a essas duas classes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hades,* que ilustra as mudanças havidas ao longo do caminho quanto a essa idéia. Ver Sal. 88.10; 139.8; Isa. 14.9 e 29.4, onde vemos modificações nessa doutrina, a partir da mera idéia da "sepultura". Em I Ped. 3.18-4.6 temos uma missão de misericórdia da parte de Cristo, após Sua morte, mas antes de Sua ressurreição, ocorrida no "sheol". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades.*

Além de tentar cavar o terreno e descer ao "sheol", aqueles réprobos poderiam tentar subir ao céu, para ali achar refúgio, mas o poder de Yahweh haveria de arrastá-los para baixo. Este versículo, pois, é metafórico, falando de tentativas impossíveis para escapar à temida sorte que esperava o povo idólatra-adúltero-apóstata de Israel. "Escapar do Senhor universal é uma impossibilidade" (Ellicott, *in loc.*). Diz o Targum: "Se eles pensarem em ocultar-se, por assim dizer, no inferno, seus inimigos os encontrarão, por meio de meu decreto; e se ascenderam para as elevadas montanhas, para o topo dos céus, eu os derrubarei dali". Cf. Sal. 139.8: "Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também".

9.3

Se se esconderem no cume do Carmelo, de lá buscá-los-ei. Este versículo repete as idéias do vs. 2, embora usando imagens diferentes. Aqui, em lugar dos céus, temos o "cume do monte Carmelo", para onde eles tentariam fugir, a fim de escapar do avanço do exército assírio. E, no lugar do "sheol", encontramos o "fundo do mar", para onde tentariam descer a fim de escapar ao inevitável julgamento divino. Mas ali um monstro marinho apareceria e os morderia, enviado por Yahweh com essa missão especial. Também poderiam tentar ocultar-se em florestas e cavernas, montanhas e águas, ou até mesmo nos céus de Deus, ou no melancólico *sheol.* Mas o Senhor onipresente haveria de achá-los em todo e qualquer lugar, ferindo-os com a espada dos assírios.

Talvez devamos pensar em *Raabe*, o monstro marinho, a personificação do poder do mar (ver Jó 26.12,13; Sal. 74.13,14; Isa. 27.1). Naturalmente, de acordo com a mitologia semítica, esse monstro é de origem divina, mas finalmente foi derrotado por Yahweh. Seja como for, esse acúmulo de metáforas fala sobre a *inevitabilidade* do julgamento divino, cuja finalidade era exterminar um povo inteiro.

9.4

Se forem para o cativeiro diante de seus inimigos... Os poucos israelitas que fossem para o cativeiro não estariam em segurança ali. A espada haveria de segui-los e mataria mais uns tantos. Os que sobrassem seriam deixados em miserável estado de escravidão. Outro tanto foi dito acerca dos sobreviventes de Judá que foram levados para o cativeiro babilônico (ver Jer. 9.16). Os olhos penetrantes de Yahweh haveriam de segui-los até ali, cuidando para que sofressem o mal e não gozassem do bem. E assim os filhos de Israel haveriam de aprender algo sobre a *jurisdição universal* de Yahweh. Ele governava na Assíria também, e não somente em Israel. Se usualmente Seus olhos cuidavam de Seu povo com cuidado vigiante, agora os olhos do Senhor tornar-se-iam chamas de fogo que os sabrecariam. Coisa alguma conseguiria ocultá-los da espada incansável e das calamidades de várias espécies que os reduziriam a nada. "... os terríveis olhos de relâmpago do Deus que se vinga do pecado" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Terceira Doxologia (9.5-6)

9.5

Porque o Senhor, o Senhor dos Exércitos, é o que toca a terra. Quanto às duas outras doxologias, ver Amós 4.13 e 5.8,9. Essas três doxologias falam de Yahweh como o Senhor cósmico. As duas primeiras referem-se aos atos criativos de Deus como demonstração de Seu vasto poder. E a terceira volta a esse tema (ver Amós 9.6), falando essencialmente sobre a transcendental majestade de Deus como o Criador e o Governante tanto dos céus quanto da terra. O Criador é, por semelhante modo, o reto Juiz que sabe a quem precisa golpear. Mas esse Alto Senhor não se parece em nada com o Zeus dos gregos, o qual feria, com os seus relâmpagos, a qualquer um, conforme o capricho de sua vontade. Pelo contrário, Yahweh governa a tudo segundo os ditames das leis morais.

Este versículo repete, em parte, Amós 8.8, visto que sua segunda parte é a mesma coisa que a segunda parte daquele versículo. A primeira parte segreda-nos que *Adonai-Yahweh-Sabatote* (o Deus e Senhor Soberano, o General dos Exércitos) exerce Sua autoridade tocante na terra, de forma que ela se dissolve quando Ele encontra ali qualquer injustiça. É Ele quem faz os pecadores chorar diante da morte generalizada. Este versículo está falando de um poder sem limites que se manifesta contra o pecado, como quando um exército inimigo ataca um adversário. Deus é o soberano sobre o mundo material e sobre o mundo espiritual, nos céus ou na terra, em Israel e em outros países, igualmente. Cf. Amós 1.3-2.16; 3.9 e 9.4,7. Deus pode dissolver ou nivelar uma montanha com uma palavra (cf. Miq. 1.3,4 e Naum 1.5), pois as nações são apenas como poeira defronte Dele. Seu dilúvio pode inundar um país inteiro quando Ele se levanta em Sua ira, como o Nilo se ergue e inunda os interiores do Egito ao redor (Amós 8.8). Os pecadores gloriam-se, afirmando que o mal jamais poderá alcançá-los (vs. 10), mas isso é ridículo. Finalmente, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* apanha todo indivíduo. Ver sobre esse título no *Dicionário.*

9.6

Deus é o que edifica as suas câmaras no céu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia,* quanto à noção hebréia sobre a cosmologia. Encontramos aqui menção às *câmaras* dos céus, a residência de Deus, que se eleva acima da *cúpula* (firmamento), a taça invertida que encerra a terra. O arco do céu é, assim sendo, concebido como *construído juntamente,* fundado pelo poder divino, mas Deus está "ali", acima de todos, separado dos homens. O Poder de Deus também criou os *mares,* que ocupam mais de 70% da superfície do globo terrestre.

Yahweh, o Deus eterno, é o Seu nome. Esse era o nome mais sagrado dentre todos os nomes divinos, e, para a mente dos hebreus, um nome que não devia ser pronunciado. Ver sobre esse nome no *Dicionário.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nome,* e também Sal. 31.3. Ver sobre *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21.

Câmaras no céu. Ou seja, o trono real de Deus, referido na linguagem que descreve os degraus que levavam ao trono de Salomão (ver I Reis 10.18,19).

Relações de Deus com Outros Povos (9.7)

9.7

Não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes? A nação de Israel caíra no desprazer de Yahweh. Eles tinham quebrado os pactos e abandonado a lei, que os tornava um povo *distinto* (Deu. 4.4-8), pelo que não mais eram um povo distinto. Agora, o profeta anuncia a importante mensagem de que *todas as nações* são guiadas pela providência de Deus. Lemos em Atos 17.26: "De um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidas e os limites da sua habitação".

Israel fora tirado do Egito, fato mencionado mais de 20 vezes, só no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 4.20. Isso tornou Israel um povo distinto, mas eles perderam esse caráter distintivo. Outros povos haviam tido seus êxodos, embora através do poder e do desígnio de Yahweh: 1. Os filisteus foram tirados de *Caftor* (ver a respeito no *Dicionário*) e conduzidos a uma nova terra, que chegaram a possuir. *Creta* está em vista. 2. Os sírios foram trazidos de *Quir* (ver a respeito no *Dicionário*), a antiga terra no nordeste distante. Esses povos também tinham sido sujeitos da providência divina. Por conseguinte, temos aqui o anúncio de uma espécie de universalismo, a providência de Deus que cuida de todas as nações, idéia que se aproxima cada vez mais do Novo Testamento: "Pois Deus amou o mundo de tal maneira... ". A aplicação dessa idéia é que um povo apostatado não tinha exclusividade. Um povo apostatado pode sair do favor divino, e outro povo qualquer pode tomar seu lugar. As leis morais de Deus continuaram a ter plena expressão, e a soberania de Deus opera em consonância com Sua lei. Cf. Amós 3.2, onde lemos que Deus "conheceu" somente a Israel; mas isso cede lugar a uma verdade superior, tal como o calvinismo radical deve ceder caminho para uma *verdade superior,* que inclui a aplicação universal do amor de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.*

Os *etíopes* foram mencionados juntamente com os filisteus e os sírios, embora nenhum êxodo dos etíopes seja especificado. Mas a menção a eles foi suficiente para os propósitos do autor sagrado. Eles viviam na região que hoje é o sul do Egito. Os judeus pensavam que os etíopes eram estranhos, estrangeiros e destituídos de importância, mas a lição é que todos os povos são importantes para o Senhor. O texto se aproximava da verdade do Novo Testamento.

Epílogo (9.8-15)

9.8

Eis que os olhos do Senhor estão contra este reino pecador. O ensino de Amós, que acabava de ser proferido, dizia respeito à base da doutrina da restauração de Israel, por meio da purificação. Se existe amor universal, deve haver também restauração universal. Mas isso não pode ser conseguido mediante um julgamento de purificação. Todos os juízos de Deus são restauradores em sua natureza, e não meramente retributivos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração.* Ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado.* Ver também Efé. 1.9,10.

Julgamento de Purificação (9.8-10)

A ira de Deus deve operar, mas não até consumir tudo. Haverá total aniquilamento da apostatada nação de Israel, mas também haverá um Novo Dia de restauração para esse povo. Será beneficiada a "casa de Jacó" (um nome de Israel; ver Amós 3.13 e 5.4). O profeta Amós não esclareceu como isso virá a acontecer, sendo provável que ele não soubesse como essa restauração ocorreria. A questão fica ao encargo do amor de Deus. A queda de Samaria ocorreu em 722 A. C. Os assírios aniquilaram a nação do norte, Israel, naquele ano; no entanto, todo o Israel será salvo (ver Rom. 11.26). Os vss. 8-10 selam a condenação de Israel, mas os vss. 11-15 trazem Israel de volta. Tal é a operação da maravilhosa *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*).

Quer alguém durma, ande ou se assente ocioso,
Insensível e mudo, a Justiça lhe persegue os passos.
...
E imaginas que conseguirás algum tempo vencer
A sabedoria divina? E imaginas que conseguirás
Que a retribuição fique distante aos mortais?
Bem perto, embora invisível, ela vê e sabe tudo,
E a quem deve ferir. Mas tu não sabes
Quando, repentina e subitamente,
Ela virá e arrebatará
Os perversos da face da terra.

(Ésquilo)

9.9

Darei ordens, e sacudirei. A sacudidela que atingiria o povo de Israel dar-se-ia através do *crivo divino.* Toda a poeira inútil cairia por terra e entraria no esquecimento. Mas se houver algo diferente, algo bom, isso será como um seixo que não passa pelo crivo e assim será salvo da sacudidela geral do juízo divino. O pó inútil (a parte apostatada do povo de Israel) seria soprado por todas as regiões do mundo, em um exílio fatal e final. "Assim como uma peneira fina permite que passem a palha e a poeira, mas apanha o grão bom, assim também Deus peneirará e salvará qualquer indivíduo justo entre o Seu povo" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*). Esse povo, porém, tem vitalidade indestrutível, por causa de Abraão e do pacto com ele (ver Gên. 15.18 quanto a notas expositivas). Ver Rom. 11.26 e Jer. 314. "... a pedrinha, o seixo... não um deles, por menor e mais desprezível que fosse, quando chegasse o tempo certo, seria deixado para trás. Todos serão colhidos em Cristo e levados para a sua própria terra" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.10

Todos os pecadores do meu povo morrerão à espada. Morte violenta aguardava os pecadores que recusaram dar ouvidos à mensagem de Amós e arrepender-se. Segundo eles pensavam, eram auto-suficientes, mas ficou demonstrado, afinal de contas, que eles dependiam totalmente de Yahweh, a quem haviam rejeitado. Portanto, o dia mau os alcançou, mostrando o nada que eles eram. Aqueles arrogantes apóstatas eram autocentralizados, quando, na realidade, existe somente *Um Centro* no universo. Eles viviam distantes do Fogo Central e terminaram enregelados. As presunções de um homem não lhe fazem bem algum, quando chega o dia da crise. Cf. este versículo com Amós 9.1 e 4. Ver também Amós 6.1-3,13. "... tão ousados e desavergonhados, tão irreligiosos e ateus eram eles em pensamentos, palavras e obras... logo, cada um tinha de ser destruído" (John Gill, *in loc.*).

A Restauração do Reino Davídico (9.11-12)

9.11

Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi. No vs. 7, vemos o amor universal de Deus. Agora vemos esse amor estender a mão para tocar o povo de Israel, quanto à restauração de seu reino. Ver no *Dicionário* o artigo *Restauração de Israel.* Isso é, estar "naquele dia", que não é vinculado ao que aparece antes e deixa a questão vaga e sem data. Essa é uma promessa divina para os "últimos dias", embora Amós não tenha usado essa terminologia.

"A profecia sobre a restauração do tabernáculo de Davi (ou seja, da dinastia davídica) e a gloriosa era vindoura, quando os montes destilarão vinho doce e o Senhor implantará novamente Seu povo na Terra Prometida (vss. 13-15)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Os críticos supõem que esta seção seja uma adição ao livro original de Amós. Porém, mesmo que essa opinião corresponda à verdade, ela meramente expande o que já se encontra no livro. Ver Amós 3.12; 5.3,4,6,14,15. Cf. Atos 15.16,17.

O "tabernáculo", ou "tenda" de Davi, tinha sido esmagado no chão. Com o cativeiro babilônico, a linhagem de Davi cessou em Judá e até hoje ainda não foi restaurada, em sentido algum. Todos os lugares de Israel-Judá foram derrubados, mas Deus é poderoso para levantar de novo o tabernáculo e consertar os lugares quebrados, reunindo novamente seus pedaços. As ruínas serão reconduzidas à glória anterior. O tabernáculo será como antes, só que maior, porque o Messias, que pertence à linhagem de Davi, se apossará do trono de Israel. "Naquele dia, restaurarei a tenda caída de Davi. Repararei seus pedaços partidos; restaurarei suas ruínas e a construirei de novo, para que seja como costumava ser" (NIV). O *dia de trevas* e destruição (ver Amós 2.16; 3.14; 5.18-20; 8.3,9,11,13) tinha reduzido tudo a escombros. Mas Deus se ocupará no negócio de reparar ruínas, sendo esse o motivo pelo qual podemos regozijar-nos e manter a esperança. Quanto à restauração de Israel, cf. Sal. 102.13,14; Isa. 12.1; Jer. 30.9; Eze. 34.24; 37.24. Ver também Efé. 2.20.

9.12

Para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome. Parte da restauração do trono de Davi será a restauração do território de Israel. As fronteiras ultrapassarão as antigas fronteiras, incorporando, por exemplo, o território que antigamente pertencia a Edom, provavelmente apenas um exemplo da expansão futura. Edom é mencionada porque aquele lugar esteve em amarga rivalidade com Israel-Judá. Cf. Gên. 27.40. Tarefas impossíveis serão realizadas e problemas antigos serão resolvidos. O Pacto Abraâmico incluía a Terra Prometida (ver as notas em Gên. 15.18). Mas este versículo fala de uma restauração ainda maior, ou seja, a de "todas as nações". Essas nações serão chamadas pelo nome de Yahweh, o que significa que a profecia de Isa. 11.9 terá cumprimento. "... as outras nações me pertencem" (NCV). Naturalmente, temos aqui o ponto de vista judaico sobre a questão: aquelas nações serão glorificadas em Israel, visto que Israel tomará conta de suas terras, para seu próprio engrandecimento. Seja como for, trata-se de uma grande esperança, que está em harmonia com a melhor parte das profecias dos hebreus. "Em Atos 15.16-18, a Septuaginta, no presente texto, é citada livremente para mostrar que os profetas tinham predito que Deus visitaria os gentios, 'para tomar dentre eles um povo par o seu nome'... Embora o texto hebraico não estenda tanto seu alcance espiritual, mesmo assim considera s conquistas que fizeram o povo de Israel grande no passado não simplesmente como as conquistas de Davi, mas como as conquistas de Yahweh" (Hughell E. W. Fosbroke, *in loc.*). "O reino unido, sob o seu Rei davídico, tornar-se-á, então, a fonte da bênção para todos os povos gentílicos... trazer o nome de alguém significava estar sob o governo e a proteção daquele pessoa (cf. Deu. 28.9,10; II Sam. 12.26-28; Dan. 9.18,19). Todas as nações pertencem a Deus (cf. Amós 1.3-2.16; 3.9; 9.4,7) e, por conseguinte, estarão incluídas no reino davídico futuro" (Donald R. Sunukjian, *in loc.*).

A Liberalidade da Natureza (9.13)

9.13

Eis que vêm dias, diz o Senhor. Este versículo, como é provável, deve ser entendido como tendo implicações metafóricas, mas, primariamente, é um excelente pronunciamento de fertilidade e abundância agrícola. O povo do reino de Deus terá magnificente agricultura, porquanto Yahweh também abençoa a terra, juntamente com o povo que nela habita. Será removida a maldição sobre a terra, por causa do pecado (ver Amós 4.6). Ver também Lev. 26.3-10; Deu. 28.1-14. "Uma pessoa continuará a colher a safra quando chegar o tempo de arar de novo o terreno" (NCV). Isso ilustra a alta produtividade da terra, bem como as condições ideais do tempo. Não haverá mais secas e pragas. Não haverá mais tribulação de guerra, que sempre prejudicou a produção agrícola. "A pessoa estará ainda extraindo o suco de suas uvas quando chegar o tempo de plantar de novo" (NCV). Então, metaforicamente falando, "Vinho doce destilará dos montes. E se derramará pelas colinas" (NCV). Haverá tamanha abundância de vinho que será como um rio a fluir das colinas e a encher os vales. A abundância agrícola seguirá paralelamente aos grandes feitos espirituais, porque a segunda é que causará a primeira. Em Israel, as vinhas eram plantadas ascendendo terraços, e esse fato está por trás da figura. Cf. Joel 3.18, sobre o qual este versículo talvez repouse. "... coisas boas temporais são emblemas das realidades espirituais. Ver Lev. 26.5, onde algo pertencente à mesma natureza é prometido e expresso mais ou menos da mesma maneira" (John Gill, *in loc.*).

A Volta dos Exilados (9.14-15)

9.14

Mudarei a sorte do meu povo Israel. A profecia de Amós termina com uma nota otimista, e é assim que nossa teologia deve ser encerrada. Amós colocou Israel em meio a terrível tempestade e disse: "É assim que as coisas permanecerão". Mas então teve um segundo pensamento, mais sóbrio, e declarou: "Mas a graça de Deus reverterá, finalmente, essa situação". Além disso, também devemos afirmar que a reversão será produzida pelo próprio julgamento divino, visto que todos os julgamentos de Deus são remediais, e não meramente retributivos.

Tal é a maravilhosa operação da vontade de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mistério da Vontade de Deus.* E ver também Efé. 1.9,10.

9.15

Plantá-los-ei na sua terra. Não somente Israel viverá em paz e segurança, mas, visto que estarão sob a bênção divina, eles gozarão de riquíssima abundância. A frustração da guerra e das destruições será revertida inteiramente. Eles serão arrancados do cativeiro universal, a dispersão romana, e reconstruirão suas cidades. E então a agricultura abundante, descrita com detalhes no vs. 13, caracterizará a vida na sua terra restaurada (que terá fronteiras grandemente expandidas; vs. 12). Nenhum inimigo chegará para roubar os frutos de seus labores. O que obtiverem com o seu trabalho pertencerá a eles. Então haverá aprazimento no que fizerem, pelo que não precisarão temer nem trabalho nem labor. Cf. este versículo com Gên. 13.14,15; 17.7,8; Deu. 30.1-5; II Sam. 7.10; Jer. 30.11-19; Joel 3.17-21; Miq. 4.4-7; Eze. 37.25 e Zac. 14.11. Será o *Deus eterno* quem fará essas coisas em favor de Seu povo, a saber, *Yahweh,* Aquele que opera coisas boas, o *Poder* (Elohim), que é suficiente para tais realizações, conforme o versículo final do livro nos informa.

"Podemos confiar, além disso, que o tempo confirmará as convicções básicas de Amós, pelo que *toda a humanidade* exilada em sua miséria não terminará em um deserto de desespero e destruição. Pelo contrário, o tempo move-se na direção do cumprimento de tudo quanto é parcial, sendo completado tudo quanto for de fragmentar, a consumação do que é temporal e do que é eterno. Tudo terminará em Deus, de quem se origina toda a vida, e para quem toda a vida está determinada a voltar" (Sidney Lovett, *in loc.*). Ele poderá fazer isso por ser *Yahweh,* o Deus eterno que insuflará Sua eternidade ao que é temporal, e também por ser *Elohim,* o Poder universal capaz de fazer qualquer coisa.

Todo o poder seja atribuído a Adonai-Yahweh-Sabaoth pelo Seu amor universal.